UNIVERSITY
OF
TORONTO
LIBRARY

AS CEM MELHORES POESIAS

(LÍRICAS)

DA LINGUA PORTUGUESA

AS CEM MELHORES POESIAS

DE

DA LINGUA PORTUGUEZA

Lion.C
M621ce

AS

CEM MELHORES POESIAS

(LÍRICAS)

DA LINGUA PORTUGUESA

Escolhidas por
CAROLINA MICHAËLIS
DE VASCONCELLOS

133731
8/9/14

LISBOA: FERREIRA LIMITADA, RUA DO OURO, 132
RIO DE JANEIRO: DA SILVA E CIA, RUA 7 DE SETEMBRO, 34
PARIS: A. PERCHE, 45 RUE JACOB
BERLIN W 30: WILHELM WEICHER, HABERLANDSTR. 4
BRUXELLES: ÉMILE GROENVELDT, 13 RUE ST-BONIFACE
LAUSANNE: EDWIN FRANKFURTER, 12 GRAND-CHÊNE
LONDON & GLASGOW: GOWANS & GRAY, LTD.
1910

CEM MELHORES POESIAS

(LIRICAS)

DA LINGUA PORTUGUEZA

Escolhidas por

CAROLINA MICHAËLIS
DE VASCONCELLOS

Lisboa: Typhogr. Lallemant, Rua do Ouro, 122
Rio de Janeiro: Da Silva & Cia, Rua 7 de Setembro, 84
Paris: A. Picard, 45 Rue Jacob
Berlin W 35: Wilhelm Weber, Hasenheide, 4
Bruxelles: Ernest Guyot-Muller, 15 Rue St-Boniface
Lausanne: Bonty Payot-Rutty, 12 Grand-Chêne
London & Glasgow: Gowans & Gray, Ltd.
1910

PREFÁCIO

As cem composições líricas portuguesas (de poetas mortos) que reuni nas páginas seguintes, coligidas após longas hesitações entre milhares d'elas, não serão talvez as melhores, em absoluto, que existem. Tomando á letra o título estabelecido, ou guiando-me só por minhas predilecções individuaes, apresentaria exclusivamente versos do *Cantor dos Lusiadas*. E isso sem esgotar nem de longe os incomparáveis tesouros, acumulados na parte auténtica das suas *Rimas:* tal é a superioridade do Príncipe dos Poetas nacionaes. Ou então, recorreria a mais alguns autores, em que a alma portuguesa, namorada por excelência, encarnou com maior perfeição: Bernardim Ribeiro; Cristóvam Falcão; Almeida-Garrett; João de Deus. E juntar-lhes-hia Antero de Quental; pois não se tratava, nem se trata, de um Cancioneiro de amor.

D'esse modo eu não realizava, comtudo, o plano dos Editores. *Antologias*, como as que eles publicam nas principaes linguas europeas, são exposições de arte (quer retrospectivas, quer contemporáneas). Não contém todavia, como *Selectas* escolares, para documentação seguida da Historia da Literatura, amostras de todos os poetas de certo renome, mesmo d'aqueles cujo valor é mais *cultur-historico* do que artístico. Indispensáveis para os leigos que, não tendo tempo nem vontade de percorrer volumes e volumes, desejam ainda assim fruir, na convivência repetida com poetas exímios, de exemplos típicos das variadas formas de arte, em que o espírito de épocas sucessivas se manifestou de preferência,—as *Antologias* devem apresentar uma selecção rigorosa de obras de positivo mérito estético, que dêm ideia aproximada da evolução da poesia através dos séculos.

Forçoso foi portanto dar a palavra, tambem neste livrinho, a maior número de poetas, antigos e modernos. Entre as legiões de imitadores que o suave clima da occidental praia lusitana sazonou, escolhi e tentei agrupar, por ordem cronológica, em volta das figuras primaciaes, de génio criador e nota

pessoal, aqueles de segunda e terceira ordem, que pela terna afectuosidade e melancolia apaixonada de seus versos confirmam porém a fama tradicional do génio pátrio, ou a completam e modificam.

Dos dois mil cantares do primeiro período, trovadoresco, tirei apenas meia-duzia, no gosto popular, de naturalismo ingénuo e espontaneidade encantadora.

A segunda época, injustamente desprezada como fútil e trivial, representei-a pelos corifeus que floresceram de 1500 em diante: *Gil Vicente*, cujo lirismo deriva em linha recta do veio nacional dos séculos XIII et XIV; o enciclopédico *Garcia de Resende*; o sentencioso *D. Francisco de Portugal*; e os iniciadores do bucolismo *Bernardim Ribeiro* e *Cristóvam Falcão*.

Os autores da idade de ouro (*Sá de Miranda* e seus discípulos; *Luis de Camões* e os Camonistas, até 1640) ocupam espaço relativamente vasto, comquanto insuficiente. Avultam naturalmente neste livrinho as composições clássicas, segundo o gosto do Renascimento (nas formas hendecassilábicas, nadas e criadas

no solo fertil da Itália), de idealidade sublimada e linhas arquitectónicas monumentaes, mesmo no molde restrito dos *Sonetos*. Mas a par d'essas ha outras, não menos belas, nos curtos metros nacionaes que servem na perfeição para os géneros fáceis e simples de origem peninsular. E felizmente quasi todos os Quinhentistas e Seiscentistas tiveram o bom-gosto de não largar a quadra, nem as quintilhas, nem as décimas, nem o verso de Jorge Manrique e seus congéneres.— Lamento que não me fosse possível multiplicar os exemplos d'essas poesias de ocasião, porque entendo que entre as *Endechas*, as *Trovas*, os *Vilancetes*, as *Cantigas*, os *Motes glosados*, as *Esparsas*—galantarias de Portugal, o Velho, mas cultivadas ainda nos séculos XVI e XVII com gosto apurado—ha filigranas subtis, flores de perfume delicado, conceitos agudos, dignos de atenção.

Fui parcimoniosa com as frioleiras pomposas dos Cultistas, com as doçuras dos Árcades, e com as pedantarias prosaicas das Academias. E tambem com as excentricidades dos Românticos. Preferi reproduzir em um Soneto do em tudo grande D. Francisco Manuel de Melo e em dois de Tolentino

(quadros á Hogarth, dos que o pobre mestre-escola soube traçar com tanta propriedade) uns pálidos reflexos de outra feição característica da Musa portuguesa: certa graça festiva, tantas vezes pitoresca e picarescamente documentada em joguetes, epigramas e paródias.

Com os verdadeiros Portugueses que, na segunda metade do século XIX, rejuvenesceram a poesia, não pude ser tam copiosa como desejava. Com mágoa tive de omitir muita composição, minha favorita, que já tinha escolhido. Mesmo se cortasse o Ramalhete de lindas quadras populares e alguns Romances épico-líricos, com que julguei útil completar a *Antologia*, não caberiam nestas folhas.— Claro está que os Poetas Brasileiros requerem representação independente.

No apuramento dos textos lutei—e qualquer outro colector lutaria igualmente—com sérias dificuldades. Quanto ao período galego-português, os arcaïsmos da linguagem não admitem exemplificação abundante. Os cantares que escolhi são de facil leitura. Acuso-me, porém, de levíssimos retoques (modernizações),

como a substituição de *e u é?* (ubi est?) por *onde está?* No segundo e terceiro, e ainda no quarto período, metade da produção ficou excluida forçadamente. Como é sabido, a maioria dos poetas serviu-se a miude (e não poucos se serviram sempre) do idioma castelhano, por motivos históricos e técnicos de que não posso tratar aqui. Nesta colecção entrou um único trecho hespanhol, por fazer parte integrante da formosa *Egloga I* de Camões. Muitos poetas não chegaram a imprimir as suas *Rimas*. Obras importantes continuam inéditas. As edições que existem, foram feitas em geral com pouco critério. Com relação a numerosas poesias, atribuidas a vários, ainda não se apurou o legítimo autor. Da ortografia caótica e pontuação absurda não falo, senão para advertir que regularizei o emprego dos *hh* e *zz*, assim como o de *ão* e *am*.

Daria por bem empregados os meus esforços, se conseguisse dois intuitos: que cada leitor, embora leia indiferente e por alto dezenas de poesias, pare comovido diante de algumas; e que pouco a pouco a opinião pública se fixe naquelas que merecem, de facto, a qualificação de *obras-primas* da lírica

portuguesa. Até hoje o aplauso unánime dos cultos ainda não consagrou senão certos *nomes* de reputação universal.

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS

Porto, Março de 1909

INDICE

			PAG.
8.	*Romances Tradicionaes :*	*A Nau Catrineta,* -	6
9.	,, ,,	*Da Donzella que foi á guerra,* - -	9
10.	,, ,,	*Conde Ninho,* - -	12
11.	,, ,,	*Flores e Brancaflor,* -	14
12.	,, ,,	*Ruy Cid e o Rei Bucar,*	17
13.	,, ,,	*Santa Iria,* - -	19
14.	,, ,,	*Dom Duardos e Flérida,*	21
68.	Almeida (Nicolau Tolentino d') (1741-1811),	*Satira aos toucados altos,*	182
69.	,, ,,	*Deitando um cavallo á margem,* - -	182
86.	Amorim (Francisco Gomes d') (1827-1892),	*O desterrado,* - -	220
6.	Anónimo,	*Serranilha popular* (Século XV), - - -	5
7.	,,	*Cantiga sagrada de folia,* (Século XV), -	6

			PAG.
15.	Anónimo,	*Ramalhete de Cantigas Populares,* - -	22
49.	Bernardez (Diogo) (1520-1605),	*Egloga Syrvia* - -	154
50.	,, ,,	*Horas breves de meu contentamento,* - -	158
51.	,, ,,	*Ja do Mondego as aguas aparecem,* - -	159
52.	,, ,,	*Eu que tivre cantei ao som das aguas,* -	159
53.	,, ,,	*Carta a Frey Agostinho,*	163
70.	Bocage (Manuel Maria Barbosa du) (1765-1805),	*Sentimentos de contrição e arrependimento,* -	183
71.	,, ,,	*A Camões,* - -	184
72.	,, ,,	*A Constancia do Sabio, superior aos Infortunios,* - - -	184
73.	,, ,,	*Retrato Proprio,* -	185
74.	,, ,,	*Ode Anacreontica,* -	185
56.	Caminha (Pedro de Andrade) (1520-1589),	*Não podem dormir meus olhos,* - - -	169
57.	,, ,,	*Endechas,* - - -	169

		PAG.
58. Caminha (Pedro de Andrade) (1520-1589),	*Arder, coração, arder,* -	170
33. Camões (Luis de) (1525-1580),	*Aquella triste e leda madrugada,* - -	96
34. ,, ,,	*Sete annos de pastor Jacob servia,* - -	97
35. ,, ,,	*Um mover d'olhos, brando e piedoso,* -	97
36. ,, ,,	*Está o lascivo e doce passarinho,* - -	98
37. ,, ,,	*Amor é um fogo que arde sem se ver,* - -	98
38. ,, ,,	*Erros meus, má fortuna, amor ardente,* - -	99
39. ,, ,,	*Alma minha gentil, que te partiste,* - -	99
40. ,, ,,	*Epistola sobre o Desconcerto do Mundo,* -	100
41. ,, ,,	*Carta elegiaca, da India,*	107
42. ,, ,,	*Egloga I* - - -	114
43. ,, ,,	*Canção XI,* - -	128
44. ,, ,,	*A uma cativa, chamada Barbara,* - -	136

			PAG.
45.	Camões (Luis de) (1525-1580),	*Endechas*,- - -	137
46.	.. ,,	*Ode*, - - -	140
47.	.. ,,	*Babel e Sião*, - -	142
80.	Castilho (Antonio Feliciano de (1800-1875),	*A visão*, - - -	198
98.	Crespo (Antonio Candido Gonçalvez) (1846-1883),	*Mater-Dolorosa*, -	234
99.	,, ,,	*Alguem*, - - -	235
84.	Diniz (Julio) (1839-1877),	*Trigueira*, - -	217
23.	Falcão (Cristóvam) (*c.* 1512-1557),	*Carta de Cristal preso*,	64
24.	,, ,,	*Cantiga aos seus olhos*,-	67
25.	,, ,,	*Noites de insomnia*, -	68
54.	Ferreira (Antonio) (1528-1569),	*Aos bons engenhos* -	168
55.	,, ,,	*Soneto á morte de sua mulher*,- - -	168
5.	Fernandez (Ruy F., de Santiago) (Século XIII),	*Barcarola*, - -	4
67.	Garção (Pedro Antonio Correa) (1724-1772),	*Ja no roxo oriente branqueando*, -	179

PAG.

76. Garrett (J.-B. da Silva Leitão, Almeida-) (1799-1854), *Cascaes*, - - - 188
77. „ „ *Os Cinco Sentidos*, - 190
78. „ „ *Não és tu*, - - 192
75. Gonzaga (Thomás Antonio) (1774-1807), *O verdadeiro heroe*, - 186
79. Herculano (Alexandre) (1810-1877), *A tempestade*, - - 193
48. Infante D. Luis (1506-1555), *Imagens vans me imprime a fantasia*, - 153
64. Lacerda (Fernão Correa de) (Século XVII), *Que devo ao monte e ao campo que floresce*, - 178
60. Lobo (Francisco Rodriguez (*c.* 1580-1625), *Fermoso Tejo meu, quam diferente*, - - 171
61. „ „ *Vilancete*, - - - 172
65. Mello (D. Francisco Manuel de) (1611-1667), *Apologo da Morte*, - 178
66. „ „ *A vida que fazia em sua prisão*, - - - 179

PAG.

82. Mendes-Leal (José da Silva) (1818-1886), *O pavilhão negro*, - 207
4. Mendinho (SéculoXIII) *Cantar de amigo*, - 3
62. Meneses (D. Francisco de Sá e) (1515-1584), *Oh rio Lega*, - - 173
63. ,, ,, *Ja nao posso ser contente*, 176
28. Miranda (Francisco de Sá de) (*c.*1485-1558), *A El Rei D. João III*, 75
29. ,, ,, *A Vontade e a Razão*, 90
30. ,, ,, *Dialogo de duas moças (ao adufe)* - - 91
31. ,, ,, *Voltas*, - - - 93
32. ,, ,, *Outono* - - - 96
100. Nobre (Antonio) (1867-1980), *Ao cahir das folhas*, - 235
81. Passos (A. A. Soares) (1826-1860), *O firmamento*, - - 202
26. Portugal (D. Francisco de) (*c.* 1500-1549), *Cantiga*, - - - 72
27. ,, ,, *Trovas sentenciosas* - 72
59. Portugal (D. Manuel de) (*c.* 1516-1606), *A perfeição, a graça, o suave gesto*, - - 171

PAG.

87. Quental (Anthero de) (1842-1891), *Entre sombras*, - - 221
88. ,, ,, *Sepultura romantica*, - 223
89. ,, ,, *Sonho oriental*, - - 223
90. ,, ,, *Accordando*, - - 224
91. ,, ,, *Transcendentalismo*, - 225
92. ,, ,, *Solemnia verba*, - - 225
93. ,, ,, *O que diz a Morte*, - 226
94. Ramos (João de Deus) (1830-1896), *A vida*, - - - 226
95. ,, ,, *Adoração*, - - 229
96. ,, ,, *Carta*, - - - 231
97. ,, ,, *Epitaphios*, - - 233
1. Rei D. Denis (1279-1325), *Cantar de amigo*, - 1
19. Resende (Garcia de) (1470-1536), *Trovas á morte de Dona Inês de Castro*, - 36
20. Ribeiro (Bernardim) (1482-1552), *Egloga de Jano e Franco*, 43
21. ,, *Cantar romance*, - 60
22. ,, ,, *Cantar da Ama, á maneira de solao*, - 62
85. Ribeiro (Thomás) (1831-1901), *A Portugal*, - - 218

			Pag.
83.	Simões-Dias (José) (1844-1899),	*A tua [illegible]*, - -	215
2.	Torneol (Nuno Fernandez) (Século XIII),	*Alvorada*, - -	2
16.	Vicente (Gil) (*c.* 1470-1539),	*A barca do Senhor*, -	30
17.	,, ,,	*Vilancete de Abel pastor*,	31
18.	,, ,,	*Exhortação á guerra contra os Mouros de Azamor* (1513), -	32
3.	Zorro (João) (Século XIII),	*Balada de Moças* -	3

REI D. DENIS

1. *Cantar de amigo*

«AY flores! ay flores do verde pino,
Se sabedes novas do meu amigo?
Ay Deus! ond' está?

Ay flores! ay flores do verde ramo,
Se sabedes novas do meu amado?
Ay Deus! ond' está?

Se sabedes novas do meu amigo,
Aquel que mentiu do que pôs comigo?
Ay Deus! ond' está?

Se sabedes novas do meu amado
Aquel que mentiu do que me ha jurado.
Ay Deus! ond' está?»

«Vós preguntades polo voss' amigo?
E eu bem vos digo que é san' e vivo.
Ay Deus! ond' está?

Vós preguntades polo voss' amado?
E eu bem vos digo que é viv' e sano.
Ay Deus! ond' está?

E eu bem vos digo que é san' e vivo
E será vosc' ant' o prazo saido.
Ay Deus! ond' está?

E eu bem vos digo que é viv' e sano
E será vosc' ant' o prazo passado.
Ay Deus! ond' está?»

NUNO FERNANDEZ TORNEOL

2. *Alvoraada*

LEVAD' amigo! que dormides as manhanas frias!
Toda'-las aves do mundo d'amor diziam.
Leda m' and' eu!

Levad' amigo! que dormides as frias manhanas!
Toda'-las aves do mundo d'amor cantavam.
Leda m' and' eu!

Toda'-las aves do mundo d'amor diziam;
Do meu amor e do vosso enmentariam.
Leda m' and' eu!

Toda'-las aves do mundo d'amor cantavam;
Do meu amor e do vosso hi enmentavam.
Leda m' and' eu!

Do meu amor e do vosso enmentariam,...
Vós lhes tolhestes os ramos em que seíam!
Leda m' and' eu!

Do meu amor e do vosso hi enmentavam...
Vós lhes tolhestes os ramos em que pousavam!
Leda m' and' eu!

Vós lhes tolhestes os ramos em que seíam
E lhes secastes as fontes em que bebiam!
Leda m' and' eu!

Vós lhes tolhestes os ramos em que pousavam
E lhes secastes as fontes u se banhavam!
Leda m' and' eu!

JOÃO ZORRO

3. *Bailada de Moças*

BAILEMOS agora, por Deus, ay velidas,
So aquestas avelaneiras floridas!
E quem for velida como nós velidas,
E amigo amar,
So aquestas avelaneiras floridas
Virá bailar!

Bailemos agora, por Deus, ay louvadas,
So aquestas avelaneiras granadas!
E quem for louvada como nós louvadas
E amigo amar,
So aquestas avelaneiras granadas
Virá bailar!

MENDINHO

4. *Cantar de amigo*

SEDIA-me eu na ermida de Sam-Simiom
E cercarom-me as ondas que grandes som,
Eu atendend' o meu amigo!

Estando na ermida ante o altar
Cercarom-me as ondas grandes do mar,
Eu atendend' o meu amigo!

E cercarom-me as ondas que grandes som,
E nom hei barqueiro nem remador,
Eu atendend' o meu amigo!

E cercarom-me as ondas do alto mar
E nom hei barqueiro nem sei remar,
Eu atendend' o meu amigo!

E nom hei barqueiro nem remador!
Morrerei, fremosa, no mar maior,
Eu atendend' o meu amigo!

E nom hei barqueiro nem sei remar
E morrerei eu, fremosa, no alto mar,
Eu atendend' o meu amigo!

RUY FERNANDEZ DE SANTIAGO

5. *Barcarola*

QUAND' eu vejo as ondas
E as muit' altas ribas,
Logo me vẽen ondas
Ao cor pola velida!
Maldito seja o mare
Que me faz tanto male!

Nunca vejo as ondas
Nem as altas debrocas

Que me nom venham ondas
Ao cor pola fermosa!
Maldito seja o mare
Que me faz tanto male!

Se eu vejo as ondas
E vejo as costeiras,
Logo me vẽen ondas
Ao cor pola bem-feita!
Maldito seja o mare
Que me faz tanto male!

ANÓNIMAS

6. *Serranilha popular*

A SERRA é alta, fria e nevosa;
Vi venir serrana gentil, graciosa.

A serra é alta, branca e fria;
Vi venir serrana, leda e garrida.

Vi venir serrana, gentil, graciosa;
Cheguei-me para ella com fala amorosa.

Vi venir serrana, leda e garrida;
Cheguei-me para ella com gram cortesia.

Cheguei-me para ella com fala amorosa;
Disse-lhe: Senhora, não sois medrosa?

Cheguei-me para ella com gram cortesia,
Disse-lhe: Senhora, quereis companhia?

Disse-lhe: Senhora, não sois medrosa?
Disse-me: Não quero a companhia vossa.

Disse-lhe: Senhora, quereis companhia?
Disse-me: Escudeiro, segui vossa via!

7. *Cantiga sagrada de folia*

BRANCA estais e colorada,
Virgem sagrada!

Em Belem, villa do amor,
Da rosa nasceu a flor!
Virgem sagrada!

Em Belem, villa do amar
Nasceu a rosa do rosal!
Virgem sagrada!

Da rosa nasceu a flor:
Jesus, nosso Salvador!
Virgem sagrada!

Nasceu a rosa do rosal:
Deus e homem natural!
Virgem sagrada!

ROMANCES TRADICIONAES

8. *A Nau Catrineta*

LÁ vem a nau Catrineta
Que tem muito que contar!

Ouvi agora, senhores,
Uma historia de pasmar.

Passava mais de anno e dia
Que iam na volta do mar;
Ja não tinham que comer,
Já não tinham que manjar.
Deitaram solla de molho
Para o outro dia jantar;
Mas a solla era tam rija
Que a não poderam tragar.
Deitam sortes á ventura
Qual se havia de matar;
Logo foi cahir a sorte
No capitão general.
«Sobe, sobe, marujinho,
Áquelle mastro real;
Vê se vês terras de Hespanha,
As praias de Portugal.»
«Não vejo terras de Hespanha,
Nem praias de Portugal;
Vejo sete espadas nuas
Que estão para te matar.»
«Acima, acima, gageiro,
Acima, ao tope real!
Olha se inxergas Hespanha,
Areias de Portugal.»
«Alvíçaras, capitão,
Meu capitão general!
Ja vejo terras d'Hespanha,
Areias de Portugal.
Mais inxergo tres meninas
Debaixo de um laranjal:

Uma sentada a coser,
Outra na roca a fiar,
A mais formosa de todas
Está no meio a chorar.»
«Todas tres são minhas filhas!
Oh! quem m'as dera abraçar!
A mais formosa de todas
Comtigo a hei de casar.»
«A vossa filha não quero,
Que vos custou a criar.»
«Dar-te-hei tanto dinheiro,
Que não o possas contar.»
«Não quero o vosso dinheiro,
Pois vos custou a ganhar.»
«Dou-te o meu cavallo branco,
Que nunca houve outro igual.»
«Guardae o vosso cavallo,
Que vos custou a ensinar.»
«Dar-te-hei a nau Catrineta,
Para nella navegar.»
«Não quero a nau Catrineta,
Que a não sei governar.»
«Que queres tu, meu gageiro,
Que alvíçaras te hei de dar?»
«Capitão, quero a tua alma
Para commigo a levar.»
«Renego de ti, demonio,
Que me estavas a attentar!
A minha alma é só de Deus;
O corpo dou eu ao mar.»

Tomou-o um anjo nos braços,
Não-n'o deixou affogar.

Deu um estouro o demonio,
Acalmaram vento e mar;
E á noite a nau Catrineta
Estava em terra a varar.

9. *Da Donzella que foi á guerra*

«PREGOADAS são as guerras
Entre França e Aragão.
Ai de mim que ja sou velho,
As guerras me acabarão!
De sete filhas que tenho
Sem nenhuma ser varão.»
Responde a filha mais velha
Com toda a resolução:
«Venham armas e cavallo
Que eu serei filho varão.»
«Tendes os olhos mui vivos.
Filha, conhecer-vos-hão.»
«Quando passar pela armada,
Porei os olhos no chão.»
«Tendes os hombros mui altos,
Filha, conhecer-vos-hão.»
«Venham armas bem pesadas,
Os hombros abaixarão.»
«Tendes os peitos mui altos,
Filha, conhecer-vos-hão.»
«Venha gibão apertado,
Os peitos encolherão.»
«Tendes as mãos pequeninas,
Filha, conhecer-vos-hão.»
«Venham ja luvas de ferro,

E cumpridas ficarão.»
«Tendes os pés delicados,
Filha, conhecer-vos-hão.»
«Calçarei botas e esporas,
Nunca d' ellas sairão.»

«Senhor pae, senhora mãe,
Grande dó do coração,
Os olhos de Dom Martinho
São de mulher, de homem não.»
«Convidae-o vós, meu filho,
Paro ir comvosco ao pomar,
Que se elle mulher fôr
Á maçan se ha de pegar.»
A donzella por discreta
O camoes foi apanhar.
«Oh que bellos camoeses,
Para um homem cheirar.
Lindas maçans para damas!
Quem lh'as podéra levar!»

«Senhor pae, senhora mãe,
Grande dó do coração,
Os olhos de Dom Martinho
São de mulher, de homem não.»
«Convidae-o vós, meu filho,
Para comvosco feirar,
Que se elle mulher fôr,
Ás fitas se ha de pegar.»
A donzella por discreta
Uma espada foi comprar.
«Oh que bella espada esta
Para com homens brigar!

Lindas fitas para damas;
Quem lh'as podéra levar!»

«Senhor pae, senhora mãe,
Grande dó do coração,
Os olhos de Dom Martinho
São de mulher, de homem não.»
«Convidae-o vós, meu filho,
Para comvosco jantar,
Que se elle mulher fôr
No estrado se ha de sentar.»
A donzella por discreta
Cadeira mandou chegar.

«Senhor pae, senhora mãe,
Grande dó do coração,
Os olhos de Dom Martinho
São de mulher, de homem não.»
«Convidae-o vós, meu filho,
Para comvosco nadar,
Que se elle mulher fôr,
Desculpa vos ha de dar.»
A donzella por discreta
Começou-se a desnudar.
Traz-lhe uma carta um pagem,
Pós-se a lêr, pós-se a chorar.
«Novas me chegam agora,
Novas de grande pesar,
De que minha mãe é morta,
Meu pae se está a finar.
Os sinos da minha terra
Os estou a ouvir dobrar,
E duas irmans que eu tenho

D'aqui as ouço chorar.
Monte, monte, cavaleiro,
Se me quer acompanhar.»

Chegam a uns altos paços,
Foram-se logo apear.
«Senhor pae, trago-lhe um genro
Se o quiser aceitar;
Foi meu capitão na guerra
De amores me quis contar;
Se ainda me quer agora,
Com meu pae ha de fallar.
Sete annos andei na guerra
E fiz de filho varão,
Ninguem me conheceu nunca
Se não o meu capitão!
Conheceu-me pelos olhos,
Que por outra cousa não.»

10. *Conde Ninho*

VAE o conde, conde Ninho,
Seu cavallo vae banhar:
Emquanto o cavallo bebe
Cantou um lindo cantar:
«Bebe, bebe, meu cavallo,
Que Deus te hade livrar
Dos trabalhos d'este mundo
E das areias do mar.»
«Esperta, oh bella princesa,
Escuta um lindo cantar;
Ou são os anjos no céo,

Ou as sereias no mar!»
«Não são os anjos no céo,
Nem as sereias no mar,
É o conde, conde Ninho
Que commigo quer casar.»
«Se elle quer casar comtigo,
Eu o mandarei matar.»
«Quando lhe deres a morte
Manda-me a mim degollar;
Que a mim me enterrem á porta,
A elle ao pé do altar.»

Morreu um, e morreu outro,
Ja lá vão a enterrar;
D'um nascera um pinheirinho,
Do outro um lindo pinheiral;
Cresceu um e cresceu outro,
As pontas foram juntar,
Que quando el-rei ia á missa
Não o deixavam passar.
Pelo que o rei maldito
Logo os mandava cortar.
D'um correra leite puro,
E do outro sangue real!
Fugira d'um uma pomba
E do outro um pombo trocal;
Sentava-se el-rei á mesa
No hombro lhe iam poisar;
«Mal haja tanto querer,
E mal haja tanto amar;
Nem na vida, nem na morte
Nunca os pude separar.»

11. *Flores e Brancaflor*

«A GUERRA, á guerra, moirinhos,
Quero uma cristan cativa!
Uns vam pelo mar abaixo
Outros pela terra acima!
Tragam-me mulher cristan,
Que é para a nossa rainha!»

Uns vão pelo mar abaixo,
Outros pela terra acima;
Os que foram mar abaixo
Não encontraram cativa,
Mas melhor sorte tiveram
Os que foram terra acima.
Deram com o Conde Flores
Que vinha da romaria,
Romaria de Santiago,
Santiago de Galiza.
Mataram o Conde Flores,
A Condessa vae cativa.
Mal que a rainha o soube
Ao caminho lhe saía:
«Venha embora a minha escrava!
Boa seja a sua vinda!
Aqui lhe entrego as chaves
Da dispensa e da cozinha,
Que me não fio de moiras,
Podem dar-me bruxaria.»
«Aceito as chaves, senhora,
Por grande desdita minha:
Hontem condessa jurado,
Hoje moça da cozinha.»

A rainha está pejada,
A escrava tambem o vinha;
Quis a boa ou má fortuna
Que ambas parissem num dia.
Filho-varão teve a escrava,
E uma filha a rainha,
Mas as perras das comadres
Para ganharem alvíçaras
Deram á rainha o filho
E á escrava deram a filha.

Esta, estando a embalar,
Linda cantiga dizia:
«Filha minha da minha alma,
Com que te baptizaria?
As lagrimas dos meus olhos
Te sirvam de agua bemdita.
Se fôra na minha terra,
Terra que Deus bemdizia,
Punha-te os santos ólios
E agua-benta da pia.
Chamava-te Branca-Rosa,
Ou Rosa de Alexandria,
Que assim se chamava d'antes
Uma irman que eu tinha;
Cativaram-na os Moiros
Dia de Páscoa-florida,
Quando andava a apanhar rosas
Num rosal que meu pae tinha.»

Esta cantiga tam linda
A rainha bem a ouvia,
E com lagrimas nos olhos
Muito de pressa acudia:

«Criadas, minhas criadas,
Regalem-me esta cativa,
Que se eu não fôra de cama
Eu é que a regalaria.»

Mal a rainha se alevanta,
Vae-se ter com a cativa:
«Como estás, oh minha escrava?
Como está a tua filha?»
«A filha, boa, senhora,
Eu, como mulher parida.»
«Se estiveras em tua terra,
Que nome lhe chamarias?»
«Chamava-lhe Branca-Rosa,
Ou Rosa de Alexandria,
Que assim se chamava d'antes
Uma irman que eu tinha:
Cativaram-na os Moiros
Dia de Páscoa-florida,
Quando andava a apanhar rosas
Num rosal que meu pae tinha!»
«E essa irman que tu tinhas,
Se a visses, a conhecias?»
«Assim eu a vira nua
Da cintura para cima;
Debaixo do peito ezquerdo
Um lunar preto ella tinha.»
«Ai triste de mim, coitada,
Ai triste de mim, mofina!
Mandei buscar uma escrava,
Trazem-me uma irman minha.»

Tres dias não são passados,
Morre a filha da rainha.

Chorava a condessa Flores
Como quem por sua a tinha,
Porém mais chorava a mãe,
Que o coração adivinha.
Deram á lingua as criadas,
Soube-se o que sucedia.
A mãe com o filho nos braços
Cuidou morrer de alegria
«Oh quem fôra a Portugal
Terra que Deus bemdizia!»

Juntaram muita riqueza
De ouro e de pedraria;
Uma noite abençoada
Fugiram da Moiraria.
Foram ter á sua terra,
Terra de Santa Maria:
Meteram-se num mosteiro,
Ambas professam num dia.

12. *Ruy Cid e o Rei Bucar*

«AI Valença, guai Valença!
De fogo sejas queimada!
Primeiro foste de Mouros
Que de Cristianos tomada!
Ai Valença, guai Valença
Como estás bem assentada!
Antes que sejam tres dias
De Mouros serás cercada!»

«Vesti-vos vós, minha filha,
Vesti-vos d'ouro e prata;
Detende-me aquelle Mouro
De palavra em palavra.
As palavras sejam poucas,
Sejam bem arrematadas:
Essas poucas que lhe deres,
Sejam de amores tocadas.»
«Bem-vindo sejas, bom Mouro,
Melhor á vossa chegada!
Ha sete annos, oh bom Mouro,
Que sou tua namorada!»
«Ha sete annos, vae em oito
Que eu por vós cinjo a espada.»
«Se por mim cingis a espada,
Com vosco quero ir de casa.»
«Se o fizerdes, senhora,
Não sereis mal-avisada:
Sereis rainha de Mouros,
Em minha terra estimada.»
«Se por mim cinges a espada,
Não digas que te fui falsa:
Que eu vejo vir cavalleiros,
Sinto-lhes tocar as armas.
Lá vejo vir uma armada,
Nella vejo vir um homem
Que se parece meu pae.»
«Eu não temo cavalleiros
Nem armas que elles tragam;
Não temo senão Gabello,
Filho da minha égua baia,
Que o perdi em pequenino
Andando numa batalha.»

Chegados os cavalleiros,
Elle se foi na desfilada.
«Valha-me o Deus dos Mouros
Em tam cumprida lavrada!»
«Essa lavrada, perro mouro,
Fôra lavrada em Maio,
Que os bois andavam gordos
E os mancebinhos em bragas;
Eram bois de cinco annos,
Mancebos de vinte e quatro.»
«Oh mal-haja o barqueiro
Que não tem a barca na agua,
Que a hora da minha morte
Já para mim é chegada.»

13. *Santa Iria*

ESTANDO eu á janella, co'a minha almofada,
Minha agulha de ouro, meu dedal de prata,
Passa um cavalleiro, pedia pousada:
Meu pae lh'a negou. Quanto me custava!

«Já vem vindo a noite, é tam só a estrada...
Senhor pae, não digam tal da nossa casa,
Que a um cavalleiro que pede pousada
Se fecha esta porta á noite cerrada.»

Roguei e pedi, muito lhe pesava;
Mas eu tanto fiz, que por fim deixava.
Fui-lhe abrir a porta, mui contente entrava;
Ao lar o levei, logo se assentava.
Ás mãos lhe dei agua, elle se lavava;

Pus-lhe uma toalha, n'ella se limpava.
Poucas as palavras, que mal me fallava;
Mas eu bem sentia que elle me mirava.
Fui erguer os olhos, mal os levantava,
Os seus olhos lindos na terra os pregava.
Fui-lhe pôr a cea, muito bem ceava;
A cama lhe fiz, n'ella se deitava,
Dei-lhe as boas noites, não me replicava;
Tam má cortesia nunca a vi usada!
Lá por meia-noite, que me eu suffocava,
Sinto que me levam com a bocca tapada...
Levam-me a cavallo, levam-me abraçada,
Correndo, correndo sempre á desfilada.
Sem abrir os olhos, vi quem me roubava;
Calei-me e chorei, elle não fallava.
D'ali muito longe, que me perguntava,
Eu na minha terra como me chamava?
«Chamava-me Iria, Iria a fidalga;
Por aqui agora Iria a cansada.»
Andando, andando, toda a noite andava;
Lá por madrugada que me attentava...
Horas esquecidas que por mim luctava;
Nem força, nem rogos, tudo lhe mancava.
Tirou do alfange...ali me matava,
Abriu uma cova onde me enterrava.

No fim de sete annos passa o cavalleiro,
Uma linda ermida viu naquelle outeiro.
«Minha santa Iria, meu amor primeiro,
Se me perdoares, serei teu romeiro.»
«Perdoar não te heide, vilão carniceiro,
Que me degollaste que nem um cordeiro.»

14. *Dom Duardos e Flérida*

ERA pelo mês de Abril,
De Maio antes um dia,
Quando lirios e rosas
Mostram mais sua alegria,
E na noite mais serena
Que fazer no ceo podia,
Quando a formosa Infanta
Flérida já se partia.
E na horta de seu padre
Entre as arvores dizia:
«Com Deus vos ficade, flores,
Que ereis a minha alegria!
Vou-me a terras estrangeiras
Pois lá Ventura me guia.
E se meu pae me buscare,
Pae que tanto me queria,
Digam-lhe que amor me leva,
Que eu por vontade não ia,
Mas tanto ateimou comigo
Que me venceu a porfia.
Triste, não sei onde vou
E ninguem não m'o dizia!»
Ali falou Dom Duardos:
«Não choreis, minha alegria,
Que nos reinos de Inglaterra
Mais claras aguas havia,
E mais formosos jardins,
E flores de mais valia.
Tereis trezentas donzellas
De alta genealogia.
De prata são os palacios

Para Vossa Senhoria,
De esmeraldas e jacintos
E ouro fino de Turquia,
Com letreiros esmaltados,
Que a minha vida se lia,
Contando das vivas dores
Que me destes nesse dia
Quando com Primaleão
Fortemente combatia—
Mataste-me vós, senhora,
Que eu a elle, não temia.»

Suas lagrimas enxuga
Flérida que isto ouvia.
Já se foram ás galeras
Que Dom Duardos havia:
Cincoenta eram por conta,
Todos vão em companhia.
Ao som do doce remar
A princesa adormecia
Nos braços de Dom Duardos
Que tão bem a merecia.

Saibam quantos são nascidos
Sentença que não varia:
Contra a morte e contra amor
Que ninguem não tem valia.

15. *Ramalhete de Cantigas Populares*

O CANTAR é para os tristes,
Quem o pode duvidar?

Quantas vezes já cantei
Com vontade de chorar !

Quem canta, seu mal espanta ;
Quem chora seu mal aumenta :
Eu canto para espalhar
A paixão que me atormenta.

A rosa para ser rosa
Deve ser de Alexandria :
A mulher para ser mulher
Deve-se chamar Maria.

A amar e a escolher
Ensinou-me quem podia :
A amar foi a natureza,
A escolher a simpatia.

A ausencia tem uma filha
Que se chama a saudade :
Eu sustento mãe e filha
Bem contra minha vontade.

Inda que o lume se apague
Na cinza fica o calor.
Inda que o amor se ausente
No coração fica a dôr.

Oh mar alto, oh mar alto,
Oh mar alto sem ter fundo :
Mais vale andar no mar
Do que na boca do mundo !

Não ha flor como o suspiro
Para a minha estimação:
Todas as flores se vendem,
Só os suspiros se dão!

Quem pintou o amor cego
Não-no soube bem pintar.
O amor nasce da vista!
Quem não vê, não pode amar!

Fui-me deitar a dormir
Ao som da agua que corre:
A agua me foi dizendo
«Quem tem amores, não dorme.»

Não sei o que quer a desgraça
Que atrás de mim corre tanto:
Hei de parar e mostrar-lhe
Que de vê-la não me espanto.

Oh luar da meia-noite,
Não venhas cá, ao serão:
Isto de quem tem amores
Quer escuro, luar não.

Como o vento é para o fogo
É a ausencia para o amor:
Se é pequeno, apaga-o logo,
Se é grande, torna-o maior.

Triste sorte é a nossa:
Depois de nascer, peccar;

Depois de peccar, morrer ;
Depois de morrer, penar !

Oh penas, não vinde juntas
Todas ao meu coração ;
Vinde mais separadinhas,
Dae lugar ás que cá estão !

Fechei a porta á desgraça,
Entrou-me pela janela :
Quem nasce para a desgraça
Não pode fugir a ela.

Quem tiver filhas no mundo
Não fale das malfadadas,
Porque as filhas da desgraça
Tambem nasceram honradas.

Eu não quero nem brincando
Dizer adeus a ninguem :
Quem parte, leva saudades,
Quem fica, saudades tem.

Com os passaros do campo
Eu me quero comparar :
Andam vestidos de pennas,
O seu alivio é cantar.

Oh fonte que estás chorando,
Depressa has de secar :
Só os meus olhos são fontes
Que não param de chorar.

O mar tambem é casado,
O mar tambem tem mulher;
É casado com a terra,
Dá-lhe beijos quando quer.

Não ha nome de que eu goste
Como o nome de Maria:
Quem te pôs tão lindo nome
Já meu segredo sabia.

Oh meu amor, quem te vira
Trinta dias cada mês,
Sete dias, na semana,
Cada instante uma vez!

Quem me dera ser ditoso
Como o linho que fiaes!
Quem me dera esses beijinhos
Como vós no linho daes!

O anel que tu me deste,
Era de vidro, quebrou-se:
O amor que tu me tinhas,
Era pouco e acabou-se.

Os peixes viver não podem
Separados da agua fria:
Eu tambem viver não posso
Sem a tua companhia.

Rosa que estás na roseira,
Fechadinha no botão,

Deixa-te estar, oh rosa,
Que lá te procurarão !

Anoiteceu-me na serra,
Das estrelas fiz abrigo :
Abracei-me a uma penha,
Pensando que era comtigo.

Tu és sol, e eu sou sombra ;
Qual de nós será mais firme ?
Tu como o sol a luzires,
Eu como sombra a seguir-te ?

Os tres-reis foram guiados
Por uma estrela do ceo :
Tambem teus olhos guiaram
Meu coração para o teu.

As estrelas miudinhas
Fazem o ceo bem composto :
Assim são as bexiguinhas,
Menina, nesse teu rosto.

Tambem a folha da couve
Tem a sua picardia :
Guarda a gota de orvalho
Para beber com de dia.

Semeei um cravo branco,
Nasceu-me um cravo encarnado :
Fui procurar-te innocente,
Cahi comtigo em pecado.

Quem tem filhinhos pequenos
Sempre lhes ha de cantar.
Quantas vezes as mães cantam
Com vontade de chorar!

Fui-me confessar ao Carmo,
Confessei que andava amando:
Deram-me por penitencia...
Que fosse continuando.

Chamaste-me trigueirinha,
Eu não me escandalizei:
Trigueirinha é a pimenta
E vae á mesa do rei!

Coitadinho do que nasce
No mundo para ser mulher:
Se é bonita, tem seu erro,
Se é feia, ninguem a quer.

Quando eu era solteirinha,
Trazia fitas e laços:
Agora que sou casada
Trago os meus filhos nos braços.

Oliveira pequenina,
Que azeitonas póde dar?
A filha de um homem pobre,
Que amores pode tomar?

Ninguem descubra o seu peito
Por grande que seja a dôr;

Quem o seu peito descobre.
É a si mesmo traidor.

Altas torres tem teu peito,
Nas mais altas já me eu vi.
Não se me dá que outrem suba
Escadas que eu já desci.

Candeia de quatro bicos
Alumia aos quatro cantos:
Mal empregada a menina
Que é amada por tantos!

Eu amava-te, menina,
Se não fôra um senão:
Seres pia de agua benta
Onde todos põe a mão.

Das lagrimas faço contas
Para rezar ás escuras.
Oh morte que tanto tardas!
Oh vida que tanto duras!

Por te amar deixei a Deus;
Vê lá que gloria perdi:
Agora vejo-me só,
Sem Deus, sem gloria, sem ti.

Já pedi a morte a Deus,
Ele disse que m'a não dava,
Que pedisse a salvação,
Que a morte certa estava.

Embora o que Deus nos deu
Caiba numa mão fechada,
O pouco com Deus é muito,
O muito sem Deus é nada.

Oh vida da minha vida,
Quanto tenho, tudo é teu;
Só a minha alminha não,
Hei de dá-la a quem m'a deu.

No ventre da virgem-mãe
Encarnou divina graça:
Entrou e saiu por ella
Como o sol pela vidraça.

Tu chamas-me tua vida,
Tua alma quero eu ser,
Que a vida morre com o corpo
E a alma eterna ha de ser!

GIL VICENTE

16. *A barca do Senhor*

REMANDO vão remadores
Barca de grande alegria;
O patrão que a guiava
Filho de Deus se dizia;
Anjos eram os remeiros
Que remavam á porfia:

Estandarte, d'esperança:
Oh quam bem que parecia!
O masto da fortaleza
Como cristal reluzia;
A vela, com fé cosida,
Todo o mundo esclarecia.
A ribeira mui serena
Que nenhum vento bolia!

17. *Vilancete de Abel pastor*

ADORAI, montanhas,
O Deus das alturas!
Tambem as verduras!
Adorai, desertos
E serras floridas,
O Deus dos secretos
O Senhor das vidas!
Ribeiras crescidas,
Louvai nas alturas
Deus das creaturas!
Louvai, arvoredos
De fruto prezado!
Digam os penedos:
Deus seja louvado!
E louve meu gado
Nestas verduras
O Deus das alturas!

18. *Exhortação á guerra contra os Mouros de Azamor (1513)*

OH famoso Portugal,
Conhece teu bem profundo,
Pois até o pólo segundo
Chega o teu poder real!
Avante avante, senhores,
Pois que com grandes favores
Todo o ceo vos favorece!
Elrei de Fez esmorece
E Marrocos dá clamores.

Oh! deixai de edificar
Tantas camaras dobradas,
Mui pintadas e douradas,
Que é gastar sem prestar.
Alabardas! alabardas!
Espingardas! espingardas!
Não queirais ser Genoeses,
Senão muito Portugueses,
E morar em casas pardas!

Cobrai fama de ferozes,
Não de ricos; que é p'rigosa!
Dourai a patria vossa
Com mais nozes do que vozes!
Avante! avante! Lisboa!
Que por todo o mundo soa
Tua prospera fortuna.
Pois que Fortuna t'enfuna,
Faze sempre de pessoa!
. . . . .

Quando Roma a todas velas
Conquistava toda a terra,
Todas donas e donzellas
Davam suas joias bellas
Pera manter os da guerra.
Oh pastores da Igreja,
Moura a seita de Mafoma!
Ajudai a tal peleja
(Que açoutados vos veja)
Sem apellar para Roma.

Deveis de vender as taças
Empenhar os breviairos,
Fazer vasos das cabaças,
E comer pão e rabaças
Por vencer vossos contrairos!
. . . . . .
Africa foi de Christãos,
Mouros vo'-la tem roubada.
Capitães, ponde-lh'as mãos
Que vós vireis mais loução
Com famosa nomeada!
Oh senhoras portuguesas,
Gastai pedras preciosas,
Donas, donzellas, duquesas,
Que as taes guerras e empresas
São propriamente vossas!

E guerra de devação
Por honra da vossa terra,
Commettida com razão,
Formada com descrição
Contra aquella gente perra!

Fazei contas, de bugalhos,
E perlas, de camarinhas,
Firmaes, de cabeças d'alhos!
Isto sim, senhoras minhas;
E esses que tendes, dai-lhos!

Oh que não honram vestidos
Nem mui ricos atavios,
Mas os feitos nobrecidos;
Não briaes d'ouro tecidos
Com trepas de desvarios!
Dai-os pera capacetes.
E vós, priores honrados,
Reparti os priorados
A suissos e soldados
Et centum pro uno accipietis.

A renda que apanhais
O melhor que vós podeis,
Nas igrejas não gastais!
Aos pobres pouco dais
E não sei que lhe fazeis.
Dai a terça do que houverdes
Pera a Africa conquistar
Com mais prazer que puderdes;
Que quanto menos tiverdes
Menos tereis que guardar.

Oh senhores cidadãos,
Fidalgos e regedores,
Escutai os atambores
Com ouvidos de Cristãos!
E a gente popular

Avante! não refusar!
Ponde a vida e a fazenda,
Porque para tal contenda
Ninguem deve recear.

Tá la la la lão! tá la la la lão!
Avante! avante! Senhores!
Que na guerra com razão,
Anda Deus por Capitão
Tá la la la lão! tá la la la lão!

Guerra! guerra todo estado!
Guerra! guerra mui cruel!
Que o gram rei Dom Manuel
Contra Mouros está irado.
Tem promettido e jurado
Dentro no seu coração
Que poucos lh'escaparão.
Tá la la la lão! tá la la la lão!

Sua Alteza determina
Por acrescentar a fé
Fazer da mesquita Sé
Em Fez, por graça divina.
Guerra! guerra mui contina
É sua grande tenção!
Guerra, guerra com razão.
Tá la la la lão! tá la la la lão!

Este rei tam excellente,
Muito bem afortunado,
Tem o mundo rodeado
Do Oriente ao Ponente.

Deus mui alto, omnipotente,
O seu real coração
Tem posto na sua mão.
Tá la la la lão! tá la la la lão!

GARCIA DE RESENDE

19. *Trovas á morte de Dona Inês de Castro*

«QUAL será o coração
Tam cru e sem piedade,
Que lhe não cause paixão
Uma tam gram crueldade
E morte tam sem razão?
Triste de mim innocente!
Que por ter muito fervente
Lealdade, fé, amor,
O Principe, meu senhor,
Me mataram cruamente!

«A minha desaventura,
Não contente d'acabar-me,
Por me dar maior tristura,
Me foi pôr em tanta altura...
Para d'alto derribar-me!
Que se me matara alguem
Antes de ter tanto bem,
Em taes chammas não ardera;
Pae, filhos não conhecera,
Nem me chorara ninguem!

«Eu era moça menina,
Por nome dona Inês

De Crasto, e de tal doutrina
E vertudes qu'era dina
De meu mal ser ao revés.
Vivia, sem me lembrar
Que paixão podia dar,
Nem dá-la ninguem a mim.
Foi-m'o Principe olhar
Por seu nojo e minha fim.

«Começou-m'a desejar,
Trabalhou por me servir,
Fortuna foi ordenar,
Dous corações conformar,
A uma vontade vir.
Conheceu-me, conheci-o,
Quis-me bem e eu a ele,
Perdeu-me, tambem perdi-o;
Nunca té morte foi frio
O bem que triste pus n'ele.

«Dei-lhe minha liberdade,
Não senti perda de fama,
Pus nele minha verdade,
Quis fazer sua vontade,
Sendo mui fremosa dama.
Por m'estas obras pagar
Nunca jámais quis casar;
Polo qual aconselhado
Foi el rei qu'era forçado
Polo seu de me matar.

«Estava muito acatada,
Como princesa servida,

Em meus paços mui honrada,
De tudo mui abastada,
De meu senhor mui querida.
Estando mui de vagar,
Bem fóra de tal cuidar,
Em Coimbra d'assessego,
Pelos campos de Mondego
Cavaleiros vi assomar.

«Como cousas que hão de ser
Logo dão no coração,
Comecei entristecer
E commigo só dizer:
«Estes omens onde irão?»
E tanto que preguntei,
Soube logo que era el rei.
Quando o vi tam apressado,
Meu coração trespassado
Foi, que nunca mais falei.

«E quando vi que decia,
Sahi á porta da sala,
Devinhando o que queria.
Com gram choro e cortesia
Lhe fiz uma triste fala.
Meus filhos pus derredor
De mim com gram humildade;
Mui cortada de temor,
Lhe disse: «Havei, senhor,
D'esta triste piedade.

«Não possa mais a paixão
Que o que deveis fazer;

Metei nisso bem a mão:
Que é de fraco coração,
Sem porquê matar molher.
Quanto mais a mim (que dão
Culpa, não sendo razão),
Por ser mãe dos inocentes
Qu'ante vós estão presentes,
Os quaes vossos netos são.

«E tem tam pouca idade,
Que se não forem criados
De mim, só com saudade
Em sua gram orfandade
Morrerão desemparados.
Olhe bem quanta crueza
Fará nisto Voss' Alteza,
E tambem, senhor, olhai,
Pois do Principe sois pae,
Não lhe deis tanta tristeza!

«Lembre-vos o grand'amor
Que me vosso filho tem,
E que sentirá gram dor
Morrer-lhe tal servidor,
Por lhe querer grande bem.
Que s'algum erro fizera,
Fôra bem que padecera,
E qu'estes filhos ficaram
Orfãos tristes, e buscaram
Quem d'eles paixão houvera!

«Mas pois eu nunca errei
E sempre mereci mais,

Deveis, poderoso rei,
Não quebrantar vossa lei,
Que, se moiro, quebrantais.
Usai mais de piedade
Que de rigor nem vontade;
Havei dó, senhor, de mim,
Não me deis tam triste fim,
Pois que nunca fiz maldade.»

«El rei, vendo como estava,
Houve de mim compaixão
E viu que não oulhava
Qu'eu a ele não errava,
Nem fizera traição.
E vendo, quam de verdade
Tive amor e lealdade
O Principe, cuja são,
Póde mais a piedade
Que a determinação.

«Que se m'ele defendera,
Que seu filho não amasse
E lh'eu não obedecera,
Então com razão podera
Dar-m'a morte que ordenasse.
Mas vendo que nenhum'ora,
Desque naci atégora,
Nunca nisso me falou,
Quando se d'isto lembrou,
Foi-se pola porta fóra,

«Com seu rosto lagrimoso,
C'o proposito mudado,

Muito triste, mui cuidoso,
Como rei mui piadoso,
Mui cristão e esforçado.—
Um d'aqueles que trazia
Comsigo na companhia,
Cavaleiro desalmado,
Detrás d'ele, mui irado,
Estas palavras dezia:

«Senhor, vossa piedade
É dina de reprender,
Pois que sem necessidade
Mudaram vossa vontade
Lagrimas d'uma molher.
E quereis que abarregado
Com filhos, como casado,
Estê, senhor, vosso filho.
De vós mais me maravilho
Que d'ele, qu'é namorado.

«Se a logo não matais,
Não sereis nunca temido,
Nem farão o que mandais,
Pois tam cedo vos mudais
Do conselho qu'era havido.
Olhai, quam justa querela
Tendes, pois por amor d'ela
Vosso filho quer estar
Sem casar, e nos quer dar
Muita guerra com Castella.

«Com sua morte escusareis
Muitas mortes, muitos danos;

Vós, senhor, descansareis,
E a vós e a nós dareis
Paz para duzentos anos.
O Principe casará,
Filhos de benção terá,
Será fóra de pecado;
Que agora seja anojado,
Amanhan lh'esquecerá.»

«E ouvindo seu dizer,
El rei ficou mui torvado,
Por se em taes estremos ver,
E que havia de fazer
Ou um ou outro, forçado.
Desejava dar-me vida,
Por lhe não ter merecida
A morte nem nenhum mal:
Sentia pena mortal
Por ter feito tal partida.

«E vendo que se lhe dava
A ele tod' esta culpa,
E que tanto o apertava,
Disse a aquele que bradava:
«Minha tenção me desculpa.
Se o vós quereis fazer,
Fazei-o sem m'o dizer,
Qu'eu nisso não mando nada,
Nem vejo a essa coitada
Porque deva de morrer.»—

«Dous cavalleiros irosos,
Que taes palavras lh'ouviram,

Mui crus e não piedosos,
Perversos, desamorosos,
Contra mim rijo se viram.
Com as espadas na mão
M'atravessam o coração,
A confissão me tolheram:
Este he o gualardam,
Que meus amores me deram!»

BERNARDIM RIBEIRO

20. *Egloga de Jano e Franco*

DIZEM que havia um pastor
Antre Tejo e Guadiana
Que era perdido de amor
Por uma moça Joana.
Joana patas guardava
Pola ribeira do Tejo;
Seu pai acerca morava,
E o pastor de Alemtejo
Era e Jano se chamava.

Quando as fomes grandes foram,
Que Alemtejo foi perdido,
Da aldea que chamam Torrão
Foi este pastor fugido.
Levava um pouco de gado
Que lhe ficou de outro muito
Que lhe morreu de cansado,
Que Alemtejo era enxuto
D'agua e mui seco de prado.

Toda a terra foi perdida;
No campo do Tejo só
Achava o gado guarida;
Ver Alemtejo era um dó!
E Jano pera salvar
O gado que lhe ficou
Foi esta terra buscar;
E se um cuidado levou,
Outro foi elle lá achar.

O dia que alli chegou
Com seu gado e com seu fato,
Com tudo se agasalhou
Em uma bicada de um mato.
E levando-o a pascer
O outro dia á ribeira,
Joana acertou de ir ver,
Que se andava p'la ribeira
Do Tejo a flores colher.

Vestido branco trazia:
Um pouco afrontada andava;
Fermosa bem parecia
Aos olhos de quem-na olhava.
Jano em vendo-a foi pasmado,
Mas por ver que ella fazia
Escondeu-se entre um prado.
Joana—flores colhia,
Jano—colhia cuidado!

Depois que ella teve as flores
Já colhidas, e escolhidas
As desvariadas côres,
Com rosas entremettidas,

Fez d'ellas uma capella,
E soltou os seus cabellos
Que eram tam longos como ella.
E de cada um a Jano em vê-los
Lhe nascia uma querella.

E emquanto aquesto fazia
Joana, o seu gado andava
Por dentro da agua fria
Todo após quem o guiava.
Um pato grande era guia;
E todo junto em carreira
Ora rio acima ia,
Ora na mesma maneira
O rio abaixo descia.

Joana, como assentou
A capella, foi com a mão
A cabeça e attentou
Se estava em boa feição.
Não ficando satisfeita
Do que da mão presumia,
Partiu-se d'alli direita
Pera onde o rio fazia
D'agua uma mansa colheita.

Chegando á beira do rio,
As patas logo vieram
Todas, uma e uma, em fio,
Que toda a agua moveram.
De quanto ella já folgou
Com aquestes gasalhados,
Tanto entonces lhe pesou:

E com pedras e com brados
D'alli longe as enxotou.

Depois que ellas foram idas
E que a agua assossegou,
Joana, as abas erguidas,
Entrar pola agua ordenou.
E assentando-se então,
As çapatas descalçou;
E pondo-as sobre o chão,
Por dentro da agua entrou—
E a Jano pelo coração.

Emquanto com passos quedos
Joana pola agua ia,
Antre uns desejos e medos
Jano onde estava ardia.
Não sabia se falasse,
Se saisse ou estivesse;
Que o amor mandava que ousasse,
E porque a não perdesse
Fazia que arreceasse.

Dizem que naqueste meio
Se esteve Joana olhando;
E descobrindo o seu seio
Olhou-se e disse, um ay! dando:
«Eu guardo patas! coitada!
Não sei onde isto ha de ir ter!
Mais era eu pera guardada!
Que concerto foi este ser!
Fermosa e mal empregada!»

Em aquisto Jano ouvindo
Não se pôde em si sofrer
Que d'antre as hervas saindo
Se não lançasse a correr.
Joana, quando sentiu
Os estrompidos de Jano
E que se virou e o viu,
Temor do presente dano
Lhe deu pés com que fugiu!

Mui perto estava o casal
Onde vivia o pai d'ella,
Que fez ir mais longe o mal
Que Jano teve de vê-la!
Mas o medo que causou
Joana partir-se assi,
Tanto as mãos lhe embaraçou
Que a çapata ezquerda alli
Com a pressa lhe ficou.

Jano quando viu e olhou
Que nenhum remedio havia,
Pera o lugar se tornou
Aonde ella na agua se via.
E vendo a çapata estar
No areal á beira d'agua,
Foi correndo a abraçar.
Tomando-a, cresceu-lhe a magoa
E começou de chorar!

Toda a çapata e os peitos
Em lagrimas se banharam:
Muitos foram os respeitos
Que tanto choro causaram.

Encostado ao seu cajado,
A çapata na outra mão,
Depois de um longo cuidado
De dentro do coração
Começou falar, cansado:

«Despojo da mais fermosa
Cousa que viram meus olhos,
Pera elles sois uma rosa,
E pera o coração abrolhos.
Çapata, deixada aqui
Pera mal de outro mór mal,
Quem te leixou, leva a mi!
Que troca tam desigual!
Mas pois assim é, seja assi!

«Agora hei vinte e um annos
E nunca inda té agora
Me acorda de sentir danos,
Os d'este meu gado em fora.
E hoje por caso estranho
(Não sei em que hora aqui vim!)
Cobrei cuidado tamanho
Que aos outros todos pôs fim.
Eu mesmo a mi mesmo estranho!

«Antes que este mal viesse
Que me tantos vai mostrando,
Que alguns cuidados tivesse,
Não me matavam cuidando!
Agora, por meus pecados
E segundo em mi vou vendo,
Não podem ser outros fados.

Meus cuidados não entendo,
Morro-me assim de cuidados.

«Dentro de meu pensamento
Ha tanta contrariedade
Que sento contra o que sento
Vontade e contra-vontade.
Estou em tanto desvairo
Que não me entendo comigo.
Donde esperarei repairo?
Que vejo grande o perigo
E muito mór o contrairo!

«Quem me trouxe a esta terra
Alheia, onde guardada
Me estava tamanha guerra
E a esperança levada?
Comigo me estou espantando
Como em tam pouco mudei.
Mas cuidando nisto estando,
Os olhos com que outrem olhei
De mi se estavam vingando.

«E por meu mal ser mór inda
De mim tenho o agravo mór:
Que da minha magoa infinda
Eu fui parte e causador.
Que, se me não levantara
D'antre as hervas onde estava,
Mais dos meus olhos gozara;
E já que assim se ordenava,
Isto ao menos me ficara!

«Desastres! cuidava eu já
Quando eu honte aqui cheguei

Que a vós e á ventura má
Ambos acabava! E errei!
Triste! que me parecia
Que, o meu gado remediado,
Comigo bem me haveria.
E estava-me ordenado
Est'outro mal que ainda havia!

«Oh mal, não vos sabe a vós,
Quem me vos a mim causou!
Tristes dos meus olhos sós,
Que trouxeram aonde estou
Olhos a certo lugar!
Ribeira-mór das ribeiras
Que levam as aguas ao mar,
Vós me sereis verdadeiras
Testemunhas do pesar!»

E em dizendo isto parece
Transportou-se no seu mal;
E como a quem o ar falece,
Caiu naquelle areal.
Grande espaço se passou
Que esteve alli sem sentido,
E neste meio chegou
Um pastor seu conhecido
E que dormia cuidou.

Franco de Sandovir era
O seu nome, e buscava
Uma frauta, que perdera,
Que elle mais que a si amava.
Este era aquelle pastor
A quem Celia muito amou,

Nimfa do maior primor
Que em Mondego se banhou
E que cantava melhor.

E a frauta sua era aquella
Que lhe Celia dera, quando
O desterraram por ella,
Chorando elle, ella chorando.
Viera elle alli morar
Porque achou aquellas terras
Mais conformes ao cuidar.
D'ambas partes cercam serras
No meio campos pera olhar.

D'outro tempo conhecidos
Estes dous pastores erám;
D'estranhas terras nascidos,
Não no bem que se quiseram.
E por aquesta razão
Tornou Franco a lhe notar
Como jazia no chão.
E deu-lhe que suspeitar
O lugar e a feição.

Muito esteve duvidando
Franco o que aqui faria.
Indo-se e Jano deixando
O coração lhe doia;
Tambem pera o acordar
Não sabia se acertava,
Que Jano era no lugar
Novo, e arreceava
Em cabo de o anojar.

Naquesta duvida estando,
Jano que estava emborcado
Disse, um suspiro dando:
«Ay cuidado e mais cuidado!»
Ouvindo-lhe isto dizer
Franco ficou espantado;
E tornando-o melhor vêr,
De sob seu ezquerdo lado
Viu-lhe a çapata ter.

Suspeitou logo o que era
(Que era tambem namorado)
E no que Jano dissera
Se houve por certificado.
Naquisto Jano acordou.
Quando viu Franco estar
Sem falla um pouco ficou.
Franco, após o saudar,
Fallar-lhe assim começou.

«Cuidava eu agora, Jano,
Que estavas em outra parte;
E polo teu, aqueste anno
Me pesava ir por esta arte.
Desejava ver-te aqui
Quando me contava alguem
A secca grande que ahi ha
Em Alemtejo, e porém
Não quisera eu ver-te assi.

«Conta-me, que mal foi este
Que tam demudado estás?
O que houveste? ou perdeste?
Se ha remedio, havê-lo has.»

Fez Jano então por se erguer ;
Não podendo de cansado,
Foi-lhe a mão Franco estender.
E a um freixo encostado
Lhe começou responder.

«Vim a estes campos que vejo
Por dar vida a este meu gado.
Vi acabado um desejo,
Outro maior começado.
A's minhas vacas dei vida,
E a mim a fui tirar.
A profecia é cumprida
Que me Pierio foi dar,
Vendo-me a barba pungida.»

«De Pierio vae gram fama
(Disse Franco) antre os pastores ;
Todos por amigos chama
E dizem que é dado a amores.
Rogo-te, Jano, me digas,
Pois te elle avisou primeiro,
Como cobraste fadigas ?
Que ouço que é mui verdadeiro
Pera amigos e amigas.»

«Tam cansado (respondeu)
D'um cuidado, Franco, me acho
Que m'agora aqui nasceu,
Que até na voz tenho empacho.
Aos que hão de acaecer
Não pode homem resistir ;
Que o que ha-de ser, ha-de ser :

Não-se lhe pode fugir,
Defender nem esconder.

«Mas porque, Franco, comtigo
Desabafo eu em fallar,
Porque sei que es meu amigo,
Tudo te quero contar.
Nem remedio nem conforto
Não te hei, Franco, de pedir,
Que do mal em que estou posto
Não me espero de remir
Senão depois que fôr morto.

«Dia era de um gram vodo
Que a um santo se fazia,
Onde ia o povo todo
Por ver e por romaria.
Lembra-me que andava eu então
Vestido todo de novo:
Ao hombro um chapeirão
Que pasmava todo o povo,
Com um cajado na mão.

«Tomando-me polo braço,
Pierio então me levou
D' alli um grande pedaço
Onde melhor sombra achou.
E mandando-me assentar
Elle tambem se assentou,
E antes de começar
Pera mim um pouco olhou;
E a voltas de chorar,

«Vejo-te, disse elle, Jano,
Dos bens do mundo abastado;

Mas contando anno e anno
Fico de todo cortado.
Vejo-te cá pola idade
De nuvem negra cercado;
Vejo-te sem liberdade,
De tua terra desterrado
E mais de tua vontade.

«Em terra que inda não viste,
Polo que nella has de ver
Vejo-te o coração triste
Pera em dias que viver.
Has de morrer de uma dôr
De que agora andas bem fóra.
Por isso vive em temor,
Que não sabe homem aquella hora
Em que lhe ha de vir o amor.

«Não pode já longe vir,
Jano, aquisto te digo;
Vejo-te a barba pungir.
Olha como andas comtigo!
A terra estranha irás
Por teu gado não perderes;
Longos males passarás
Por uns mui breves prazeres,
Que verás ou não verás.»

E dando um pouco á cabeça
Á maneira d'anojado:
«Por teu bem porém te cresça
A barba—disse—de honrado!
Treslada-o no coração
Isto que te aqui direi,

Que ainda alguns tempos virão,
Jano, que te alembrarei.
Mande Deus que seja em vão!

«Por cobrares a fazenda
A ti mesmo perderás—
Perda que não tem emenda
Depois, quando o saberás.
Nos campos de uma ribeira
(Onde valles ha a lugares)
Te está guardada a primeira
Causa d'estes teus pesares;
N'outra parte a derradeira.

«Geitos em cousas pequenas,
Louros cabellos ondados
Porão pera sempre em penas
A ti e a teus cuidados.
Fallas, cheias de desdem,
De presunção cheias d' ellas,
Cousas que outras cousas tem
Te causarão as querellas
De que morrer te convém.»

«De todo o que te hei contado
Todo quasi aconteceu;
Que o que ainda não é passado
Polo passado se créu.
Agora d'antes pouco ha
Viram meus olhos (que foram)
Quem m'os leva após si, lá.
A alma e vida se me foram,
Desprezaram-se de mim já.»

Um gram cão que Franco trazia,
De grande faro, entre-mentes
Deu com a frauta onde jazia
E trouxe-a então entre os dentes.
Vendo-a Franco alvoroçou-se
E foi correndo ao cão
Que nos pés alevantou-se
E deu-lhe a frauta na mão,
E após aquillo espojou-se.

Escontra Jano tornou
Então Franco, assim dizendo:
«Quem vê o que desejou
Não se lembra d'al em o vendo.
Fui-te a palavra cortar,
Mas d'aquisto dá tu a culpa
A quem a eu não posso dar;
Ou, Jano, por ti me desculpa
Pois sabes o que é desejar.»

«De cousa que muito queiras
Deve essa frauta de ser»
Disse Jano.—«São primeiras»
Lhe tornou Franco a dizer.
«Quem te tal dom outorgou
(Lhe disse Jano após isto)
A muito a ti te obrigou.
A-la-fé, gram mestre nisto
Deves ser, se o cão não errou.

«Canta, Franco, alguma cousa!
Ama a musica a tristeza.
Veremos se me repousa,
Ou se a magoa tem firmeza.»

Disse Franco: «Certamente
Cantarei, pola vontade
Te fazer como a doente,
Inda, Jano, que (á verdade)
A minha é chorar sòmente.

«Quero-te cantar aquella
Que hontem, depois que perdi
A frauta, cantei sem ella.
Á noite, quando me vi
Cansado de não-na achar
Mais muito que de buscá-la,
Me fui eu hontem lançar;
Mas Jano, faço-te falla
Que não pude olho cerrar.

«Lá depois da noite meia
Quando tudo se callava
Comecei, em falla cheia.
Um moucho me acompanhava.
De longe me aparecia
(Não sei se me enganava eu)
Que elle a mim me respondia
Com um ay! grande como o meu.
Mas o canto assim dizia:

CANTIGA

««Perdido e desterrado,
Que farei? onde me irei?
Depois de desesperado
Outra mór magoa achei!

««Desconsolado de mim,
Em terra alheia alongado
Onde por remedio vim

E reparo do meu gado!
Mas oh malaventurado
De mim, sem consolação!
Temo que ha de ser forçado
(Pois que fui tam mal-fadado)
Matar-me com minha mão!

««Que conta darei eu agora
A quem não m' a ha de pedir?
Que desculpa porei ora
A quem não m'a ha de ouvir?
Frauta, dom da mais querida
Que cobre esta noite escura
Frauta minha, sois perdida!
Façam-me uma sepultura,
Que muito ha que estou sem vida!

««E ponham nella d'esta arte
Letras que digam assi:
A alma está em outra parte,
Só o corpo está aqui.»»

«Se aprouver aos longos annos
E aos tempos que hão de vir
Que d'estes graves meus danos,
Venha Celia parte ouvir,
Lá onde triste estiver,
Se ella comsigo apartada
Lagrimas ter não poder,
Será minha alma pagada,
Ou o que então de mim houver!

«Jano esta é a cantiga,
A derradeira cri que era,

E por sair de fadiga
Confesso-te que o quisera.
Mas se a alma e o entendimento
Não morrem com o corpo, a magoa
Me ficará. Vamos! que sento
Que é tempo d'o gado ir á agua!
Tambem tem tempo o tormento.»

21. *Cantar romance*

POLA ribeira de um rio
Que leva as aguas ao mar
Vai o triste de Avalor;
Não sabe se ha de tornar.—
As aguas levam seu bem!
Ele...leva o seu pesar.—
Só vai e sem companhia,
Que os seus fôra ele deixar;
Que quem não leva descanso,
Descansa em só caminhar.—
D'escontra onde ia a barca
Se ia o sol abaixar;
Indo-se abaixando o sol
Escurecia-se o ar;
Tudo se fazia triste
Quanto havia de ficar.
Da barca levantam remos
E ao som do remar
Começaram os remeiros
Dos bancos este cantar:
«Que frias eram as aguas!
Quem as haverá de passar?»

Dos outros bancos respondem :
«Quem as haverá de passar
Senão quem a vontade pós
Onde a não póde tirar?»
Tra-la barca lhe vão olhos
Quanto o dia dá lugar.
Não durou muito, que o bem
Não pode muito durar.
Vendo o sol posto, contr'ele,
Soltou os olhos ao chorar ;
Soltou rèdeas ao cavalo
D'á beira do rio andar.
A noite era calada
Pera mais o magoar,
Que ao compasso dos remos
Era o seu suspirar.
Querer contar suas magoas
Seria areias contar !
Quando mais se ia alongando,
Se ia alongando o soar :
Dos ouvidos e dos olhos
A tristeza foi igual.
Assim como ia a cavalo
Foi pela agua dentro entrar ;
E dando um longo suspiro
Ouvia longe falar :
«Onde magoas levam alma,
Vão tambem corpo levar.»
E indo assim, por acerto
Foi c'um barco n'agua dar
Que estava amarrado á terra
E seu dono era a folgar.
Saltou assim como ia dentro

E foi a amarra cortar :
A corrente e a maré
Acertaram-no a ajudar.

Não sabem mais que foi d'ele
Nem novas se podem achar.
Suspeitou-se que era morto,
Mas não é para afirmar!—

Mais são as magoas d'amor
Do que se pode cuidar.—

22. *Cantar da Ama, a maneira de solao*

PENSANDO-VOS estou, filha ;
Vossa mãi me esta lembrando ;
Enchem-se-me os olhos d'agua,
Nella vos estou lavando.
Nascestes, filha, entre magoa
(Pera bem inda vos seja!),
Pois em vosso nascimento
Fortuna vos houve inveja.
Morto era o contentamento,
Nenhuma alegria ouvistes :
Vossa mãe era finada,
Nósoutros eramos tristes.
Nada em dôr, em dôr criada,
Não sei onde isto ha de ir ter.
Vejo-vos, filha, fermosa
Com olhos verdes crescer.
Não era esta graça vossa
Pera nascer em desterro.
Mal haja a desaventura
Que mais pôs nisto que o erro.

Tinha aqui sua sepultura
Vossa mãe, e magoa a nós.
Não ereis vós, filha, não
Pera morrerem por vós!
Não houve em Fados razão,
Nem se consentem rogar.
De vosso pai hei mor dôr
Que de si se ha de queixar.
Eu vos houve a vós só,
Primeiro que outrem ninguem.
Não foreis vós, se eu não fôra!
Não sei, se fiz mal, se bem.
Mas não póde ser, senhora,
Para mal nenhum nascerdes
Com esse riso gracioso
Que tendes sob olhos verdes.
Conforto mais duvidoso
Me é isto que torno assi.
Deus vos dê melhor ventura
Do que tivestes té 'qui!—
A dita e a fermosura
Dizem patranhas antigas
Que pelejaram um dia,
Sendo d'antes mui amigas.
Muitos hão que é fantesia;
Eu, que vi tempos e annos,
Nenhuma cousa duvido
Como ella é caso de danos.
Mas nenhum mal não é crido,
O bem só é esperado:
E na crença e na esperança
Em ambas ha i mudança,
Em ambas ha i cuidado.—

23. *Carta de Crisfal preso*

OS presos contam os dias,
Mil anos por cada dia:
Mas os meus, sem alegria
Como os contarei eu,
Verdadeiro amor meu,
A quem por meu Deus conheço?
Pois como preso padeço
(E como a quem vos não vê),
Mal, cuja dor se não crê,
De prisão e de ausencia;
Que, sem peccar, penitencia
Faço detrás de uma grade.
Meus olhos, de escuridade,
Já não vêem, já estão mortaes.
E para que era vêr mais,
Dês que vos eles não viram,
Dês que de vós se espediram?—
Bem se enxerga nos danos
Que estou preso ha cinco annos,
Afóra os que hei de estar,
Passando em desejar
O tempo que vos não vejo.
Vêde que fé de desejo
Em que lugar me acompanha!
Nunca se viu fé tamanha
Nem tam mal agradecida!
Não quis Deus que a minha vida
Fosse para mais que isto,
Ainda que em vos ter visto
Não nasci em vão, senhora,
Que a vida é de uma hora,

E este bem será eterno;
Que, quer estê no inferno,
Quer estê no paraiso,
Nunca me verão diviso
D'aqueste tamanho bem!
E não vos diga ninguem
Que o mal que me tendes feito
Me faz ter outro respeito,
(Inda que fôra razão),
Mas não quer o coração
Pelo muito que vos quer;
E sempre isto ha-de ser
Emquanto eu vivo fôr.—
Que verdade e que amor
Para se não ter em muito!
E pouco bom é o fruito
Que d'ele tenho tirado!
Quem lançasse o meu cuidado
Onde o não visse mais!
Pois lembranças tam mortaes
Traz á minha fantasia,
Que basta uma de um dia
Para me os meus tirar!
Nele vos vi eu chorar,
E nele chorei tambem...
Derradeiro do meu bem
E primeiro do meu mal!
Nada, senhora, me val;
Não sei em que me sustenho.
Pois que vos escripto tenho,
Porque não vejo resposta?
Quem vos pôs no que estaes posta?
Que palavras vos disseram,

Que mais que a razão puderam
Que já entre nós pusemos?
Cuidae quanto nos quisemos,
E não vos possa mudar
Dizer que vos podem dar
Outrem que tenha mais que eu!
Poder ser, não nego eu;
Mas bem vos posso affirmar
Que não podereis achar
Outrem que tanto vos queira.
Olhae que, á derradeira,
Riqueza não tira dor,
Pois, entre ela e o amor,
Qual é mais para estimar
Deve ser bem de julgar.—
Mas, com quanto eu isto digo,
Mal acabarei comigo,
Senhora, que possa crer
Mudar-se vosso querer
Por nenhuns outros quereres,
Esquecendo os prazeres
Do nosso tempo passado,
Que me fez tam esforçado
Que, emquanto (a meu cuidar)
A terra me não gozar,
Ninguem gozará de vós
Se não meus cuidados sós:
Que em vossa contemplação
Os tempos gastando vão,
Como se fôsseis presente,
Com uma fé tam contente
Como no tempo melhor!—
E se isto ante vós for

Que me pus a escrever,
Querei, senhora, entender
Que tinha que dizer mais;
Mas lembraram-me os sinaes
Vossos e olhos formosos,
E os meus, de saudosos,
Lembrando-se que vos viram,
Com lágrimas me impediram
Poder pôr mais por escrito.
Baste o que tenho dito
Para haver, por galardão,
Tres regras de vossa mão;
Para resposta das quaes,
Senhora, fique o mais
Que aqui escrever devera,
Se o escrever pudera!

24. *Cantiga aos seus olhos*

PARTIDO fiz com meus olhos
Que vos não quisessem vêr:
Não m'o puderam manter.

Com eles me concertei:
A vos não ver se obrigaram.
O que com eles fiquei,
Por certo mal o guardaram.
Feito o partido, cegaram,
Não vos vendo, por vos ver:
Não m'o puderam manter.

Como a vista foi vedada,
Vi mil mortes contra a vida,

Porque a cousa defendida
É logo mais desejada.
Fui-os tomar na cilada,
E acabei de conhecer
Que morreram por vos ver.

Consentiram no partido,
Mas foi tudo vaidade;
Que depois de prometido
Mudaram logo a vontade.
Já sei d'eles a verdade,
Que nunca me hão de manter
Partido de vos não ver.

Pu'-los em outro lugar
Para mudar a tenção,
Mas eu logo os fui tomar
Com este furto na mão.
Consentiu o coração
Que vos não quisessem vêr:
Não o puderam manter!

25. *Noites de insomnia*

I

NÃO sei para que vos quero,
Pois me d'olhos não servis,
Olhos a que tanto quis!

Para ver me fostes dados,
E vós a chorar vos destes!
E se eu tenho cuidados,
Meus olhos, vós m'os fizestes.

Dês que neles me pusestes,
Do descanso me fugis,
Olhos a que tanto quis!

Meus olhos, por muitas vias
Usais comigo cruezas;
Tomais as minhas tristezas
Para vossas alegrias.
Entram noites, entram dias,
Olhos, nunca me dormis,
Olhos a que tanto quis!

Quando vós primeiro vistes,
Que não me era bom sabieis;
Mas, por gozar do que vieis,
Em meu dano consentistes.
O que então me encobristes,
Agora m'o descobris,
Olhos a que tanto quis!

Ando-vos a vós buscando
Cousas que vos dem prazer;
E vós, quanto podeis ver,
Tristezas me andais tornando.
Agora vou-vos cantando,
Vós a mim chorando me is,
Olhos a que tanto quis!

II

Não posso dormir as noites,
Amor, não as posso dormir.

Dês que meus olhos olharam
Em vós seu mal e seu bem,
Se algum dia repousaram,

Já nenhum repouso tem.
Dias vão e noites vem
Sem vos vêr nem vos ouvir:
Como as poderei dormir?

Meu pensamento, ocupado
Na causa do seu pensar,
Acorda sempre o cuidado
Para nunca descuidar.
As noites de repousar
Dias são, ao meu sentir:
Noites de meu não-dormir.

Todo o bem é já passado
E passado em mal presente,
O sentido desvelado,
O coração descontente.
O juizo, que isto sente
Como se deve sentir,
Pouco deixará dormir.

Como não vi o que vejo
C'os olhos do coração,
Não me deito sem desejo
Nem me ergo sem paixão.
Os dias sem vos vêr vão,
As noites sem vos ouvir:
Eu as não posso dormir.

Buscarei remedio algum,
Mas onde o irei buscar?
Que ahi não havia mais que um,
Que me levou o pesar.
Tudo me foram levar;

Ficou-me só o sentir
Para não poder dormir.

Os meus cuidados cresceram,
As esperanças mingoaram;
Prazeres adormeceram,
Os pesares acordaram.
Ao bem os olhos cegaram,
Ao mal os foram abrir;
Nunca mais pude dormir.

III

Como dormirão meus olhos?
Não sei como dormirão,
Pois que vela o coração.

Toda esta noite passada,
Que eu passei em sentir,
Nunca a eu pude dormir,
De ser muito acordada.
Dos meus olhos foi velada;
Mas como não velarão,
Pois que vela o coração?

As horas d'ela cuidei
Dormi-las; foram choradas;
Pois tam bem as empreguei,
Dou-as por bem empregadas.
Todas as noites passadas
Neste pensamento vão,
Pois que vela o coração!

Pássaros, que namorados
Pareceis no que cantais,

Não ameis, que, se amais,
De vós sereis desamados.
Em meus olhos agravados
Vereis se tenho razão,
Pois que vela o coração.

D. FRANCISCO DE PORTUGAL, CONDE DO VIMIOSO

26. *Cantiga*

SE alguem deseja prazer
Viva em-no esperar,
Que todo o mais ha de achar
Maneira de o perder!

Diga-me: quem alcançou
Bem algum que desejasse,
Se nunca tanto folgou
Que d'isso se contentasse?
E pois se acaba o prazer
Que se espera, em se alcançar,
Quem esperar de o ter,
Não ouse de o tomar!

27. *Trovas sentenciosas. (Escolhidas)*

I

QUE grande espanto é cuidar
Como se sostém o mundo!

Quam perto está de pasmar
Quem ás cousas vê o fundo!

É ignorancia esperar
Por outro tempo melhor,
E no presente acertar
Convém sempre ao sabedor.

Quam prestes se determina
Quem não é determinado!
Nunca deu boa doutrina
Quem é mal-acostumado.

Que maldade é afear
As culpinhas veniaes!
Que medo dissimular
Com as vergonhas mortaes!

Quem viu nunca sem seu dono
Olhar outrem pola cousa?
Mui vencido é do sono
Quem com fadigas repousa!

Que monta mais ser senhor
Que o mais inferior?
Quem em si tem mais primor
Se deve ter por melhor.

Que vo-lo dem por escrito:
Amor de pessoas reaes,
Quanto dura o apetito,
Isso só dura e não mais!

Que grande sensaboria
É ver mundo e conhecê-lo!
Que grande graça seria
O que se cala dizê-lo!

Que má cousa é fazer trovas,
Se ocupam o cuidado?
Nunca soube muitas novas
Quem nenhumas tem palrado!

II

Muito vence quem se vence;
Muito diz, quem não diz tudo:
Ao que é discreto pertence
A tempo fazer-se mudo.

Grande fazenda é o siso
A quem d'elle sabe usar.
Nunca vi aproveitar
Falar mal em prejuizo.

O sofrer é do prudente,
Do necio a impaciencia;
Pobreza com paciencia
É riqueza excelente.

A pensamentos altivos
Vi sempre permanecer;
A espritos baixos, cativos,
Não se vê cabeça erguer.

Não vi a mao fazer fruito,
Nem sem deus haver saude;

Nem vilão, que veio a muito,
Esperar d'elle virtude.

Ao bom é grande honra
Ser do mao escarnecido.
Nunca vi maior deshonra
Que d'elle andar querido.

Trabalho é entender,
Descanso não saber nada.
A tempos muito saber
Ante senhores enfada!

FRANCISCO DE SÁ DE MIRANDA

28. *A El Rei D. João III*

REI de muitos reis,
Se uma hora só mal me atrevo
Ocupar-vos, mal faria,
E ao bem commum não teria
Os respeitos que ter devo.

Que em outras partes da 'sfera,
Em outros ceos differentes,
Que Deus tègora escondera,
Tanta multidão de gentes
Vosso mandado espera.

Que sois vós tal que a elles sós,
Justo e poderoso rei,

Ou lhes desdais os seus nós,
Ou cortais, porque entre nós
Vós sois nossa viva lei.

Onde ha homens, ha cobiça;
Cá e lá tudo ella empeça,
Se a santa, se a igual justiça
Não corta ou não desempeça
O que a má malicia enliça.

Senhor, que é muito atrevida,
E onde ella nós-cegos deu,
Cortar é cousa devida.
Exemplo: o jugo de Mida
Que el rei, vosso avô, fez seu.

Ora eu, respeito havendo
Ao tempo mais que ao estilo,
Irei, fugindo, ao que entendo:
Farei como os cães do Nilo
Que correm e vão bebendo.

A dignidade real
Que o mundo a direito tem
(Sem ella, ter-se-hia mal)
É sagrada, e não-leal
Quem limpo ante ella não vem.

Não fallemos nos tirannos,
Fallemos nos reis ungidos;
Remedeiam nossos danos,
Socorrem os affligidos,
Cortam polos maos enganos.

As vossas velas, que vão
Dando quasi ao mundo volta,
Raramente encontrarão
Gente, d'outro algum rei solta:
Sem cabeça o corpo é vão.

Dignidade alta e suprema!
Quem ha que a não reconheça?
Viu-se em Marco-Antonio tema
De pôr real diadema
A Cesar sobre a cabeça.

Que o nome de «*emperador*»
A qualquer seu capitão
Que temha em armas louvor,
Dava Roma; e era então
Mais «*consul*,» mais «*ditador*.»

Um rei ao reino convém.
Vemos que alumia o mundo
Um sol; um Deus o sostém.
Certa a queda e o fim tem
O reino onde ha rei segundo.

Não ao sabor das orelhas
Arenga estudada e branda!
Abastam as razões velhas:
A cabeça os membros manda;
Seu rei seguem as abelhas.

A tempo o bom rei perdoa,
A tempo o ferro é mezinha.
Forças e condição boa

Deram ao lião coroa
Da sua grei montesinha.

As aves, tamanho bando,
D'outra liga e d'outra lei,
Por vencer todas voando,
Tomaram a aguia por rei,
Que o sol claro atura olhando.

Quanto que sempre guardou
David lealdade e fé
A Saul! quanto o chorou!
Quanta maldição lançou
Aos montes de Gelboé,

Onde caíra o escudo
Do seu rei, inda que imigo,
Inda que já mal-sesudo—
Saindo de tal perigo,
E subindo a mandar tudo!

O Senhor da natureza
De quem ceo e terra é chea,
Vindo a esta nossa baixeza,
Do real sangue se preza:
Por *Rei* na cruz se nomea!

Sobre obrigações tamanhas
Valem-se comtudo os reis
Dos rostos falsos, das manhas
Com que lhes querem das leis
Fazer teas de aranhas.

Que, se não podem fazer
Por arte, por força, ou graça
Salvo o que a Justiça quer,
Senhor, não chamam poder
Salvo ao que lhes val na praça.

E por muito que os reis olhem,
Vão por fóra mil inchaços
(Que ante vós, Senhor, se encolhem)
D'uns gigantes de cem braços,
Com que dão e com que tolhem.

Quem graça ante el rei alcança
E hi falla o que não deve
(Mal grande da má privança!)
Peçonha na fonte lança
De que toda a terra bebe!

Quem joga onde engano vai,
Em vão corre e torna atrás,
Em vão sobre a face cai!
Mal hajam as manhas más
Donde tanto engano sai!

Homem de um só parecer,
D'um só rosto, uma só fé,
D'antes quebrar que torcer—
Elle tudo pode ser,
Mas de córte homem não é!

Gracejar ouço de cá
De quem vai inteiro e são
Nem se contrafaz mais lá:

«Como este vem aldeão!
Que cortesão tornará!»

As santidades da praça,
Aquelles rostos tristonhos
C'os quais este e aquelle caça—
Pera Deus, Senhor, são graça,
Pera nós, tudo são sonhos.

E os discursos que fazemos?
Póde ser; não póde ser!
Mais diante o entenderemos.
Agora, mortos por ver—
Então, todos nós veremos!

Senhor, hei-vos de fallar
(Vossa mansidão me esforça)
Claro o que posso alcançar:
Andam pera vos tomar
Por manhas, que não por força.

Por minas trazem suas azes;
Os rostos, de tintureiros!
Falsas guerras, falsas pazes!
De fóra, mansos cordeiros;
De dentro, lobos roazes!

Tudo seu remedio tem;
E que é assi, bem o sabeis,
E ao remedio tambem.
Querei-los conhecer bem?
No fruto os conhecereis!

Obras! que palavras não!
Porém, Senhor, somos muitos,
E entre tanta multidão
Tresmalham-se-vos os fruitos,
Que não sabeis cujos são.

Um, que por outro se vende,
Lança a pedra, e a mão esconde.
O' dano longe, se estende.
Aquelle a quem doe, se entende;
Com sós suspiros responde.

A vida desaparece,
E entretanto geme e jaz
O que caiu; e acontece
Que d'um mal que se lhe faz
Outro mór se lhe recrece.

Pena e galardão igual
O mundo a direito tem.
Ha uma regra geral:
Que a pena se deve ao mal
E o galardão ao bem.

Se alguma hora aconteceu
Na paz, muito mais na guerra,
Que a balança mais pendeu:
Faz-se engano ás leis da terra;
Nunca se faz ás do ceo.

Entre os Lombardos havia
Lei escrita e lei usada,
(Como se sabe hoje em dia)

Que, onde a prova falecia,
Que o provasse á espada:

Alli no campo, ás singelas,
Emfim morrer ou vencer,
Fosse qual quisesse d'ellas.
Não era milhor morrer
A ferro que de cautelas?

Ao nosso alto e excellente
Dom Denis, rei tam louvado,
Tam justo, a Deus tam temente,
Falsa e maliciosamente
Foi grande aleive assacado;

Elle, posto em tal perigo,
(Rei que reis fez e desfez)
Contra o malicioso imigo
Foi-lhe forçado esta vez
Chamar-se a esta lei que digo;

E juntamente ás cidades
A quem cumpriu de acudir
Polas suas lealdades.
Que tam más são as verdades
Ás vezes de descobrir.

Neste tempo quem mal cai
Mal jaz. E dizem que á luz
Por tempo a verdade sai!
Entretanto põem na cruz
O justo; o ladrão se vai.

Da mesma casa real
Em verdade um grande Iffante,
Tratado ás escuras mal,
Bradava por campo igual
E imigos claros diante.

Emfim, vendo a industria e arte
Quanto que podem, chamou
Um leal conde de parte;
Só com elle se apartou,
Foi viver a milhor parte,

Onde tudo é certo e claro,
Onde são sempre umas leis.
Principe no mundo raro!
Sobre tanto desemparo
Foram tres seus filhos reis.

Oh senhor! quantos suores
Passa o corpo e a alma em vão,
Em poder d'envolvedores.
Emfim, batalhas que são
Salvo desafios móres?

Com a mão sobre um ouvido
Ouvia Alexandre as partes,
Como quem tinha entendido,
Por fazer certo o fingido,
Quantas que se buscam d'artes.

Guardava elle o outro inteiro
Á parte inda não ouvida.
Não vai nada em ser primeiro.

Quem muito sabe, duvida.
Só Deus é o verdadeiro.

A tudo dão novas cores
Com que enleam os sentidos.
Ah maos, ah enliçadores,
Ante os reis, vossos senhores,
Andais com rostos fingidos!

Contais, gabais, estendeis
Serviços e lealdades!
Olhai que não nos daneis!
Fallai em tudo verdades
A quem em tudo as deveis!

Senhor, nosso padre Adam
Peccou; chamou-o o juiz;
Tinha que dizer ou não
Hi sua fraca razão,
Porem livremente diz.

Sempre foi, sempre ha de ser
Que onde uma só parte falla
Que a outra haja de gemer?
Se um jogo a todos iguala,
As leis que devem fazer?

Vidas e honras guardais
Debaixo de vosso emparo,
D'estranhos e naturais.
Sospiram—não podem mais—
E ás vezes não muito claro.

Após estas, Senhor, arde
A cobiça da fazenda,
Por mais que se vele e guarde.
Tem ela milhor emenda,
Se não viesse mal e tarde.

Geralmente é presumptuosa
Espanha, e d'isso se preza.
Gente ousada e bellicosa!
Culpam-na de cobiçosa.
Tudo sabe Vossa Alteza.

Pensamentos nunca cheos!
Não tem fundo aquelles sacos!
Inda mal! porque tem meos
Para viver dos mais fracos
E dos suores alheos!

Que eu vejo nos povoados
Muitos dos salteadores
Com nomes e rostos de honrados
Andar quentes e forrados
Das pelles dos lavradores.

E Senhor, não me creais
Se as não acham mais finas
Que as de lobos-cervais,
Que arminhos, que zebelinas!
Custam menos, cobrem mais!

Ah Senhor, que vos direi
Que acuda mais vento ás velas?
Nunca se descuide o rei!

Que, inda não é feita a lei,
Já lhe são feitas cautelas!

Então tristes das molheres!
Tristes dos orfãos coitados!
E a pobreza dos mesteres!
Que nem fallar são ousados
Diante os móres poderes,

Os quais, quem os assi quer
Quem os negocea assi,
Que fará quando os tiver?
Nossos houveram de ser;
Tomaram-n'os para si.

Ora, ja que as consciencias
O tempo as levou comsigo,
Venhamos ás penitencias.—
Senhor, se eu vira castigo,
Boas são as residencias.

Mas eu vejo ca na aldea
Nos enterros abastados
Muito padre que passea,
Emfim, ventre e bolsa chea,
Absoltos de seus peccados.

Se se hão de reconciliar
Uns com os outros, tem seu trato;
Basta-lhes só acenar.
Não-no fazem tam barato
Ao tempo do confissar.

Senhor, esta vossa vara,
Em quais mãos anda, tal é.
A boa é ave mui rara.—
Sabei que esta nunca é cara,
Que seja muita a mercê.

Livre de toda a cobiça,
A Deus temente e a vós,
Sem respeito e sem preguiça,
Vara direita sem nós,
Se quereis que haja justiça.

Tomai, Senhor, o conselho
Do bom Gethro ao genro amigo;
É verdade, é evangelho,
(Como disse aquelle velho,
Humilmente assi vos digo).

Que estas leis justinianas,
Se não ha quem as bem reja
Fóra de paixões humanas,
São um campo de peleja
Com razões fracas e ufanas.—

Morre o nobre Conradino
Com o parceiro em tudo igual,
(Cada um de tal morte indino)
Pelo pesado ou malino
Doutor que interpreta mal.

Diz o texto «o sangue cesse,
Por batalha a guerra finda;»
Vem com grosa outro interesse;

Diz que ande o cutelo, ainda
Que em prisão certo o tivesse!

Mas, Senhor, milhor o temos,
Sendo vós o que mandais:
Todos nos revolveremos,
Os que tanto não podemos,
E aquelles que podem mais.

Quem por amor se encadea,
Não é nome errado ou novo
Se por livre se nomea.
Não tem rei amor de povo
Tanto em quanto o mar rodea.

Aqui não vemos soldados,
Aqui não soa atambor.
Outros reis os seus estados
Guardam, de armas rodeados,
Vós, rodeado de amor.

Achar-nos-hão as divinas
No meo dos corações
Entalhadas, vossas quinas!
Estas são as guarnições
De vós e dos vossos dinas.

Tem na verdade o Francés
A seu rei amor aceso;
Não lh'o nega o Português;
Porém...traz guarda escocês,
Que não é de pouco peso

O Padre Santo assi faz,
A quem certo se devia
Alto assossego, alta paz;
Mas tem guarda todavia
Com que vai seguro e jaz!

Que se pode ir mais avante
Com quanto alcança o sentido
Sem ferro ou fogo que espante,
Com duas canas diante,
Is amado, e is temido!

Uns sobre os outros corremos
A morrer por vós com gosto.
Grandes testemunhas temos,
Com que mãos e com que rosto
Por Deus e por vós morremos.

Outrosi para os reveses
(Queira Deus que não releve!)
Em vós tem os Portugueses
O bom rei dos Athenieses,
Codro, que outrem alguem não teve.

Do vosso nome um gram rei
Neste reino lusitano
Se pôs esta mesma lei;
Que diz o seu pelicano
Pola lei e pola grei.

Mas...eu sou d'uns guardacabras
Que se vão de ponto em ponto;
Querem só duas palavras,

Que dos gados, que das lavras:
Depois...não tem fim nem conto!

Assi que seja aqui fim:
Tornem as praticas vivas.—
Perdestes mea hora em mim
Das que chamam socessivas
Estes que sabem latim.

29. *A Vontade e a Razão*

Sextina

NAO posso tornar os olhos
Onde m'os leva a razão.
Quem porá lei á vontade
Confirmada do costume—
Vontade que as suas leis
Manda defender por força?

Isto que al é se não força
Que me fazem os meus olhos,
Quebrantadores das leis?
Brada após mim a razão!
Mas que val contra o costume
Em que está posta a vontade?

Conselhos, contra a vontade
Fracos e de pouca força,
Que não podeis do costume
Tirar uma hora estes olhos,
Tendo por vós a razão
Que faz e desfaz as leis!

Que tirania de leis!
Que dureza de vontade!
Ah! gram mingua de razão!
Queira ou não queira, é por força
Que se me vão estes olhos
Onde m'os leva o costume!

Não valem leis sem costume,
Val o costume sem leis:
Tanto póde ele—e estes olhos,
Seguidores da vontade.
O tempo a tornou em força,
Em desprezo da razão.

Onde deverá a razão
Vencer vontade e costume,
Que farei á maior-força?
Hajam piedade as leis
De quem, entregue á vontade,
Vae preso após os seus olhos!

Olhos, após a vontade,
As leis, após o costume,
Após a força, a razão.—

30. *Dialogo de duas moças (ao adufe)*

Mote

Naquela serra quero ir a morar;
Quem me bem quiser, lá me irá buscar.

Voltas

1. NESTES povoados
Tudo são requestas.

Deixai-me os cuidados,
Que eu vos deixo as festas!
D'aquelas florestas
Verei longe o mar:
Pôr-me-hei a cuidar.

II. Sombras e aguas frias,
Cantar de aves, bem!
Quando as tardes vem,
Por cá bradarias!
Vês que pressa os dias
Levam sem cansar!
Nunca hão de voltar!

I. Não julgue ninguem
Nunca outrem por si!
Mais d'um bem que vi,
A vida não tem.
Não deixa este bem
(Onde se ele achar),
Mais que desejar!

II. Deixa as vaidades!
Que da mão á boca
O sabor se troca;
Trocam-se as vontades.
São essas saudades
Armadas no ar;
Não podem durar.

I. Naquela espessura
Me hei de ir esconder.
Venha o que vier,

Achar-me-hei segura.
Se tal bem não dura,
Ao seu passar
Tudo ha de acabar!

31. *Voltas*

A este cantar velho:

Saudade minha,
Quando vos veria?

I

POR terra já assi
Tudo, em tal mudança!
Que faz ainda aqui
Minha esperança?
A minha lembrança?
A minha perfia,
Que mais aperfia?

Que faz um desejo
Tam desenganado?
Que faz o sobejo
D'este meu cuidado,
Comigo apartado
Quando anoutecia,
Quando amanhecia?

Saudade e sospeitas
A torto e a dereito!
Não sereis desfeitas
Quando eu for desfeito!

Inda frio o peito,
Inda a lingua fria,
Por vós bradaria.

Francisco de Sá de Miranda

II

ESTE tempo vão,
Esta vida escassa
Para todos passa,
Só para mim não.
Os dias se vão
Sem ver este dia
Quando vos veria.

A vista alongando
Pelo que desejo,
Tudo longe vejo!
Mais longe este quando!
Emquanto mais ando,
Mais me foge o dia
Quando vos veria.

Vede esta mudança
Se esta bem perdida:
Em tam curta vida
Tam longa esperança!
Se este bem se alcança,
Tudo sofreria
Quando vos veria.

Saudosa dor,
Eu bem vos entendo,
Mas não me defendo
Porque ofendo amor.

Se fosseis maior
Em maior valia
Vos estimaria.

Minha saudade,
Caro penhor meu,
A quem direi eu
Tamanha verdade!
Na minha vontade
De noite e de dia
Sempre vos teria.

Luis de Camões

III

A VIDA s'esconde
Desque vos não vejo;
Suspira o desejo,
Só dôr lhe responde.
Foge a alma para onde
Veja o bem que via,
Mas em vão porfia.

Gasta-se-me a vida
Num contino grito,
E é do triste esprito
Quasi despedida.
Se antes de perdida
Vos visse algum dia,
De novo a teria.

Crece por momentos
Minha saudade,
Porque na verdade
Tem seus fundamentos.

A alma em sentimentos
Gasta noute e dia,
Sem vós que al faria?

Pedro de Andrade Caminha

32. *Outono*

O SOL é grande, caem co'a calma as aves
Do tempo em tal sazão que soe de ser fria:
Esta agua, que d'alto cae, acordar-me-ia
Do somno não, mas de cuidados graves.
Ó coisas todas vãs, todas mudáves,
Qual é o coração que em vós confia?
Passando um dia vae, passa outro dia,
Incertos todos mais que ao vento as naves!
Eu vi já por aqui sombras e flôres,
Vi aguas e vi fontes e vi verdura,
As aves vi cantar todas d'amores.
Mudo e secco é já tudo e de mistura!—
Tambem fazendo m'eu fui d'outras côres;
E tudo o mais renova, isto é sem cura!

LUIS DE CAMÕES

33.

AQUELLA triste e leda madrugada,
Cheia toda de magoa e de piedade,
Emquanto houver no mundo saudade
Quero que seja sempre celébrada.
Ella só, quando amena e marchetada
Sahia, dando á terra claridade,
Viu apartar-se de uma, outra vontade
Que nunca poderá ver-se apartada;

Ella só viu as lagrimas em fio
Que de uns e de outros olhos derivadas,
Juntando-se, formaram largo rio;
Ella ouviu as palavras magoadas
Que poderão tornar o fogo frio
E dar descanso ás almas condenadas.

34.

SETE annos de pastor Jacob servia
Labão, pae de Raquel, serrana bella;
Mas não servia ao pae, servia a ella,
Que a ella só por premio pretendia.
Os dias na esperança de um só dia
Passava, contentando-se com vê-la;
Porém o pae, usando de cautela,
Em lugar de Raquel lhe deu a Lia.
Vendo o triste pastor que com enganos
Assi lhe era negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida,
Começou a servir outros sete annos
Dizendo: «Mais servira, se não fôra
Para tam longo amor tam curta a vida!»

35.

UM mover d'olhos, brando e piedoso,
Sem vêr de quê; um riso brando e honesto,
Quasi forçado; um doce e humilde gesto,
De qualquer alegria duvidoso;
Um despejo quieto e vergonhoso;
Um repouso gravissimo e modesto;
Uma pura bondade, manifesto
Indicio da alma, limpo e gracioso;
Um encolhido ousar; uma brandura;

Um medo sem ter culpa; um ar sereno;
Um longo e obediente soffrimento:
Esta foi a celeste formosura
Da minha Circe, e o magico veneno
Que póde transformar meu pensamento.

36.

ESTÁ o lascivo e doce passarinho
Com o biquinho as pennas ordenando,
O verso sem medida, alegre e brando,
Despedindo no rustico raminho.
O cruel caçador, que do caminho
Se vem callado e manso desviando,
Com prompta vista a setta endireitando,
Lhe dá no estygio lago eterno ninho.
D'esta arte o coração que livre andava
(Postoque ja de longe destinado)
Onde menos temia foi ferido.
Porque o frecheiro cego me esperava
Para que me tomasse descuidado,
Em vossos claros olhos escondido.

37.

AMOR é um fogo que arde sem se ver;
É ferida que doe e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dôr que desatina sem doer;
É um não querer mais que bem-querer;
É solitario andar por entre a gente;
É um não-contentar-se de contente;
É cuidar que se ganha em se perder.
É um estar-se preso por vontade;
É servir a quem vence o vencedor;

É ter com quem nos mata lealdade.
Mas como causar pode seu favor
Nos mortaes corações conformidade,
Sendo a si tam contrario o mesmo amor?

38.

ERROS meus, má fortuna, amor ardente
Em minha perdição se conjuraram;
Os erros e a fortuna sobejaram,
Que para mim bastava amor sòmente.
Tudo passei, mas tenho tam presente
A grande dor das cousas que passaram
Que ja as frequencias suas me ensinaram
A desejos deixar de ser contente.
Errei todo o discurso de meus annos.
Dei causa a que fortuna castigasse
As minhas mal-fundadas esperanças.
De amor não vi senão breves enganos.
Oh quem tanto pudesse que fartasse
Este meu duro genio de vinganças!

39.

ALMA minha gentil, que te partiste
Tam cedo d'esta vida descontente,
Repousa lá no Ceo eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste!
Se lá no assento ethereo onde subiste
Memoria d'esta vida se consente,
Não te esqueças de aquelle amor ardente
Que já nos olhos meus tam puro viste!
E se vires que póde merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remedio, de perder-te,

Roga a Deus, que teus annos encurtou,
Que tam cedo de cá me leve a vêr-te
Quam cedo de meus olhos te levou!

40. *Epistola sobre o Desconcerto do Mundo*

QUEM póde ser no mundo tam quieto,
Ou quem terá tam livre o pensamento,
Quem tam experimentado, ou tam discreto,
Tam fóra, emfim, de humano entendimento,
Que ou com público effeito, ou com secreto,
Lhe não revolva e espante o sentimento,
Deixando-lhe o juizo quasi incerto,
Vêr e notar do mundo o desconcerto?

Quem ha que veja aquelle que vivia
De latrocinios, mortes e adulterios,
Que ao juizo das gentes merecia
Perpetua pena, immensos vituperios,
Se a Fortuna em contrario o leva e guia,
Mostrando emfim que tudo são mysterios
Em alteza d'estados triumphante,
Que por livre que seja não s'espante?

Quem ha que veja aquelle que tam clara
Teve a vida qu'em tudo por perfeito
O proprio Momo ás gentes o julgára,
Inda quando lhe visse aberto o peito,
Se a má Fortuna, ao bom sòmente avara,
O reprime e lhe nega seu direito,
Que lhe não fique o peito congelado,
Por mais e mais que seja experimentado?

Democrito dos deuses proferia
Que eram sós dous: a Pena, e o Beneficio.

Segredo algum será da phantasia
De qu'eu achar não posso claro indicio,
Que se ambos vem por não-cuidada via
A quem os não merece, é grande vicio
Em deuses sem-justiça e sem-razão.—
Mas Democrito o disse, e Paulo não!
Dir-me-heis que, s'este estranho desconcerto
Novamente no mundo se mostrasse,
Que por livre que fosse e mui experto,
Não era d'espantar se m'espantasse.
Mas que, se ja de Socrates foi certo
Que nenhum grande caso lhe mudasse
O vulto (ou de prudente, ou de constante),
Exemplo tome d'elle, e não m'espante!
Parece a razão boa; mas eu digo
D'este uso da Fortuna tam danado
Que quanto é mais usado e mais antigo,
Tanto é mais estranhado e blasphemado.
Porque, se o Ceo, das gentes tam amigo,
Não dá á Fortuna tempo limitado,
Não é para causar mui grande espanto
Que mal tam mal olhado dure tanto?
Outro espanto maior aqui m'enleia:
Que comquanto Fortuna tam profana
Com estes desconcertos senhoreia,
A nenhuma pessoa desengana.
Não ha ninguem que assente nem que creia
Este discurso vão da vida humana,
Por mais que philosophe nem qu'entenda,
Que algum pouco do mundo não pretenda.
Diogenes pisava de Platão
Com seus sordidos pés o rico estrado,
Mostrando outra mais alta presumpção

Em desprezar o fausto tam prezado.
Diogenes, não vés que extremos são
Esses que segues, de mais alto estado?
Pois se de desprezar te prezas muito,
Ja pretendes do mundo fama e fruito!
Deixo agora reis grandes, cujo estudo
É fartar esta sêde cubiçosa
De querer dominar e mandar tudo
Com fama larga e pompa sumptuosa.
Deixo aquelles que tomam por escudo
De seus vicios e vida vergonhosa
A nobreza de seus antecessores,
E não cuidam de si que são peores.
Aquelle deixo a quem do somno esperta
O gram favor do Rei que serve e adora,
E se mantem d'est'aura falsa e incerta,
Que de corações tantos é senhora.
Deixo aquelles qu'estão co'a boca aberta
Por s'encher de thesouros de hora em hora,
Doentes d'esta falsa hydropesia,
Que quanto mais alcança, mais queria.
Deixo outras obras vans do vulgo errado,
A quem não ha ninguem que contradiga,
Nem de outra cousa alguma é governado
Que d'uma opinião e usança antiga.
Mas pergunto ora a Cesar esforçado,
Ora a Platão divino, que me diga,
Este das muitas terras em que andou,
Aquelle de vencê-las, que alcançou?
Cesar dirá: «Sou digno de memoria,
Vencendo povos varios e esforçados;
Fui Monarca do mundo; e larga historia
Ficará de meus feitos sublimados.»

É verdade: mas esse mando e glória,
Lograste-o muito tempo? Os conjurados
Bruto e Cassio dirão que, se venceste,
Emfim, emfim, ás mãos dos teus morreste.
Dirá Platão: «Por ver o Etna e o Nilo
Fui a Sicilia, Egypto e outras partes,
Só por ver e escrever em alto estilo
Da natural sciencia e muitas artes.»
O tempo é breve, e queres consumi-lo,
Platão, todo em trabalhos? e repartes
Tam mal de teu estudo as breves horas,
Que, emfim, do falso Phebo o filho adoras?
Pois logo, desque vive ja apartada
A alma d'esta prisão terreste e escura,
Está em tamanhas cousas occupada
Que de fama que fica nada cura.
E se o corpo terreno sinta nada,
O Cynico dirá, se por ventura
No campo onde lançado morto estava,
De si os cães ou as aves enxotava.
Quem tam baixa tivesse a phantasia,
Que nunca em mores cousas a metesse,
Que em só levar seu gado á fonte fria,
E mungir-lhe do leite que bebesse!
Quam bem-aventurado que seria!
Que por mais que a Fortuna revolvesse,
Nunca em si sentiria maior pena
Que pesar-lhe de a vida ser pequena!
Veria erguer do sol a roxa face,
Veria correr sempre a clara fonte,
Sem imaginar a agua donde nace,
Nem quem a luz occulta no horizonte.
Tangendo a frauta donde o gado pace,

Conheceria as hervas do alto monte;
Em Deus creria, simplez e quieto,
Sem mais especular algum secreto.
De um certo Trasilao se lê e escreve
Entre as cousas da velha antiguidade,
Que perdido gram tempo o siso teve
Por causa d'uma grave enfermidade;
E emquanto, de si fóra, doudo esteve,
Tinha por teima, e cria por verdade,
Qu'eram suas, das naos que navegavam,
Quantas no Porto Pireo ancoravam.
Por um Senhor mui grande se teria,
(Além da vida alegre que passava)
Pois nas que se perdiam não perdia,
E das que vinham salvas se alegrava.
Não tardou muito tempo, quando hum dia
Um Crito, seu irmão, que ausente estava,
Á terra chega, e vendo o irmão perdido,
Do fraternal amor foi commovido.
Aos medicos o entrega, e com aviso
O faz estar á cura refusada.
Triste! que por tornar-lhe o antigo siso
Lhe tira a doce vida descansada!
As hervas apollineas d'improviso
O tornam á saude ja passada.
Sisudo Trasilao, ao caro irmão
Agradece a vontade, a obra não.
Porque despois de ver-se no perigo
Do trabalho a que o siso o obrigava,
E despois de não ver o estado antigo
Que a louca presumpção lhe apresentava:
«Oh inimigo irmão, com cór de amigo!
Para que me tiraste (suspirava)

Da mais quieta vida e livre em tudo,
Que nunca póde ter nenhum sisudo?
«Por qual Senhor algum eu me trocára,
Ou por qual algum Rei de mais grandeza?
Que me dava que o mundo se acabára,
Ou que a ordem mudasse a natureza?
Agora me é penosa a vida cara!
Sei que cousa é trabalho, e qu'é tristeza.
Torna-me a meu estado! qu'eu te aviso
Que na doudice só consiste o siso!»
Vêdes aqui, Senhor, bem claramente
Como a Fortuna em todos tem poder,
E não só no que menos sabe e sente,
Em quem nenhum desejo póde haver.
Este se póde rir da cega gente;
Neste não póde nada acontecer;
Nem estará suspenso na balança
Do temor mao, da perfida esperança.
Mas se o sereno ceo me concedéra
Qualquer quieto, humilde e doce estado,
Onde com minhas Musas só vivéra,
Sem ver-me em terra alheia degradado;
E alli outrem ninguem me conhecéra,
Nem eu conhecéra outro mais honrado,
Senão a vós, tambem como eu contente;
Que bem sei que o serieis facilmente:
E ao longo d'uma clara e pura fonte,
Qu'em borbulhas nascendo, convidasse
Ao doce passarinho que nos conte
Quem da cara consorte o apartasse:
Despois, cobrindo a neve o verde monte,
Ao gasalhado o frio nos levasse,
Avivando o juizo ao doce estudo,

Mais certo manjar d'alma, emfim, que tudo.
Cantára-nos aquelle, que tam claro
O fez o fogo da árvore phebéa,
A qual elle em estylo grande e raro
Louvando, o crystallino Sorga enfréa!
Tangéra-nos na trauta Sanazaro,
Ora nos montes, ora pola aréa!
Passára celebrando o Tejo ufano
O brando e doce Lasso castelhano.
E comnosco tambem se achára aquella,
Cuja lembrança, e cujo claro gesto
Na alma sómente vejo, porque nella
Está em essencia, puro e manifesto;
Por alta influição de minha estrella
Mitigando o rigor do peito honesto,
Entretecendo rosas nos cabellos,
De que tomasse a luz o sol em vé-los;
E emquanto por verão flores colhesse,
Ou por inverno ao fogo accomodado,
O que de mi sentira nos dissesse,
De puro amor o peito salteado:—
Não pedira então eu, que Amor me désse
Do insano Trasilão o doudo estado;
Mas que alli me dobrasse o entendimento,
Por ter de tanto bem conhecimento!—
Mas por onde me leva a phantasia?
Porque imagino em bem-aventuranças,
Se tam longe a Fortuna me desvia,
Qu'inda me não consente as esperanças?
Se um novo pensamento Amor me cria
Onde o lugar, o temor, as esquivanças
Do bem me fazem tam desamparado,
Que não póde ser mais qu'imaginado?

Fortuna, emfim, co'o Amor se conjurou
Contra mi, porque mais me magoasse.
Amor a um vão desejo me obrigou,
Só para que a Fortuna m'o negasse.
O Tempo a tal estado me chegou,
E nelle quis que a vida se acabasse...
Se ha em mi acabar-se, o qu'eu não creio,
Que até da muita vida me receio.

41. *Carta elegiaca, aa India,*

á D. Antonio de Noronha

O POETA Simónides, fallando
Co'o Capitão Themistocles um dia,
Em cousas de sciencia praticando,
Um'arte singular lhe promettia
Qu'então compunha, com que lh'ensinasse
A lembrar-se de tudo o que fazia,
Onde tam subtis regras lhe mostrasse
Que nunca lhe passassem da memoria
Em nenhum tempo as cousas que passasse. —
Bem merecia, certo, fama e gloria
Quem dava regra contra o esquecimento
Que sepulta qualquer antigua historia.
Mas o Capitão claro, cujo intento
Bem differente estava, porque havia
Do passado as lembranças por tormento,
«Oh illustre Simónides!» dizia,
«Pois tanto em teu engenho te confias,
Que mostras á memoria nova via,
Se me désses um'arte, qu'em meus dias
Me não lembrasse nada do passado,

Oh quanto melhor obra me farias!»
Se este excellente dito ponderado
Fosse por quem se visse estar ausente,
Em longas esperanças degradado,
Oh como bradaria justamente:
«Simónides, inventa novas artes!
Não midas o passado co'o presente!»
Que se é forçado andar por várias partes
Buscando á vida algum descanso honesto,
Que tu, Fortuna injusta, mal repartes;
E se o duro trabalho é manifesto
Que, por grave que seja, ha de passar-se
Com animoso espirito e ledo gesto,
De que serve ás pessoas o lembrar-se
Do que se passou ja, pois tudo passa,
Senão d'entristecer-se e magoar-se:
Se em outro corpo um'alma se traspassa,
Não (como quis Pythagoras) na morte,
Mas (como quer Amor) na vida escassa;
E se este Amor no mundo está de sorte
Que na virtude só d'um lindo objecto
Tem um corpo sem alma, vivo e forte,
Onde este objecto falta (que é defecto
Tamanho para a vida, que ja nella
Me está chamando á pena a dura Alecto);
Porque me não criara a minha estrella
Selvatico no mundo, e habitante
Na dura Scythia, e no mais duro d'ella?
Ou no Caucaso horrendo, fraco infante,
Criado ao peito d'uma tigre hyrcana,
Homem fóra formado de diamante?
Porque a cerviz ferina e inhumana
Não submettêra ao jugo e dura lei

D'aquelle que dá vida quando engana.
Ou em pago das aguas qu'estilei,
As que passei do mar, foram do Lete,
Para que m'esquecêra o que passei!
Porque o bem que a esperança vã promette,
Ou a morte o estorva, ou a mudança,
Que é mal que um'alma em lagrimas derrete.
Ja, Senhor, cahirá como a lembrança
No mal do bem passado é triste e dura,
Pois nasce aonde morre a esperança.
E se quiser saber como se apura
Em almas saudosas, não s'enfade
De ler tam longa e misera escriptura.

*

Soltava Eolo a redea e liberdade
Ao manso Favonio brandamente,
E eu a tinha ja sôlta á saudade.
Neptuno tinha pósto o seu tridente;
A proa a branca escuma dividia,
Com a gente maritima contente.
O côro das Nereidas nos seguia;
Os ventos, namorada Galatêa
Comsigo sossegados os movia.
Das argenteas conchinhas Panopéa
Andava por o mar fazendo mólhos,
Melanto, Dinamene, com Ligéa.
Eu, trazendo lembranças por antolhos,
Trazia os olhos n'agua sossegada,
E a agua sem sossêgo nos meus olhos.
A bem-aventurança ja passada
Diante de mi tinha tam presente,
Como se não mudasse o tempo nada.

E com o gesto immoto e descontente,
Co'hum suspiro profundo e mal ouvido,
Por não mostrar meu mal a toda a gente,
Dizia: «Oh claras Nymphas! se o sentido
Em puro amor tivestes, e inda agora
Da memoria o não tendes esquecido;
Se por ventura fordes algum'hora
Adonde entra o gram Tejo a dar tributo
A Tethys, que vós tendes por Senhora,
Ou ja por ver o verde prado enxuto,
Ou ja por colher ouro rutilante,
Das Tagicas areias rico fruto,
Nellas em verso erotico e elegante
Escrevei co'uma concha o qu'em mi vistes!
Póde ser que algum peito se quebrante,
E contando de mi memorias tristes,
Os pastores do Tejo, que me ouviam,
Ouçam de vós as magoas que me ouvistes.»
Ellas, que ja no gesto m'entendiam,
Nos meneios das ondas me mostravam,
Qu'em quanto lhes pedia consentiam.
Estas lembranças, que me acompanhavam
Por a tranquilidade da bonança,
Nem na tormenta triste me deixavam.
Porque, chegando ao Cabo da Esperança,
Começo da saudade que renova,
Lembrando a longa e aspera mudança,
Debaixo estando ja da estrella nova
Que no novo hemispherio resplandece,
Dando do segundo axe certa prova:
Eis a noite com nuvens s'escurece;
Do ar subitamente foge o dia;
E todo o largo Oceano s'embravece.

A máchina do mundo parecia
Qu'em tormentas se vinha desfazendo ;
Em serras todo o mar se convertia.
Lutando Boreas fero e Noto horrendo,
Sonoras tempestades levantavam,
Das naos as velas concavas rompendo.
As cordas co'o ruido assoviavam ;
Os marinheiros, ja desesperados,
Com gritos para o ceo o ar coalhavam.
Os raios por Vulcano fabricados
Vibrava o fero e aspero Tonante,
Tremendo os Polos ambos de assombrados.
Amor alli, mostrando-se possante,
E que por algum medo não fugia,
Mas quanto mais trabalho, mais constante,
Vendo a morte presente, em mi dizia :
«Se algum'hora, Senhora, vos lembrasse,
Nada do que passei me lembraria.»
Emfim, nunca houve cousa que mudasse
O firme amor intrinseco d'aquelle
Em quem alguma vez de siso entrasse.
Uma cousa, Senhor, por certa asselle,
Que nunca amor se affina nem se apura
Emquanto está presente a causa d'elle.—

*

Dest'arte me chegou minha ventura
A esta desejada e longa terra,
De todo pobre honrado sepultura.
Vi quanta vaidade em nós s'encerra,
E nos proprios quam pouca, contra quem
Foi logo necessario termos guerra.
Uma Ilha que o Rei de Porcá tem,

E que o Rei da Pimenta lhe tomára,
Fomos tomar-lh'a. E succedeu-nos bem
Com uma grossa armada, que juntára
O Viso-Rei, de Goa nos partimos
Com toda a gente d'armas que se achára.
E com pouco trabalho destruimos
A gente no curvo arco exercitada:
Com morte, com incendios os punimos.
Era a Ilha com aguas alagada,
De modo que se andava em almadias;
Emfim, outra Veneza trasladada.
Nella nos detivemos sós dous dias,
Que foram para alguns os derradeiros,
Pois passáram da Estyge as ondas frias.
Qu'estes são os remedios verdadeiros
Que para a vida estão apparelhados
Aos que a querem ter por cavalleiros!
Oh lavradores bem-aventurados!
Se conhecessem seu contentamento,
Como vivem no campo sossegados!
Dá-lhes a justa terra o mantimento;
Dá-lhes a fonte clara d'agua pura;
Mungem suas ovelhas cento a cento.
Não vem o mar irado, a noite escura,
Por ir buscar a pedra do Oriente;
Não temem o furor da guerra dura.
Vive um com suas arvores contente,
Sem lhe quebrar o somno repousado
A gram cobiça d'ouro reluzente.
Se lhe falta o vestido perfumado.
E da formosa côr de Assyria tinto,
E dos torçaes attálicos lavrado;
Se não tem as delicias de Corinto.

E se de Pário os marmores lhe faltam,
O pyropo, a esmeralda e o jacinto;
Se suas casas de ouro não s'esmaltam,
Esmalta-se-lhe o campo de mil flores,
Onde os cabritos seus comendo saltam.
Alli lhe mostra o campo várias côres;
Vem-se os ramos pender co'o fruto ameno;
Alli se affina o canto dos pastores.
Alli cantára Tityro e Sileno!
Emfim, por estas partes caminhou
A sã Justiça para o ceo sereno!
Ditoso seja aquelle que alcançou
Poder viver na doce companhia
Das mansas ovelhinhas que criou!
Este, bem facilmente alcançaria
As causas naturaes de toda cousa:
Como se gera a chuva e neve fria;
Os trabalhos do sol, que não repousa;
E porque nos dá a lũa a luz alhêa,
Se tolher-nos de Phebo os raios ousa;
E como tam depressa o ceo rodéa;
E como um só os outros traz comsigo;
E se é benigna ou dura Cytherêa.
Bem mal póde entender isto que digo
Quem ha de andar seguindo o fero Marte;
Que sempre os olhos traz em seu perigo.
Porém, seja, Senhor, de qualquer arte,
Pois, postoque a Fortuna possa tanto
Que tam longe de todo o bem me aparte,
Não poderá apartar meu duro canto
D'esta obrigação sua, emquanto a morte
Me não entrega ao duro Radamanto—
Se para tristes ha tam leda sorte.

42. ## *Egloga I*

Á morte de D. Antonio de Noronha e do Principe D. João de Portugal

UMBRANO

QUÃ grande variedade vão fazendo,
Frondelio amigo, as horas apressadas!
Como se vão as cousas convertendo
Em outras cousas varias e inesperadas!
Um dia a outro dia vai trazendo
Por suas mesmas horas ja ordenadas:
Mas quam conformes são na quantidade,
Tam differentes são na qualidade.

Eu vi ja d'este campo as várias flores
Ás estrellas do ceo fazendo inveja;
Adornados andar vi os pastores
De quanto por o mundo se deseja:
E vi c'o campo competir nas côres
Os trajes, de obra tanta e tam sobeja,
Que se a rica materia não faltava,
Á obra, de mais rica, sobejava.

E vi perder seu preço as brancas rosas,
E quasi escurecer-se o claro dia
Diante de umas mostras perigosas
Que Venus mais que nunca engrandecia.
Ás pastoras, emfim, vi tam formosas
Que o Amor de si mesmo se temia;
Mas mais temia o pensamento falto
De não ser para ter temor tam alto.

Agora tudo está tam differente,
Que move os corações a grande espanto;
E parece que Jupiter potente
Se entrada ja de o mundo durar tanto.

O Tejo corre turvo e descontente,
As aves deixam seu suave canto,
E o gado, inda que a herva lhe fallece,
Mais que da falta d'ella se emmagrece.

FRONDELIO

Umbrano irmão, decreto é da natura,
Inviolavel, fixo e sempiterno,
Que a todo bem succeda desventura,
E não haja prazer que seja eterno:
Ao claro dia segue a noite escura,
Ao suave verão o duro inverno;
E se ha cousa que saiba ter firmeza,
É sòmente esta lei da natureza.

Toda alegria grande e sumptuosa
A porta abrindo vem ao triste estado:
Se um'hora vejo alegre e deleitosa,
Temendo estou do mal apparelhado.
Não vês que mora a serpe venenosa
Entre as flores do fresco e verde prado?
Ah! não te engane algum contentamento,
Que mais instavel é que o pensamento!

É praza a Deus que o triste e duro fado
De tamanhos desastres se contente!
Que sempre um grande mal inopinado
É mais do que o espera a incauta gente.
Que vejo este carvalho que queimado
Tam gravemente foi do raio ardente.
Não seja ora prodigio que declare
Que o barbaro cultor meus campos are.

UMBRANO

Emquanto do seguro azambujeiro
Nos pastores de Luso houver cajados,

Com o valor antiguo, que primeiro
Os fez no mundo tam assinalados,
Não temas tu, Frondelio companheiro,
Qu'em algum tempo sejam sobjugados,
Nem que a cerviz indomita obedeça
A outro jugo qualquer que se lhe offreça.
E postoque a soberba se levante
De inimigos a torto e a direito,
Não crêas tu que a força repugnante
Do fero e nunca ja vencido peito,
Que desde quem possue o monte Atlante
Adonde beise o Hydaspe tem sujeito,
O possa nunca ser de força alheia,
Emquanto o sol a terra e o ceo rodeia.

FRONDELIO

Umbrano, a temeraria segurança
Qu'em força ou em razão não se assegura,
E falsa e vã; que a grande confiança
Não é sempre ajudada da ventura.
Que lá junto das aras da esperança,
Némesis moderada, justa e dura,
Um freio lhe esta pondo e lei terribil,
Que os limites não passe do possibil.
E se attentares bem os grandes danos
Que se nos vão mostrando cada dia,
Poras freio tambem a esses enganos
Que te está figurando a ousadia:
Tu não vés como os lobos tingitanos,
Apartados de toda cobardia,
Matam os cães, do gado guardadores,
E não sòmente os cães, mas os pastores?
Pois o grande curral, seguro e forte,

Do alto monte Atlas não ouviste
Que com sanguinolenta e fera morte
Despovoado foi por caso triste!
Oh triste caso! oh desastrada sorte,
Contra quem fórça humana não resiste!
Que alli tambem da vida foi privado
Ó meu Tionio, ainda em flor cortado!

UMBRANO

Em lagrimas me banha rosto e peito
D'esse caso terrivel a memoria,
Quando vejo quam sabio e quam perfeito,
E quam merecedor de longa historia
Era esse teu pastor, que sem direito
Deu ás Parcas a vida transitoria.
Mas não ha hi quem d'herva o gado farte,
Nem de juvenil sangue o fero Marte!
Porém, se te não for muito pesado,
(Ja qu'esta triste morte me lembraste)
Canta-me d'esse caso desastrado
Aquelles brandos versos que cantaste,
Quando hontem, recolhendo o manso gado,
De nósoutros pastores te apartaste;
Qu'eu tambem que as ovelhas recolhia,
Não te podia ouvir como queria.

FRONDELIO

Como queres renove ao pensamento
Tamanho mal, tamanha desventura?
Porqu'espalhar suspiros vãos ao vento,
Para os que tristes são, é falsa cura.—
Mas, pois te move tanto o sentimento
Da morte de Tionio, triste e escura,

Eu porei teu desejo em doce effeito,
Se a dor me não congela a voz no peito.

UMBRANO

Canta agora, pastor, que o gado pace
Entre as humidas hervas sossegado;
E lá nas altas serras, onde nace,
O sacro Tejo, a sombra recostado,
Co'os seus olhos no chão, a mão na face,
Está para te ouvir apparelhado;
E com silencio triste estão as Nymphas,
Dos olhos destillando claras lymphas.

O prado as flores brancas e vermelhas
Está suavemente presentando;
As doces e solicitas abelhas
Com susurro agradavel vão voando;
As candidas, pacificas ovelhas,
Das hervas esquecidas, inclinando
As cabeças estão ao som divino
Que faz, passando, o Tejo crystallino.

O vento d'entre as arvores respira,
Fazendo companhia ao claro rio;
Nas sombras a ave garrula suspira,
Sua magoa espalhando ao vento frio.
Toca, Frondelio, toca a doce lira;
Que d'aquelle verde alamo sombrio
A branda philomela, entristecida,
Ao mais saudoso canto te convida.

FRONDELIO

Aquelle dia as aguas não gostaram
As mimosas ovelhas; e os cordeiros
O campo encheram d'amorosos gritos.

E não se penduraram dos salgueiros
As cabras, de tristeza; mas negaram
O pasto si, e o leite, aos cabritos.
Prodigios infinitos
Mostrava aquelle dia,
Quando a Parca queria
Principio dar ao fero caso triste.
E tu tambem (ó corvo) o descobriste,
Quando, da mão direita, em voz escura,
Voando, repetiste
A tyrannica lei da morte dura.
Tionio meu, o Tejo crystallino
E as arvores que ja desamparaste,
Choram o mal de tua ausencia eterna.
Não sei porque tam cedo nos deixaste!
Mas foi consentimento do Destino,
Por quem o mar e a terra se governa.
A noite sempiterna,
Que tu tam cedo viste,
Cruel, acerba e triste,
Sequer de tua idade não te dera
Que logràras a fresca primavera?
Não usára comnosco tal crueza,
Que nem nos montes fera,
Nem pastor ha no campo sem tristeza.
Os Faunos, certa guarda dos pastores,
Ja não seguem as Nymphas na espessura,
Nem as Nymphas aos cervos dão trabalho.
Tudo, qual vês, é cheio de tristura:
Ás abelhas o campo nega as flores,
Como ás flores a aurora nega o orvalho.
Eu que cantando espalho
Tristezas todo o dia,

A frauta que soia
Mover as altas arvores tangendo,
Se me vai de tristeza enrouquecendo;
Que tudo vejo triste neste monte:
E tu tambem correndo
Manas envolta e triste, ó clara fonte.
As Tágides no rio, e na aspereza
Do monte as Orcádas, conhecendo
Quem te obrigou ao duro e fero Marte,
Como em geral sentença vão dizendo,
Que não póde no mundo haver tristeza
Em cuja causa amor não tenha parte.
Porqu'elle, emfim, d'est'arte
Nos olhos saudosos,
Nos passos vagarosos,
E no rosto, que Amor com phantasia
Da pallida viola lhe tingia,
A todos de si dava sinal certo
Do fogo que trazia;
Que nunca soube amor ser encoberto.
Ja diante dos olhos lhe voavam
Imagens e phantasticas pinturas,
Exercicios do falso pensamento;
Ja por as solitarias espessuras
Entre os penedos sós, que não fallavam,
Fallava e descobria seu tormento.
Em longo esquecimento
De si, todo embebido,
Andava tam perdido,
Que quando algum pastor lhe perguntava
A causa da tristeza que mostrava,
Como quem para penas só vivia,
Sorrindo, lhe tornava:

«Se não vivesse triste, morreria!»
Mas como este tormento o sinalou,
E tanto no seu rosto se mostrasse,
Entendendo-o ja bem o pae sisudo,
Porque do pensamento lh'o tirasse,
Longe da causa d'ele o apartou;
Porque, emfim, longa ausencia acaba tudo.
Oh falso Marte rudo,
Das vidas cobiçoso!
Que donde o generoso
Peito resuscitava em tanta gloria
De seus antecessores a memoria,
Alli, fero e cruel, lhe destruiste,
Por injusta victoria,
Primeiro que o cuidado, a vida triste.
Parece-me, Tionio, que te vejo,
Por tingires a lança cobiçoso
Naquelle infido sangue mauritano,
No hispanico ginete bellicoso,
Que ardendo tambem vinha no desejo
De atropellar por terra ao Tingitano.
Oh confiado engano!
Oh encurtada vida!
Que a virtude, opprimida
Da multidão forçosa do inimigo,
Não póde defender-se do perigo:
Porqu'assi o Destino o permittiu.
E assi levou comsigo
O mais gentil pastor que o Tejo viu.
Qual o mancebo Euryalo, enredado
Entre o poder dos Rutulos, fartando
As iras da soberba e dura guerra,
Do cristalino rosto a côr mudando,

Cujo purpureo sangue, derramado
Por as alvas espadas, tinge a serra,
(Que como flor, que a terra
Lhe nega o mantimento,
Porque o tempo avarento
Tambem o largo humor lhe tem negado,
O collo inclina languido e cansado:)
Tal te pintou, ó Tionio, dando o espirito
A quem t'o tinha dado:
Qu'este é sómente eterno e infinito.
Da congelada boca a alma pura,
Co'o nome juntamente da inimiga
E excellente Marfida, derramava.
E tu, gentil Senhora, não te obriga
A pranto sempiterno a morte dura
De quem por ti sómente a vida amava?
Por ti aos ecos dava
Accentos numerosos;
Por ti aos bellicosos
Exercicios se deu do fero Marte.
E tu, ingrata, o amor ja noutra parte
Foras, como acontece ao fraco intento:
Que, emfim, emfim, dest'arte
Se muda o femininо pensamento.—
Pastores d'este valle ameno e frio,
Que de Tionio o caso desastrado
Quereis nas altas serras que se conte,
Um tumulo, de flores adornado,
Lhe edificai ao longo d'este rio,
Que a vela enfreie ao duro navegante:
E o lasso caminhante,
Vendo tamanha magoa,
Arrase os olhos d'agoa,

Lendo na pedra dura o verso escrito,
Que diga assi: «Memoria sou, que grito
Para dar testemunho em toda parte
Do mais gentil Esprito
Que tiraram do mundo Amor e Marte.»

UMBRANO

Qual o quieto somno aos cansados
Debaixo de algum' arvore sombria,
Ou qual aos sequiosos encalmados
O vento respirante e a fonte fria:
Taes me foram teus versos delicados,
Teu numeroso canto e melodia;
E ainda agora o tom suave e brando
Os ouvidos me fica adormentando.
Emquanto os peixes humidos tiverem
As areosas covas d'este rio,
E correndo estas aguas conhecerem
Do largo mar o antiguo senhorio;
E emquanto estas hervinhas pasto derem
Ás petulantes cabras, eu te fio
Que em virtude dos versos que cantaste
Sempre viva o pastor que tanto amaste.
Mas ja que pouco a pouco o sol nos falta,
E dos montes as sombras se accrescentam,
De flores mil o claro ceo se esmalta,
Que tam ledas aos olhos se presentam,
Levemos por o pé d'esta serra alta
Os gados, que ja agora se contentam
Do que comido tem, Frondelio amigo.
Anda, que até o outeiro irei comtigo.

FRONDELIO

Antes por este valle, amigo Umbrano,

Se t'aprouver, levemos as ovelhas,
Porque, se eu por acérto não me engano,
De lá me sóa um eco nas orelhas:
O doce accento não parece humano.
E, se em contrario tu não m'aconselhas,
Eu quero descobrir que cousa seja;
Que o tom m'espanta, e a voz me faz inveja.

UMBRANO

Comtigo vou, que quanto mais me chego,
Mais gentil me parece a voz que ouviste,
Peregrina, excelliente; e não te nego
Que me faz cá no peito a alma triste.
Vês como tem os ventos em sosségo?
Nenhum rumor da serra lhe resiste:
Nenhum passaro vôa, mas parece
Que, do canto vencido, lhe obedece.
Porém, irmão, melhor me parecia
Que não fôssemos lá; que estorvaremos;
Mas sobidos nest' arvore sombria,
Todo o valle de aqui descobriremos.
Os çurrões e cajados, todavia,
Neste comprido tronco penduremos:
Para subir fica homem mais ligeiro.
Deixa-me tu, Frondelio, ir primeiro.

FRONDELIO

Espera! assi dar-te-hei de pé, se queres:
Subirás sem trabalho e sem ruido;
E depois que subido lá 'stiveres,
Dar-me-has a mão de cima; que é partido.
Mas primeiro me dize, se o puderes
Ver, donde nasce o canto nunca ouvido:

Quem lança o doce accento delicado.
Falla; que ja te vejo estar pasmado.

UMBRANO

Cousas não costumadas na espessura,
Que nunca vi, Frondelio, vejo agora:
Formosas Nymphas vejo na verdura,
Cujo divino gesto o ceo namora.
Uma de desusada formosura,
Que das outras parece ser Senhora,
Sobre um triste sepulcro, não cessando,
Está perlas dos olhos destillando.
De todas estas altas semidêas,
Qu'em tórno estão do corpo sepultado,
Umas, regando as humidas aréas,
De flóres tem o tumulo adornado;
Outras, queimando lagrimas sabêas,
Enchem o ar de cheiro sublimado;
Outras em ricos pannos, mais avante,
Envolvem brandamente um novo infante.
Uma, que d'entre as outras se apartou,
Com gritos, que a montanha entristeceram,
Diz, que despois que a morte a flor cortou
Que as estrellas sòmente mereceram,
Este penhor carissimo ficou
D'aquelle, a cujo imperio obedeceram
Douro, Mondego, Tejo e Guadiana,
Até o remoto mar da Taprobana.
Diz mais, que se encontrar este menino
A noite intempestiva, amanhecendo,
O Tejo, agora claro e crystallino,
Tornará a fera Alecto em vulto horrendo.
Mas que, a ser conservado do Destino,

As benignas estrellas promettendo
Lhe estão o largo pasto de Ampelusa.
Co'o monte que em mão ponto vin Medusa.
Este prodigio grande Nympha bella
Com abundantes lagrimas recita
Porém, qual a eclipsada clara estrella,
Qu'entre as outras o ceo primeiro habita,
Tal coberta de negro vejo aquela,
A quem só n'alma toca a gram desdita.
Dá cá, Frondelio, a mão; e sobe a ver
Tudo o mais qu'eu de dor não sei dizer.
Oh triste morte, esquiva e mal olhada,
Que a tantas formosuras injurias!
Aquela deosa bella e delicada
Sequer algum respeito ter devias.
Esta é, por certo, Aonia, filha amada
D'aquele gram Pastor, qu'em nossos dias
Danubio entreia, manda o claro Ibero,
E espanta o morador do Euxino fero.
Morreu-nos o excellente e poderoso,
(Que a isto está sujeita a vida humana)
Doce Aonio, d'Aonia caro Esposo.
Ah lei dos fados, aspera e tyranna!—
Mas o som peregrino e piedoso,
Com que a formosa Nympha a dor engana,
Escuta um pouco. Nota e vê, Umbrano,
Quam bem que sóa o verso Castelhano!

AONIA

Alma, y primero amor del alma mia,
Espiritu dichoso, en cuya vida
La mia estuvo encuanto Dios queria!
Sombra gentil, de su prision salida,

Que del mundo á la patria te volviste,
Donde fuiste engendrada y procedida!
Recibe allá este sacrificio triste,
Que te offrecen los ojos que te vieron,
Si la memoria d'ellos no perdiste.
Que, pues los altos cielos permitieron
Que no te acompañase en tal jornada,
Y para ornarse solo á ti quisieron,
Nunca permitirán, que acompañada
De mi no sea esta memoria tuya,
Que está de tus despojos adornada.
Ni dejará, por mas que el tiempo huya,
De estar en mi con sempiterno llanto,
Hasta que vida y alma se destruya.
Mas tú, gentil Espiritu, entretanto
Que otros campos y flores vas pisando,
Y otras zampoñas oyes, y otro canto;
Agora embevecido estés mirando
Allá en el Empireo aquella idea,
Que el mundo enfrena y rige con su mando;
Agora te posuya Citherea
En el tercero asiento, ó porque amaste,
Ó porque nueva amante allá te sea;
Agora el sol te admire, si miraste
Como vá por los Signos, encendido,
Las tierras alumbrando que dejaste:
Si en ver estos milagros no has perdido
La memoria de mi, ó fué en tu mano
No pasar por las aguas del olvido;
Vuelve un poco los ojos á este llano,
Verás una, que á ti con triste lloro,
Sobre este marmol sordo llama en vano.
Pero si entraren en los Signos de oro

Lágrimas y gemidos amorosos,
Que muevan el supremo y santo coro,
La lumbre de tus ojos tan hermosos
Yo la veré muy presto: y podré verte;
Que a pesar de los hados enojosos
También para los tristes hubo muerte!

43. *Canção XI*

VINDE cá, meu tam certo secretario
Dos queixumes que sempre ando fazendo!
Papel, com que a pena desafogo!
As semrazões digamos que vivendo
Me faz o inexoravel e contrario
Destino—surdo a lagrimas e a rogo!
Lancemos agua pouca em muito fogo!
Acenda-se com gritos um tormento
Que a todas as memorias seja estranho!
Digamos mal tamanho
A Deus, ao mundo, ás gentes, e emfim ao vento
A quem ja muitas vezes o contei—
Tanto debalde como o conto agora!
Mas—ja que para errores fui nascido—
Vir este a ser um d'elles não duvido.
E pois ja d'acertar estou tam fóra,
Não me culpem se tambem nisto errei.
Sequer este refugio só terei—
Falar e errar, sem culpa, livremente.
¡Triste quem de tam pouco está contente!

Ja me desenganei que de queixar-me
Não se alcança remedio; mas quem pena,
Forçado lhe é gritar, se a dôr é grande.

Gritarei ; mas é debil e pequena
A voz para poder desabafar-me,
Porque nem com gritar a dór se abrande!—
Quem me dará sequer que fóra mande
Lagrimas e suspiros infinitos,
Iguaes ao mal que dentro na alma mora?—
Mas quem póde alguma hora
Medir o mal com lagrimas e gritos?—
Direi emfim aquilo que m'ensinam
A ira, a magoa, e d'elas a lembrança,
Que outra dór é, por si mais dura e firme
Chegai, desesperados, para ouvir-me!
E fujam os que vivem d'esperança,
Ou aqueles que nela se imaginam!
Porque Amor e Fortuna determinam
De lhes darem poder para entenderem
Á medida dos males que tiverem.

*

Quando vim da materna sepultura
De novo ao mundo, logo me fizeram
Estrelas infelizes obrigado:
Com ter livre alvedrio, m'o não deram,
Qu'eu conheci mil vezes na ventura
O melhor, mas o peor segui, forçado.
E para que o tormento conformado
Me dessem com a idade, quando abrisse
Inda menino os olhos brandamente,
Mandam que diligente
Um menino sem olhos me ferisse.—
As lagrimas da infancia ja manavam
Com uma saudade namorada;
O som dos gritos que no berço dava,

Ja como de suspiros me soava.
Com o tudo estava a idade concertada,
Porque, quando por caso m'embalavam,
Se d'amor tristes versos me cantavam,
Logo me adormecia a natureza—
Que tam conforme estava co'a tristeza!

Foi minha ama uma fera, que o Destino
Não quis que mulher fosse a que tivesse
Tal nome para mi; nem a haveria.
Assi criado fui porque bebesse
O veneno amoroso, de menino,
Que na maior idade beberia,
E, por costume, não me mataria.—
Logo então vi a imagem e semelhança
D'aquela humana fera tam formosa,
Suave e venenosa,
Que me criou aos peitos da esperança;
De quem eu vi despois o original,
Que de todos os grandes desatinos
Faz a culpa soberba e soberana.
Parece-me que tinha forma humana,
Mas scintilava espiritos divinos.
Um meneio e presença tinha tal
Que se vangloriava todo o mal
Na vista d'ela: a sombra, co'a viveza,
Excedia o poder da natureza.

Que genero tam novo de tormento
Teve Amor, sem que fosse não sòmente
Provado em mi, mas todo executado!
Implacaveis durezas que ao fervente
Desejo, que dá força ao pensamento,

Tinham, de seu proposito, abalado;
E corrido, de vêr-se, e injuriado.
Aqui sombras fantasticas, trazidas
D'algumas temerarias esperanças;
As bemaventuranças
Tambem nelas fundadas e fingidas.
Mas a dór do desprezo recebido
Que todo o fantasiar desatinava,
Estes enganos punha em desconcerto;
Aqui o adivinhar e ter por certo
Qu'era verdade quanto adivinhava,
E logo o desdizer-me de corrido,
Dar ás cousas que via outro sentido,
E para tudo, emfim, achar razões—
Mas eram muitas mais as sem razões.

Não sei como sabia estar roubando,
C'os raios, as entranhas que fugiam
Para ela por os olhos subtilmente:
Pouco a pouco invisiveis me saiam,
Bem como do veo humido exhalando
Está o subtil humor o sol ardente.
O gesto puro emfim e transparente,
(Para quem fica baixo e sem valia
Este nome de belo e de formoso);
O doce e piedoso
Mover d'olhos que as almas suspendia,
Foram as hervas magicas, que o ceo
Me fez beber: as quaes por longos anos
Noutro ser me tiveram transformado,
E tam contente de me ver trocado
Que as magoas enganava co'os enganos;
E diante dos olhos punha o veo,

Que m'encobrisse o mal que assi cresceu
Como quem com afagos se criava
D'aquele para quem criado estava

Pois quem pode pintar a vida ausente
Com um descontentar-me quanto via?
E aquel' estar tam longe d'onde estava?
O falar, sem saber o que dizia?
Andar, sem ver por onde? e juntamente
Suspirar, sem saber que suspirava?
Pois quando aquele mal m'atormentava
E aquela dór que das tartáreas aguas
Saiu ao mundo e mais que todas doe,
Que tantas vezes soe
Em duras iras tomar brandas magoas?
Agora, co'o furor da magoa irado,
Querer e não-querer deixar de amar?
E mudar noutra parte por vingança
O desejo, privado d'esperança,
Que tam mal se podia ja mudar?
Agora a saudade do passado,—
Tormento puro, doce e magoado—
Que converter fazia estes furores
Em magoadas lagrimas d'amores?

Que desculpas comigo só buscava
Quando o suave amor me não sofria
Culpa na cousa amada, e tam amada!—
Eram emfim remedios que fingia
O medo do tormento qu'ensinava
A vida a sustentar-se d'enganada.
Nisto uma parte d'ela foi passada,
Na qual, se teve algum contentamento,

Breve, imperfeito, timido, indecente,
Não foi senão semente
De longo e amarissimo tormento.
Este curso contino de tristeza,
Estes passos, tam vanmente espalhados,
Me foram apagando o ardente gósto
(Que tam de siso n'alma tinha posto)
D'aqueles pensamentos namorados
Com que criei a tenra natureza
Que—do longo costume da aspereza
Contra quem força humana não resiste—
Se converteu ao gósto de ser triste.

D'esta arte a vida em outra fui trocando—
Eu não! mas o Destino fero, irado!
Qu'eu, inda assi, por outra a não trocára!
Fez-me deixar o patrio ninho amado,
Passando o longo mar que ameaçando
Tantas vezes m'esteve a vida cara:
Agora experimentando a furia rara
De Marte que nos olhos quis que logo
Visse e tocasse o acerbo fruto seu;
E neste escudo meu
A pintura verão do infesto fogo;
Agora peregrino, vago errante,
Vendo nações, linguagens e costumes,
Ceos varios, qualidades diferentes,
Só por seguir com passos diligentes,
A ti, Fortuna injusta, que consumes
As idades, levando-lhes diante
Uma esperança, em vista de diamante,
Mas, quando das mãos cae, se conhece
Que é fragil vidro aquilo que apparece!

A piedade humana me faltava,
A gente amiga ja contraria via
No perigo primeiro. E no segundo,
Terra em que pór os pés me falecia,
Ar para respirar se me negava,
E faltava-me, emfim, o tempo e o mundo.—
Que segredo tam arduo e tam profundo:
Nascer para viver, e para a vida
Faltar-me quanto o mundo tem para ella!
E não poder perdê-la,
Estando tantas vezes ja perdida!
Emfim, não houve transe de fortuna,
Nem perigos, nem casos duvidosos,
Injustiças d'aquelles que o confuso
Regimen do mundo (antigo abuso)
Faz sobre os outros homens poderosos,
Qu'eu não passasse, atado á fiel coluna
Do sofrimento meu, que a importuna
Perseguição de males, em pedaços
Mil vezes fez á força de seus braços.

Não conto tantos males como aquelle
Que, despois da tormenta procelosa,
Os casos d'ella conta em porto ledo—
Que, inda agora, a Fortuna fluctuosa
A tamanhas miserias me compelle
Que de dar um só passo tenho medo.
Ja de mal que me venha, não m'arredo,
Nem bem que me taleça ja pretendo,
Que para mim não val astucia humana.
Da força soberana
Da Providencia, emfim, Divina pendo.—
Isto que cuido e vejo, ás vezes tomo

Para consolação de tantos danos;
Mas a fraqueza humana, quando lança
Os olhos no que corre, e não alcança
Senão memoria dos passados annos,
As aguas qu'então bebo e o pão que como,
Lagrimas tristes são, qu'eu nunca domo
Senão com fabricar na fantasia
Fantasticas pinturas d'alegria.

Que, se possivel fosse que tornasse
O tempo para trás, como a memoria,
Por os vestigios da primeira idade,
E de novo tecendo a antiga historia
De meus doces errores, me levasse
Por as flores que vi da mocidade;
E a lembrança da longa saudade
Então fosse maior contentamento,
Vendo a conversação leda e suave
Onde uma e outra chave
Esteve de meu novo pensamento,
Os campos, as passadas, os sinaes,
A vista, a neve, a rosa, a formosura,
A graça, a mansidão, a cortesia,
A singela amizade que desvia
Toda a baixa tenção, terrena, impura,
Como a qual outra alguma não vi mais.—
Ah vans memorias! onde me levaes?
Oh debil coração, qu'inda não posso
Domar bem este vão desejo vosso!—

Não mais, Canção! não mais! qu'irei fallando,
Sem o sentir, mil annos; e se acaso
Te culparem de larga e de pesada,

«Não póde ser» lhe dize «limitada
A agua do mar em tam pequeno vaso.»
Nem eu delicadezas vou cantando
Co'o gósto do louvor, mas explicando
Puras verdades, ja por mim passadas.—
¡Oxalá foram fabulas sonhadas!

44. *A uma cativa com quem andava de amores na India, chamada Barbara*

AQUELLA captiva
Que me tem captivo,
Porque nella vivo,
Ja não quer que viva.
Eu nunca vi rosa
Em suaves mólhos,
Que para meus olhos
Fosse mais formosa.
Nem no campo flores,
Nem no céo estrellas
Me parecem bellas
Como os meus amores.
Rosto singular!
Olhos sossegados,
Pretos e cansados,
Mas não de matar!
Uma graça viva,
Que nelles lhe móra,
Para ser senhora
De quem é captiva.
Pretos os cabellos,

Onde o povo vão
Perde opinião
Que os louros são bellos.
  Pretidão de Amor!
Tam doce a figura
Que a neve lhe jura
Que trocára a côr!
Leda mansidão,
Que o siso acompanha,
Bem parece estranha,
Mas...*barbara* não.
  Presença serena
Que a tormenta amansa:
Nella emfim descansa
Toda minha pena.
Esta é a captiva
Que me tem captivo;
E pois nella vivo,
É força que viva!

45. *Endechas*

VAE o bem fugindo,
Cresce o mal c'os annos,
Vão-se descobrindo
C'o tempo os enganos.
  Amor e alegria
Menos tempo dura.
Triste de quem fia
Nos bens da ventura!
  Bem sem fundamento
Tem certa a mudança,

Certo o sentimento
Na dôr da lembrança.
  Quem vive contente,
Viva receoso:
Mal que se não sente,
É mais perigoso.
  Quem males sentia,
Saiba ja temer;
E pelo que via
Julgue o que ha de ser.
  Alegre vivia,
Triste vivo agora:
Chora a alma de dia,
E de noite chora.
  Confesso os enganos
De meu pensamento:
Bem de tantos annos
Foi-se n'um momento!
  Meus olhos, que vistes?
Pois vos atrevestes,
Chorae olhos tristes,
O bem que perdestes!
  A luz do sol pura
Só a vós se negue!
Seja noite escura!
Nunca a manhã chegue!
  O campo floreça,
Murmurem as agoas!
Tudo me entristeça,
Crescam minhas magoas!
  Quisera mostrar
O mal que padeço;
Não me dá logar

Quem lhe deu começo.
Em tristes cuidados
Passo a triste vida;
Cuidados cansados,
Vida aborrecida!
Nunca pude crêr
O que agora creio:
Chegou-me o prazer
Do mal que me veio.
Ah ventura minha,
Como me negaste!
Um só bem que tinha,
Porque m'o roubaste!
Triste fantasia,
Quanta cousa guarda!
Quem ja visse o dia,
Que tanto lhe tarda!
Nesta vida cega
Nada permanece;
O que inda não chega,
Ja desapparece.
Qualquer esperança
Foge como o vento:
Tudo faz mudança,
Salvo meu tormento.
Amor cego e triste,
Quem o tem padece.
Mal quem lhe resiste!
Mal quem lhe obedece!
No meu mal esquivo,
Sei como Amor trata:
E pois nelle vivo,
Nenhum amor mata.

46. *Ode*

A Dom Manoel de Portugal,

(com um exemplar dos Lusiadas)

A QUEM darão de Pindo as moradoras,
Tam doctas como bellas,
Florecentes capellas
De triumphante louro, ou myrto verde,
Da gloriosa palma, que não perde
A presumpção sublime,
Nem por força de péso algum se opprime?
A quem trarão nas faldas delicadas,
Rosas, a rôxa Cloris,
Conchas, a branca Doris;
Estas, flôres do mar; da terra, aquellas,
Argenteas, ruivas, brancas e amarellas,
Com danças e corêas
De formosas Nereidas e Napéas?
A quem farão os Hymnos, Odes, Cantos,
Em Thebas Amphion,
Em Lesbos Arion,
Senão a vós, por quem restituida
Se vê da poesia ja perdida
A honra e gloria igual,
Senhor Dom Manoel de Portugal?
Imitando os espritos ja passados,
Gentis, altos, reaes,
Honra benigna daes
A meu tam baixo quam zeloso engenho.
Por Mecenas a vós celebro e tenho;
E sacro o nome vosso
Farei, se alguma cousa em verso posso.

O rudo Canto meu, que resuscita
As honras sepultadas,
As palmas ja passadas
Dos bellicosos nossos Lusitanos
Para thesouro dos futuros annos,
Comvosco se defende
Da lei lethéa, á qual tudo se rende.
Na vossa arvore, ornada d'honra e glória,
Achou tronco excellente
A hera florecente
Para a minha atéqui de baixa estima:
Nella, para trepar, s'encosta e arrima;
E nella subireis
Tam alto, quanto os ramos estendeis.
Sempre foram engenhos peregrinos
Da Fortuna invejados;
Que quanto levantados
Por um braço nas asas são da Fama,
Tanto por outro aquella que os desama,
Co pêso e gravidade
Os opprime da vil necessidade.
Mas altos corações, dignos d'Imperio,
Que vencem a Fortuna,
Foram sempre coluna
Da sciencia gentil: Octaviano,
Scipião, Alexandre e Graciano,
Que vemos immortaes;
E vós, que o nosso seculo douraes.
Pois, logo, emquanto a cithara sonora
S'estimar por o mundo,
Com som docto e jucundo,
E emquanto produzir o Tejo e o Douro
Peitos de Marte e Phebo crespo e louro,

Tereis gloria immortal,
Senhor Dom Manoel de Portugal.

47. *Babel e Sião*

SÓBOLOS rios que vão
Por Babylonia, me achei,
Onde sentado chorei
As lembranças de Sião,
E quanto nella passei.
Alli o rio corrente
De meus olhos foi manado,
E tudo bem comparado:
Babylonia, ao mal presente,
Sião, ao tempo passado.
Alli lembranças contentes
Na alma se representaram;
E minhas cousas ausentes
Se fizeram tam presentes,
Como se nunca passaram.
Alli, despois de acordado,
C'o rosto banhado em agua
D'este sonho imaginado,
Vi que todo o bem passado
Não é gosto, mas é magoa.
E vi que todos os danos
Se causavam das mudanças,
E as mudanças dos annos,
Onde vi quantos enganos
Faz o tempo ás esperanças.
Alli vi o maior bem
Quam pouco espaço que dura;

O mal quam depressa vem;
E quam triste estado tem
Quem se fia da ventura.
Vi aquilo que mais val
Que então se entende melhor
Quando mais perdido fôr;
Vi ao bem succeder mal,
E ao mal muito peor.
E vi com muito trabalho
Comprar arrependimento;
Vi nenhum contentamento;
E vejo-me a mi, que espalho
Tristes palavras ao vento.
Bem são rios estas aguas
Com que banho este papel:
Bem parece ser cruel
Variedade de magoas
E confusão de Babel.
Como homem que, por exemplo
Dos trances em que se achou,
Depois que a guerra deixou,
Pelas paredes do templo
Suas armas pendurou:
Assi, despois que assentei
Que tudo o tempo gastava,
Da tristeza que tomei,
Nos salgueiros pendurei
Os orgãos com que cantava.
Aquele instrumento ledo
Deixei da vida passada,
Dizendo: «Musica amada,
Deixo-vos neste arvoredo
A memoria consagrada.

Frauta minha, que tangendo
Os montes fazieis vir
Para onde estaveis, correndo,
E as aguas, que iam descendo,
Tornavam logo a subir,
Jamais vos não ouvirão
Os tigres, que se amansavam ;
E as ovelhas que pastavam
Das hervas se fartarão,
Que por vos ouvir deixavam.
Ja não fareis docemente
Em rosas tornar abrolhos
Na ribeira florecente ;
Nem poreis freio á corrente,
E mais se fôr dos meus olhos.
Não movereis a espessura,
Nem podereis ja trazer
Atrás vós a fonte pura ;
Pois não podestes mover
Desconcertos da ventura.
Ficareis offerecida
Á fama que sempre vela,
Frauta de mim tam querida ;
Porque mudando-se a vida,
Se mudam os gostos d'ella.
Acha a tenra mocidade
Prazeres accommodados ;
E logo a maior edade
Ja sente por pouquidade
Aquelles gostos passados.
Um gosto, que hoje se alcança,
Amanhã ja o não vejo :
Assi nos traz o mudança

D'esperança em esperança,
E de desejo em desejo.
Mas em vida tam escassa
Que esperança será forte?
Fraqueza da humana sorte,
Que quanto da vida passa
Está recitando a morte!
Mas deixar nesta espessura
O canto da mocidade—
Não cuide a gente futura
Que será obra da idade
O que é força da ventura!
Que idade, tempo, e espanto
De vêr quam ligeiro passe,
Nunca em mim poderam tanto
Que, posto que deixo o canto,
A causa d'elle deixasse.
Mas em tristezas e nojos,
Em gôsto e contentamento,
Por sol, por neve, por vento,
Tendré presente á los ojos
Por quien muero tan contento.
Orgãos e frauta deixava,
Despôjo meu tam querido,
No salgueiro que alli estava,
Que para trofeo ficava
De quem me tinha vencido.
Mas lembranças da affeição
Que alli captivo me tinha,
Me perguntaram então,
Que era da musica minha
Que eu cantava em Sião?
Que foi d'aquelle cantar,

Das gentes tam celebrado?
Porque o deixava de usar,
Pois sempre ajuda a passar
Qualquer trabalho passado?
Canta o caminhante ledo
No caminho trabalhoso
Por entre o espesso arvoredo;
E de noite o temeroso
Cantando refreia o medo.
Canta o preso docemente,
Os duros grilhões tocando;
Canta o segador contente;
E o trabalhador, cantando,
O trabalho menos sente.
Eu que estas cousas senti
Na alma de magoas tam cheia,
Como dirá (respondi)
Quem alheio está de si
Doce canto em terra alheia?
Como poderá cantar
Quem em chóro banha o peito?
Porque se, quem trabalhar
Canta por menos cansar,
Eu só descansos engeito.
Que não parece razão,
Nem seria cousa idonea,
Por abrandar a paixão
Que cantasse em Babylonia
As cantigas de Sião.
Que quando a muita graveza
Da saudade quebrante
Esta vital fortaleza,
Antes morra de tristeza

Que por abrandá-la cante.
Que se o fino pensamento
Só na tristeza consiste,
Não tenho medo ao tormento:
Que morrer de puro triste,
¿Que maior contentamento?
Nem na frauta cantarei
O que passo e passei ja,
Nem menos o escreverei;
Porque a penna cansará,
E eu não descansarei.
Que se vida tam pequena
Se acrescenta em terra estranha,
E se Amor assi o ordena,
Razão é que canse a penna
De escrever pena tamanha.
Porém, se para assentar
O que sente o coração,
A penna ja me cansar,
Não canse para voar
A memoria em Sião!
Terra bem-aventurada,
Se por algum movimento
D'alma me fores tirada,
Minha penna seja dada
A perpetuo esquecimento!
A pena d'este destêrro,
Que eu mais desejo esculpida
Em pedra ou em duro ferro,
Essa nunca seja ouvida,
Em castigo de meu erro!
E se eu cantar quiser,
Em Babylonia sujeito,

Hierusalem, sem te ver,
A voz, quando a mover,
Se me congele no peito!
A minha lingua se apegue
Ás fauces, pois te perdi,
Se, emquanto viver assi,
Houver tempo em que te negue
Ou que me esqueça de ti!
Mas oh tu, terra de gloria,
Se eu nunca vi tua essencia,
Como me lembras na ausencia?
Não me lembras na memoria,
Senão na reminiscencia:
Que a alma é taboa rasa,
Que com a escrita doutrina
Celeste tanto imagina
Que voa da propria casa,
E sobe á patria divina.
Não é logo a saudade
Das terras onde nasceu
A carne, mas é do céo,
D'aquella santa cidade,
D'onde est' alma descendeu.
E aquella humana figura,
Que cá me póde alterar,
Não é quem se ha de buscar;
É raio da formosura
Que só se deve d'amar.
Que os olhos, e a luz que ateia
O fogo que cá sujeita,
Não do sol, nem da candeia,
É sombra d'aquella ideia,
Que em Deus está mais perfeita.

E os que cá me captivaram,
São poderosos affectos
Que os corações têm sujeitos;
Sophistas, que me ensinaram
Maos caminhos por direitos.
D'estes o mando tyranno
Me obriga com desatino
A cantar, ao som do damno,
Cantares d'amor profano
Por versos d'amor divino.
Mas eu lustrado co'o santo
Raio, na terra de dôr,
De confusões e de espanto,
Como hei de cantar o canto
Que só se deve ao Senhor?
Tanto póde o beneficio
Da graça que dá saude,
Que ordena que a vida mude,
E o que eu tomei por vicio,
Me faz gráo para a virtude;
E faz que este natural
Amor, que tanto se preza,
Suba da sombra ao real,
Da particular belleza
Para a belleza geral.
Fique logo pendurada
Oh frauta com que tangi,
A Hierusalem sagrada,
E tome a lyra dourada
Para só cantar de ti;
Não captivo e ferrolhado
Na Babylonia infernal,
Mas dos vicios desatado,

E cá d'esta a ti levado,
Patria minha natural!
E se eu mais der a cerviz
A mundanos accidentes,
Duros, tyrannos e urgentes,
Risque-se quanto ja fiz
Do gram livro dos viventes!
E, tomando ja na mão
A lyra santa e capaz
D'outra mais alta invenção,
Calle-se esta confusão!
Cante-se a visão de paz!
Ouça-me o pastor e o rei!
Retumbe este accento santo!
Mova-se no mundo espanto,
Que do que ja mal cantei
A palinodia ja canto!
A vós só me quero ir,
Senhor e gram Capitão
Da alta torre de Sião,
A qual não posso subir,
Se me vós não daes a mão.
No gram dia singular,
Que na lyra em douto som
Hierusalem celebrar,
Lembrae-vos de castigar
Os ruins filhos de Edom!
Aquelles que tintos vão
No pobre sangue innocente,
Soberbos c'o poder vão,
Arrasa-los igualmente!
Conheçam que humanos são!
E aquelle poder tam duro

Dos affectos com que venho,
Que encendem alma e engenho,
Que ja me entraram o muro
Do livre arbitrio que tenho;
Estes que tam furiosos
Gritando vem a escalar-me,
Maos espiritos damnosos,
Que querem como forçosos
Do alicerce derribar-me;
Derribae-os, fiquem sós,
De forças fracos, imbelles!
Porque não podemos nós,
Nem com elles ir a vós,
Nem sem vós tirar-nos d'elles.
Não basta minha fraqueza
Para me dar defensão,
Se vós, santo Capitão,
Nesta minha Fortaleza
Não puserdes guarnição.
E tu, oh carne que encantas,
Filha de Babel tam feia,
Toda de miseria cheia,
Que mil vezes te levantas
Contra quem te senhoreia,
Beato só póde ser
Quem co'a ajuda celeste
Contra ti prevalecer,
E te vier a fazer
O mal que lhe tu fizeste;
Quem com disciplina crua
Se fere mais que uma vez;
Cuja alma, de vicios nua,
Faz nodoas na carne sua,

Que ja a carne na alma fez.
E beato quem tomar
Seus pensamentos recentes
E em nascendo os affogar,
Por não virem a parar
Em vicios graves e urgentes;
Quem com elles logo der
Na pedra do furor santo,
E batendo os desfizer
Na Pedra, que veio a ser
Enfim «cabeça do canto;»
Quem logo, quando imagina
Nos vicios da carne má,
Os pensamentos declina
Áquella carne divina
Que na Cruz esteve ja;
Quem do vil contentamento
Cá d'este mundo visibil,
Quanto ao homem fôr possibil,
Passar logo o entendimento
Para o mundo intelligibil,
Alli achará alegria,
Em tudo perfeita, e cheia
De tam suave harmonia
Que nem por pouca recreia,
Nem por sobeja enfastia.
Alli verá tam profundo
Mysterio na summa Alteza,
Que, vencida a natureza,
Os móres faustos do mundo
Julgue por maior baixeza.
Oh tu divino aposento,
Minha patria singular,

LUIS DE CAMÕES

Se só com te imaginar,
Tanto sobe o entendimento,
Que fará, se em ti se achar?
Ditoso quem se partir
Para ti, em terra excellente,
Tam justo e tam penitente
Que despois de a ti subir,
Lá descanse enternamente!

INFANTE D. LUIS

48.

IMAGENS vans me imprime a fantasia,
Discursos novos acha o pensamento,
Com que dão á minha alma gram tormento,
Cuidados de cem annos num só dia.
Se fim grande tivessem, bem seria
Responder a esperança ao fundamento,
Mas o Fado não corre tanto a tento
Que reserve á razão sua valia.
Caso e Fortuna podem acertar,
Mas se por accidente dão victoria,
Sempre o favor da Fama é falsa historia.
Excede ao saber, determinar;
Á constancia se deve toda a gloria;
O animo livre é digno de memoria.

49. *Egloga Sylvia*

CANTAVA Alcido um dia ao som das aguas
Do Lima, que mais brando alli corria,
Dizem que por ouvir suas doces magoas.
Sobre um curvo penedo que pendia
Por cima da corrente vagarosa,
Se me não lembra mal, assi dizia:
«Sylvia, nestes meus olhos mais formosa
Que o sol de dia, que de noite a lua,
Não digo lirio ja, não digo rosa,
«Que flor não cria o valle, que da tua
Formosura não tenha grand' inveja,
Se tam formosa es, como es tam crua?
«Porque desprezas, Sylvia, quem deseja
Mais o teu gósto só que a propria vida?
Porque t'escondes onde te não veja?
«Nem sempre no bosque espesso escondida
A mansa cerva está posta em seguro,
Nem sempre em raso campo é offendida.
«Vem, Sylvia, ja ver neste cristal puro
Teu brando parecer, d'aqui de cima
D'este penedo, menos que ti duro!
«Porque fazes, cruel, tam pouca estima
D'esta fresca ribeira, d'estas flôres,
Que mansamente rega o manso Lima?
«Aqui as doces aves seus amores
D'um ramo em outro ramo vão cantando;
Aqui se veste o campo de mil flôres.
«D'aqui, donde por ti estou chamando,
No fundo d'este pégo os negros peixes
E os brancos seixos estarás contando.
«Ou te queixes de mim ou te não queixes,

Ou branda ou sempre crua me respondas,
Este fresco lugar, Sylvia, não deixes!
«Uma sombria lapa, em que t'escondas
Do sol, te mostrarei: dormirás nella
Ao som do murmurar das roucas ondas.
«Emtanto do teu gado serei vela
E juntamente t'estarei tecendo
De branca madresilva uma capela.
«D'alli, indo o sol ja menos ardendo,
Ao longo d'este rio nos iremos,
Ora uma flor, ora outra flor colhendo.
«Os olhos pelo campo estenderemos,
O saudoso melro d'uma banda
E o doce rouxinol d'outra ouviremos.
«*Sylvia* soando irá na lira branda,
Soará *Sylvia* na montanha dura,
Que sua dureza com teu nome abranda.
«Desque deixei de ver tua fermosura
Ja o sol tres vezes lumiou a terra
E outras tantas a deixou escura.
«Qualquer lugar que em si t'esconde e encerra,
Nunca o verei sem dór, nunca sem magoa,
Ou seja campo ou bosque, valle ou serra.
«Achei de duas rolas nesta fragoa
Os tenros filhos sobre um freixo antigo
Que tem suas raizes dentro na agua.
«Saltou a nossa Filis ja comigo
Com dadivas e rogos, que lh'os desse.
««Não trabalhes em vão, Filis»» lhe digo.
«Tam corrida se foi que, se soubesse
Onde elles ora estão, tenho por certo
Que m'os furtasse logo, se pudesse.
«Mas não os pode ver, senão de perto,

Que, além d'o freixo estar d'agua cercado,
D'uma verde parreira está cuberto.
«Sylvia, teus hão de ser, perde o cuidado;
Eu os vigiarei até que venhas
Melhor do que vigio este meu gado.
«E qual fruita haverá que tu não tenhas,
Que se crie em mimosa e culta planta,
Ou na dura que nasce em duras brenhas?
«Inda que tua crueza seja tanta,
Descanso me será qualquer trabalho,
Que tudo vence amor, tudo quebranta.
«As douradas maçans no mesmo galho,
Doces e roxas uvas pela fria
Colherei para ti, cheas d'orvalho.
«Isto tudo a seu tempo te daria
E outras cousas mais, com que t'espero
Ha tantos dias ja, de dia em dia.
«Que não abranda amor teu peito fero
(Bem fero e bem cruel, mas bem fermoso)
Pois sabe quanto peno e quanto quero?
«Mil vezes meu esprito saudoso
De mim se parte e deixa o corpo frio,
Do que deseja mais, mais duvidoso.
«Mil vezes de mil lagrimas um rio
Banhando vae a face descórada,
Outras tantas se fallo, desvario.
«De leves sombras fica salteada
Esta alma que lá trazes, não sei onde,
Nos teus fermosos olhos pendurada.
«Quando chamo por ti, que me responde
A mesma voz no valle onde em vão grito,
Cuido que outrem te chama e que s'esconde.
«Alli com nova força, novo esprito

Com ira vou buscando quem nomea
Teu doce nome no meu peito escrito.
«Se com suave som brando menea
Um leve e meigo vento a folha leve,
Se fere a onda crespa a branca area,
«Ouvir-te me parece. Ah gósto breve!
Eis este engano passa, eis noutro caio!
Quem enganos d'amor estranhar deve?
«Quando em escuro bosque um claro raio
Por antre a basta rama resplandece,
Alli m'enlevo todo, alli desmaio.
«Dos teus serenos olhos me parece
Aquella viva luz que se me nega,
Em cuja auscencia o sol se m'escurece.
«Envolto em laços d'ouro amor m'entrega
Aquelle imaginar sempre sobejo;
Alli vista me dá, alli me nega.
«Que planta posso ver, que pedra vejo,
Que lirio ou que rosa, ou neve ou fogo,
Onde te não figure o meu desejo?
«Amor anda de mim fazendo jogo;
Tu, Silvia, muito mais, pois te não movem
Tantas lagrimas tristes, tanto rogo.
«Tuas frias entranhas inda provem
(Porém mais brandamente) as chamas vivas
Que nestas minhas de contino chovem.
«Porque foges de mim? porque m'esquivas?
Que não ha cousa aqui que não te aguarde;
Té as aguas d'este rio fugitivas.
«Se tu viesses, Silvia, inda esta tarde,
Verias lá no mar nuvens rosadas
Por antre as quaes o sol mais brando arde.
«Verias d'estas humidas moradas

Sair as brancas Ninfas saudosas,
De mil alegres flores coroadas.
«E qual de roxos lirios, qual de rosas
Esmaltaria teu crespo e puro ouro,
Tam ledas de te ver quanto invejosas.
«E eu veria os olhos por quem mouro,
Veria esse côrado e alvo rosto,
Da maior fermosura o mór tesouro.
«Se todo meu prazer, todo meu gósto
Depende de ti só que vaes fugindo,
Não ves em qual estremo me tens posto?
«Não ves que vae a magoa consumindo
A vida em duvidosas esperanças?»—
Ah doudo Alcido!—Sylvia está-se rindo
E tu de chamar Sylvia inda não cansas!

50.

HORAS breves de meu contentamento,
Nunca me pareceu quando vos tinha
Que vos visse tornadas tam asinha
Em tam compridos dias de tormento.
Aquellas torres que fundei no vento,
O vento m'as levou que as sostinha;
Do mal que me ficou a culpa é minha,
Pois sobre coisas vans fiz fundamento.
Amor com brandas mostras aparece,
Tudo possivel faz, tudo assegura,
Mas logo no melhor desaparece.
Oh cegueira tamanha! oh desventura!
Por um pequeno bem que desfalece
Aventurar um bem que sempre dura!

51.

JA do Mondego as aguas aparecem
A meus olhos: não meus, antes alheios,
Que d'outras diferentes vindo cheios
Na sua branda vista inda mais crecem.
Parece que tambem forçadas descem,
Segundo se detém em seus rodeios.
Triste! por quantos modos, quantos meios
As minhas saudades me entristecem!
Vida de tantos males salteada,
Amor a põe em termos que duvida
De poder ver o fim d'esta jornada.
Antes se dá de todo por perdida,
Vendo que não vae da alma acompanhada
Que se deixou ficar onde tem vida.

52. *Elegia*

Estando captivo na Africa, depois da batalha de Alcacer-Quebir

EU que livre cantei ao som das aguas
Do saudoso, brando, e claro Lima,
Ora gostos d'amor, outr'ora magoas,
Agora ao som do ferro, que lastima
O descuberto pé, choro captivo
Onde chôro não val, nem amor s'estima!
Cuido que me deixou a morte vivo,
Vendo que não chegava seu tormento
A tormento tamanho e tam esquivo.
Acabando co'a vida o sentimento,
Ficaras escondido (oh dia triste)
Nas turvas aguas do esquecimento?
Oh Sol, como tua luz não encobriste

Quando do real sangue lusitano
As ervas, que secaste, humidas viste?
Qual líbico leão, qual tigre hircano
Negara desusada piedade
A lastima tamanha, a tanto dano?
Não te valeu, oh Rei, a tenra idade,
Não te valeu esforço nem destreza;
Não te valeu suprema magestade!
Das armas a provada fortaleza
Poderosa não foi para guardar-te
Da mão de fogo armada, e de crueza.
Conjurou contra ti o fero Marte,
Vendo que sua fama escurecias
Se vencedor ficavas d'esta parte.
Acabou juntamente com teus dias
Do lusitano Reino a segurança
Que tu estender tanto pretendias.
Dos teus (na tua incerta confiança)
Qual te desenganou, senão do imigo
O pelouro mortal, o alfange, a lança?
Cobriam com teu gósto o teu perigo,
Estando teu perigo ja tam claro,
Afim de não valer menos comtigo.
Fosse quem quer que fosse, ah peito avaro,
A tua pretenção em ar desfeita
Bom fora qu'a ti só custara caro!
Deante de juiz que não aceita
Ser nas palavras um, outro no peito,
Darás, se ja não déste, conta estreita.
Esquecido do justo e são respeito,
Deixaste commetter á sorte leve
O proveito commum, por teu proveito!
Do innocente Abel exclamar deve

O sangue em terra imiga derramado,
Contra quem lh'encurtou vida tam breve!
Se foras com bom zelo aconselhado,
Não vieras com poucos buscar tantos,
Oh Rei, por nosso mal tam esforçado.
Oh cego entendimento, em vez de quantos
Troféos nesta empresa prometteste,
Que vimos senão mortes, senão prantos?
Não só prodigamente enriqueceste
Com despojos reaes o pobre Mouro,
Mas inda nossa fama escureceste.
Os que pretendem palma, e os que louro
Na batalha cruel, fea, sangrenta,
Com ferro se guarnecem, não com ouro.
A vista do que tanto nos contenta,
A pérola, e a pedra reluzente,
As forças dos imigos acrescenta.
A riqueza vencida em Oriente
Veio num dia só, por varia sorte,
A vencer com a vencedora gente.
Caiu o fraco alli junto do forte;
Não houve d'alto a baixo differença,
A todos igualou a dura morte.
Logo como do Ceo teve licença,
Sem esperar mais termo natural,
Cumpriu a cada um sua sentença.
Oh illustre valor de Portugal,
Quem podia cuidar perda tamanha?
A quem não abrangeu tamanho mal?
No gram campo que o turvo Lucuz banha,
O ar vos deixam só por cobertura,—
Que não vos quis cobrir a terra estranha!
E ainda (por ser mór a desventura)

As feras e as aves carniceiras
Vos deram em seus ventres sepultura.
Mas vós, espritos puros nas cadeiras
Da gloria merecida, a que subistes,
Dá-vos pouco das honras derradeiras.
Não tendes que temer successos tristes
A que vos obrigava a humana lei,
Estando na prisão de que sahistes.
Oh amigos com quem m'aventurei,
Com quem fui sem-ventura aventureiro,
Sempre, pois vos perdi, triste serei.
Sendo no fero assalto companheiro,
A vós pos-vos no ceo o fim da guerra,
A mim em miseravel captiveiro.—
Bem vedes qual o passo nesta serra,
Inda que não é justo que vejais
Terra, que vos negou tam pouca terra.
Terra que quanto nella choro mais,
Tanto mais com meu chóro s'endurece,
E menos move a dôr seus naturaes.
Tudo o que nella vejo m'entristece,
Triste me deixa o Sol em transmontando,
Triste me torna a ver quando amanhece.
Sempre com humor triste estou banhando
O pé d'este soberbo alto rochedo,
Que minha dôr está acrescentando.
Dôr tenho de o ver sempre estar quedo;
De ver correr as aguas tenho inveja,
Por que podem no mar entrar mais cedo!
E porque minha dôr muito mór seja,
A vista me detém d'aquella banda
Que tanto est' alma triste ver deseja.
Com sospiros que lá continо manda

Noutra parte abrandára bravas feras;
Aqui peitos humanos não abranda.
Ah desventura minha, se quiseras
Ja desviar de mim tua crueldade,
Na terra onde nasci, morte me deras!
Não entre fera gente, em tal idade,
Que sem afronta minha m'obrigava
A viver em sossego e liberdade.
A patria, a quem devido louvor dava,
Por ti me foi contraria e odiosa,
Tanto que d'ella ja me desterrava.
Mas nunca deixará de ser formosa
No meu atribulado pensamento
A ribeira do Lima saudosa.
Não causará em mim esquecimento,
Inda que tem virtude d'esquecer,
O seu brando e suave movimento.
E se por dom do céo tornar a ver
A sua verde relva e branca areia,
Livre, (que ledo ja não pode ser)
Da batalha cruel, da morte feia
Darei em triste carne larga copia,
Chorando com tal dór a dór alheia,
Como captivo choro a minha propria.

53. *Carta*

Ao Padre Frey Agostinho da Cruz meu Irmão, quando tomou o habito

EM que te mereci, oh Agostinho,
Que nesta escura selva me deixastes,
Tomando para ti melhor caminho?

Em que te mereci que me negasses
Teu pensamento bom, teu bom desejo
Primeiro que do mundo t'apartasses?
Agora sinto, Irmão, agora vejo
Que tinhas pouco amor para comigo,
Sendo para comtigo o meu sobejo.
Perdoa se t'agravo no que digo;
Não te posso negar que são humano,
E que da natureza a regra sigo.
Faz nesta parte a dôr á razão dano,
Não me deixa cuidar quanto acertaste,
E como tudo o mais é puro engano.
Se tu soubesses lá qual me deixaste,
Não digo eu que te arrependerias
(Que nunca do bem-feito atrás tornaste).
Digo que magoado ficarias
Em responder tam mal a amor tamanho
Que sempre em mim cresceu igual cos dias.
De mim, sendo outro tu, fizeste estranho;
Temeste que t'impedisse com meu rogo
Aventurar tam pouco a tanto ganho.
Temeste qu'enfriasse o novo fogo
Em que se converteu outro, em que ardeste,
De que tambem soubeste fazer jogo.
Enganaste-te a ti, se tal temeste,
Que por nenhuma via t'estorvara
De conseguir a vida qu'escolheste.
Antes tenção tam boa te louvara,
Outras razões ás tuas ajuntando
Com que nella inda mais te confirmára!
Mas fóra, tal sabendo, costumando
Pouco a pouco minh' alma á dôr que sente,
Tu mesmo antemão me consolando.

Quiseste que sentisse juntamente
Esta mudança tua, e pena minha!
Que razão me darás que me contente?
Triste do coração quando adevinha
O mal antes de vir; fui verdadeiro
Nuns versos que para ti escritos tinha.
Inda limando estava o derradeiro
Quando tua triste carta me chegou:
Chorada, antes de lida, foi primeiro.
Cercado d'outras dôres me tomou,
Os olhos estillando vivas fontes;
Tudo isto mais em mim acrescentou.
Fui suspirando só por esses montes;
As lastimas que disse não escrevo.
Porque de tal fraqueza não te afrontes.
D'isto te não espantes, que mais devo
A tua saudade, e a mil lembranças
Em que desmaio agora, em que m'enlevo.
Erguia ja comtigo as esperanças,
Té agora como sabes abatidas,
De mui pesadas mãos leves mudanças.
A cousas que, por mais que são devidas
A todo bom esprito, é bem que sejam
Desprezadas de nós, mas merecidas,
Mil cousas para a vida nos sobejam
E cem mil faltam para a vaidade;
Pergunta aos que mais tem, se mais desejam:
Se o mundo nos não anda á vontade,
Não é para estranhar, pois é um sonho
Que nunca com ninguem tratou verdade.
Se quando se nos mostra mais risonho,
Mais brando, mais amigo, o desprezamos,
É gram virtude, e á sua conta o ponho.

Mas se (o que é mais certo) o desprezamos
Depois que nos engeita, e nos despreza,
Que premio, ou que louvor d'isso esperamos?
Não cahirias tu nesta certeza
Que tal esprito não se moveria
Nem de apetite vão nem de fraqueza.
Inspiração do Céo esta seria
A que movesse tua alma, e a guiasse
Ao mesmo Céo por tam direita via.
Sempre triste seria se cuidasse
Outra cousa de ti, por não ficares
Com maior dôr, desque tal dôr passasse.
Em mudar trajes, em mudar lugares
Não consiste teu bem; teu bem consiste
Em te despir de ti, a ti mudares.
Se o mundo, de que tu ora fugiste,
Te tornar a chamar com seus enganos,
Com vigoroso peito lhe resiste.
Lembre-te a brevidade dos seus annos,
Certos pesares seus, falsos prazeres,
E a gram pena dos eternos danos.
Inda te lembre mais, que se quiseres
Alcançar a virtude, a quem eu falto,
Não te carregues mais do que puderes.
Sobe-se pouco a pouco a um monte alto,
Mais descansadamente que correndo:
Não cuides de levar tudo d'um salto!
O caminho mui chão te irão fazendo
Os bons exemplos, a doutrina sancta
Que d'uns seguindo irás, e d'outros lendo.
Sempre, em toda a parte, a Deus levanta
Tua alma, teus desejos, teus intentos,
Por elle chora só, a elle só canta!

Não faças d'outras cousas fundamentos;
Da regra professada não desvies
As obras nunca, nunca os pensamentos.
Não te fies de ti, nem menos fies
Que te guie direito o que vae torto;
Toma guia fiel por quem te guies!
Faz conta que na vida andas ja morto
Para que sempre vivas na divina,
Passando de bom porto a melhor porto.
Recebe com amor a san doutrina
Que com amor te derem, nem t'agrave
Esta que o mesmo amor a dar m'ensina?
Entrega do teu peito a Deus a chave,
Tudo te será facil, tudo leve,
Toda tribulação doce e suave.
A sancta obediencia, que se deve
Estimar muito mais que a dignidade
Soberba, da tua alma nunca a leve!
Ajunta-lhe uma simplez humildade,
E d'ellas com pobreza t'enriquece.
Com pureza de vida e castidade.—
Quem d'estas ricas joias se guarnece,
Nos olhos de seu Deus com viva luz
E diante dos homens resplandece.
Nos hombros da tua alma toma a *Cruz*
De Christo; em teu nome só não ande,
Em cujo dia tu sahiste á luz.
Se cumprires com isto, louvor grande
No mundo alcançarás, gloria no Céo,
Donde venha o soccorro que m'abrande
Esta dôr que me tanto entristeceu!

54. *Aos bons engenhos*

A VÓS só canto, espritos bem-nascidos,
A vós e as Musas offereço a lira;
Ao Amor meus ais e meus gemidos,
Compostos do seu fogo e da sua ira;
Em vossos peitos sãos, limpos ouvidos
Caiam meus versos quaes me Febo inspira!
Eu d'esta gloria só fico contente
Que a minha terra amei e a minha gente!

55. *Soneto á morte de sua mulher*

AQUELLE claro sol que me mostrava
O caminho do céo mais chão, mais certo,
E com seu novo raio ao longe e ao perto
Toda a sombra mortal m'afugentava,
Deixou a prisão triste em que cá estava:
Eu fiquei cego e só, com passo incerto,
Perdido peregrino no deserto
A que faltou a guia que o levava.
Assi co'o espirito triste, o juizo escuro,
Suas santas pisadas vou buscando,
Por valles e por campos e por montes.
Em toda parte a vejo e a figuro:
Ella me toma a mão e vae guiando,
E meus olhos a seguem, feitos fontes.

56. *A este cantar velho:*

Não podem dormir meus olhos,
Não podem dormir.

SE o sentido e fantesia
Comvosco estão noute e dia,
Os olhos sem alegria
Como poderão dormir?
Ou vos veja ou vos não veja,
Sempre o amor ver-vos deseja;
E o esprito, co'a dôr sobeja,
Não deixa os olhos dormir.
A vida vae-se acabando,
De tristeza a alma cansando.
Elles sem vos vêr, chorando,
Assi mal podem dormir.

57. *Endechas*

VAE-SE a vida e foge,
Voa o dia e hora;
Quanto via inda hoje,
Que não vejo agora!

Da manhã á tarde
Quanto traz o dia!
O sol ja não arde
Qu'inda agora ardia.

Um contentamento
Com que m'enganei,

Foi-se como vento:
Quando o alcançarei?

Não ha mal que canse,
Não ha bem que dure,
Nada que descanse,
Nada que segure.

Leves fundamentos
Tem leves mudanças;
Vão-se após os ventos
As vans esperanças.

O prazer é leve,
Mais que o vento corre;
E após bem tam breve
Toda a vida morre.

58. *A este cantar velho:*

Arder, coração, arder,
Que vos não posso valer.

O FOGO em que estais ardendo
Gasta pouco e pouco a vida;
Vae-se o remedio esquecendo
Deixa a esperança perdida.
Grita a alma e não é ouvida
Que quem vos pode valer
Assi parece que o quer.

Tem-me esta tristeza e magoa
(De que não perco um momento)
Sempre os olhos cheos d'agua,
Sempre a alma de sentimento.
Valei-vos do sofrimento
Folgai ja agora de arder!
Que vos não posso valer.

D. MANUEL DE PORTUGAL

59.

A PERFEIÇÃO, a graça, o suave geito,
A primavera cheia de frescura
Que sempre em vós florece, a quem Ventura
E a Razão entregaram este peito;
Aquelle cristalino e puro aspeito
Que em si comprende toda a fermosura;
O resplendor dos olhos, e a brandura
De que Amor a ninguem quis ter respeito,
Se isto, que em vós se vê, ver desejaes
Como digno de ser visto sòmente,
Por mais que vós de amor vos isentaes,
Traduzido o vereis tam fielmente
No meio d'este peito onde estaes
Que, vendo-vos, sintaes o que elle sente.

FRANCISCO RODRIGUEZ LOBO

60.

FERMOSO Tejo meu, quam diferente
Te vejo e vi, me vês agora e viste:
Turvo te vejo a ti, tu a mim triste,

Claro te vi eu ja, tu a mim contente.
A ti foi-te trocando a grossa enchente
A quem teu largo campo não resiste;
A mim trocou-me a vista em que consiste
O meu viver contente ou descontente!
Ja que somos no mal participantes
Sejamo'-lo no bem. Oh quem me dera
Que fossemos em tudo semelhantes!
Lá virá então a fresca primavera,
Tu tornarás a ser quem eras d'antes:
Eu não sei se serei quem d'antes era.

61. *Vilancete*

DESCALÇA vae para a fonte
Lianor pela verdura!
Vae fermosa, e não segura.

A talha leva pedrada,
Pucarinho de feição,
Saia de côr de limão,
Beatilha soqueixada.
Cantando de madrugada
Pisa as flores na verdura:
Vae fermosa, e não segura.

Leva na mão a rodilha,
Feita da sua toalha;
Com uma sustenta a talha,
Ergue com outra a fraldilha.
Mostra os pés por maravilha
Que a neve deixam escura:
Vae fermosa, e não segura.

As flôres por onde passa,
Se o pé lhe acerta de pôr,
Ficam de inveja sem côr,
E de vergonha com graça.
Qualquer pègada que faça
Faz florecer a verdura:
Vae fermosa e não segura.

Não-na ver o sol lhe val
Por não ter novo inimigo;
Mas ella corre perigo
Se na fonte se vê tal.
Descuidada d'este mal
Se vae ver na fonte pura:
Vae fermosa, e não segura!

D. FRANCISCO DE SÁ E MENESES

62.

OH rio Leça,
Como corres manso!
Se eu tiver descanso,
Em ti se começa!

Sempre sossegados
Vão teus movimentos;
Não te alteram ventos,
Nem tempos mudados.

Corres por areias
E bosques sombrios;
Não te turvam rios
Nem fontes alheias.

Nasces de um penedo
Tosco e descomposto.
A ti mostra o rosto
A manhã mui ledo.

A aurora em nascendo,
Quando estás mais liso,
Com alegre riso
Em ti se está vendo.

Quando o mar não soa
E passam mil velas,
Em ti faz capelas
Com que se coróa.

Olmos abraçados
Tenhas sempre de hera;
Sempre a Primavera
Alegre teus prados!

Logrem teus salgueiros
Mil tempos serenos!
Nunca sejam menos
Os teus amieiros!

Por ti cantam aves,
Sem temerem quedas,
Mil cantigas ledas
E versos suaves.

De laços e redes
Criam sem receio,
Seguras no seio
De teus bosques verdes.

Dem-te as noites sono,
E com larga mão
Flores o verão,
Frutos o outono!

Sombra no estio
Sem nenhuns resguardos;
Neves e dias pardos
O inverno frio!

Por ti canta Abril
Quanto cuida e sonha,
Ora com sanfonha,
Ora com rabil.

Quando se levanta,
Quando o sol mais arde,
Assim canta á tarde,
Á noite assim canta.

Para que são, Maio,
Tantas alegrias,
Pois teus longos dias
Passam como raio?

Por muito que tardes,
São tardanças vans!
Foram-se as manhans,
Ir-se-hão as tardes.

Para que te gabas
De teus vãos amores?
Para que são flores
Pois tam cedo acabas?

Em espaço breve
Chega ao mar o Douro:
Os cabelos de ouro
Se fazem de neve.

Oh rio de Leça,
Frutos em Janeiro
Nascerão primeiro
Que de ti me esqueça!

Primeiro em Agosto
Nevará com calma
Que o tempo d'esta alma
Aparte teu rosto!

Algum tempo manso
Deus o ordene a mi,
Em que torne a ti
Com algum descanso!

63. *Mote*

JA não posso ser contente:
Tenho a esperança perdida!
Ando perdido entre a gente;
Nem morro, nem tenho vida.

Glosa

A tudo quanto desejo
Acho atalhadas as vias;
Em tentos e fantasias
Mui mao caminho me vejo.

Se do passado e presente
O porvir se pode crer,
Ja não ha que pretender:
Ja não posso ser contente.

Que de tudo quanto quero
Chego a tam triste estremo
Que vejo tudo o que temo
E nem sombra do que espero.
Desengano-me da vida
E fiz nella tal mudança
Que até de ter esperança
Tenho a esperança perdida.

Cuidei um tempo que havia
Na fortuna o que buscava,
E postoque o não dava,
O mesmo tempo o daria.
Achei tudo diferente,
Fiquei desencaminhado,
E como em despovoado,
Ando perdido entre a gente.

De que farei fundamento
Pois em nada acho firmeza
E pago sempre em tristeza
Os sonhos do pensamento?
Abrande esta dôr crecida
Vivendo em pena de morte,
E eu, por não mudar a sorte,
Nem morro nem tenho vida.

64.

QUE devo ao monte e ao campo que floresce.
Se para todos suas flôres cria?
Que devo a me dar agua a fonte fria,
Se para todos da alta serra desce?
O sol que para todos amanhece,
Pouco lhe devo que me faça dia.
Se para todos sae, chea ou vazia,
Que devo á lua quando mingua ou cresce?
Divina Lises, campo em formosura;
Em graça, fonte; monte, em mór alteza;
Sol, em beleza; e em mudanças, lua,
Não faças tam commum essa luz pura,
Essa graça, essa flor, essa beleza.
Que eu fujo por commum, sigo por tua.

D. FRANCISCO MANUEL DE MELLO

65. *Apologo da Morte*

Soneto

VI eu um dia a Morte andar folgando
Por um campo de vivos que a não viam
Os velhos sem saber o que faziam
A cada passo nella iam topando.
Na mocidade os moços confiando,
Ignorantes da morte, a não temiam.
Todos cegos, nenhuns se lhe desviam;
Ella a todos com o dedo os vae contando.
Então quis disparar, e os olhos cerra.
Tirou. E errou.—Eu vendo seus empregos
Tam sem ordem, bradei «Tem-te homicida!»

Voltou-se e respondeu: «Tal vae de guerra.
Se vós todos andaes comigo cegos,
Que esperaes que comvosco ande advertida?»

66. *Á vida que fazia em sua prisão.*

Soneto festivo

CASINHA desprezivel, mal forrada;
Furna, lá dentro mais que inferno escura;
Fresta pequena, grade bem segura;
Porta só para entrar, logo fechada;
Cama que é potro; mesa destroncada;
Pulga que por picar faz matadura;
Cão só para agourar; rato que fura;
Candea nem com os dedos atiçada;
Grilhão que vos assusta eternamente;
Negro, boçal; e mais boçal ratinho
Que mais vos leva que vos traz da praça!
Sem amor, sem amigo, sem parente.
Quem mais se doe de vós diz: coitadinho!—
Tal vida levo.—Santa prol me faça!

PEDRO ANTONIO CORREA GARÇÃO

67. *Cantata*

JA no roxo oriente branqueando
As prenhes vélas da troiana frota
Entre as vagas azues do mar dourado
Sobre as asas dos ventos se escondiam.
A miserrima Dido

Pelos paços reaes vaga ululando,
C'os turvos olhos inda em vão procura
O fugitivo Enéas.
Só ermas ruas, só desertas praças
A recente Carthago lhe apresenta:
Com medonho fragor na praia nua
Fremem de noite as solitarias ondas;
E nas douradas grimpas
Das cúpolas soberbas
Piam nocturnas agoureiras aves.
Do marmóreo sepulcro
Attonita imagina
Que mil vezes ouvia as frias cinzas
Do defunto Sichéo com debeis vozes,
Suspirando chamar: «Elisa, Elisa!»
D'Orco aos tremendos Numens
Sacrificios prepara;
Mas viu esmorecida
Em torno dos thuricremos altares
Negra escuma ferver nas ricas taças,
E o derramado vinho
Em pélagos de sangue converter-se.
Frenetica delira:
Pallido o rosto lindo,
A madeixa subtil desentrançada,
Ja com tremulo pé entra sem tino
No ditoso aposento,
Onde do infido amante
Ouviu enternecida
Magoados suspiros, brandas queixas.
Alli as crueis Parcas lhe mostraram
As iliacas roupas, que pendentes
Do thalamo dourado descobriam

O lustroso pavês, a teucra espada.
Com a convulsa mão subito arranca
A lamina fulgente da bainha,
E sobre o duro ferro penetrante
Arroja o tenro crystallino peito.
E em borbotões de espuma murmurando
O quente sangue da ferida salta.
De roxas espadanas rociadas
Tremem da sala as dóricas columnas.
Tres vezes tenta erguer-se,
Tres vezes desmaiada sobre o leito
O corpo revolvendo, ao céo levanta
Os macerados olhos.
Depois attenta na lustrosa malha
Do profugo Dardanio,
Estas ultimas vozes repetia,
E os lastimosos lugubres accentos
Pelas aureas abóbadas voando
Longo tempo depois gemer se ouviram:
«Doces despojos
Tam bem logrados
Dos olhos meus,
Emquanto os fados,
Emquanto Deus
O consentiam,
Da triste Dido
A alma aceitai!
D'estes cuidados
Me libertai!
Dido infelice
Assáz viveu:
D'alta Carthago
O muro ergueu.

Agora nua,
Ja de Charonte,
A sombra sua
Na barca feia.
De Phlegetonte
A negra veia
Sulcando vai.»

NICOLAU TOLENTINO D'ALMEIDA

68. *Satira aos toucados altos.*

CHAVES na mão, melena desgrenhada,
Batendo o pé na casa, a mãe ordena
Que o furtado colchão, fofo e de penna,
A filha o ponha alli, ou a criada.
A filha moça esbelta e aperaltada
Lhe diz co'a doce voz que o ar serena:
«Sumiu-se-lhe um colchão? é forte pena!
Olhe não fique a casa arruinada!»
«Tu respondes-me assim? tu zombas d'isto?
Tu cuidas que por ter pae embarcado
Ja a mãe não tem mãos?» E dizendo isto
Arremette-lhe á cara e ao penteado.
Eis senão quando— caso nunca visto!—
Sae-lhe o colchão de dentro do toucado!

69. *Deitando um cavallo á margem*

VAE, misero cavallo lazarento
Pastar largas campinas livremente!

Não percas tempo emquanto t'o consente
De magros cães faminto ajuntamento!
Esta sella, teu unico ornamento,
Para signal de minha dór vehemente,
De torto prégo ficará pendente—
Despojo inutil do inconstante vento.
Morre em paz! que em havendo algum dinheiro
Hei-de-mandar em honra de teu nome
Abrir em negra pedra este letreiro:
«Aqui piedoso entulho os ossos come
Do mais fiel, mais rapido sendeiro
Que fóra eterno...a não morrer de fome.»

MANUEL MARIA BARBOSA DU BOCAGE

70. *Sentimentos de contrição e arrependimento*

MEU ser evaporei na lida insana
Do tropel de paixões, que me arrastava.
Ah cego! eu cria, ah misero! eu sonhava
Em mim quasi immortal a essencia humana!
De que innumeros sões a mente ufana
Existencia falaz me não dourava!
Mas eis succumbe Natureza escrava
Ao mal que a vida em sua origem damna.
Prazeres, socios meus, e meus tyrannos!
Esta alma, que sedenta em si não coube,
No abysmo vos sumiu dos desenganos:
Deus, oh Deus!...Quando a morte a luz me roube,

Ganhe um momento o que perderam annos:
Saiba morrer o que viver não soube!

71. *A Camões*

CAMÕES, grande Camões, quam semelhante
Acho teu fado ao meu, quando os cotejo!
Egual causa nos fez, perdendo o Tejo,
Arrostar c'o sacrilego gigante:
Como tu, junto ao Ganges sussurrante
Da penuria cruel no horror me vejo;
Como tu, gôstos vãos, que em vão desejo,
Tambem carpindo estou, saudoso amante:
Ludibrio, como tu, da sorte dura
Meu fim demando ao céo, pela certeza
De que só terei paz na sepultura:
Modelo meu tu és...Mas, oh tristeza!...
Se te imito nos trances da ventura,
Não te imito nos dons da natureza!

72. *A Constancia do Sabio, Superior aos Infortunios*

EM sordida masmorra aferrolhado,
De cadeias asperrimas cingido,
Por ferozes contrarios perseguido,
Por linguas impostoras criminado:
Os membros quasi nús, o aspecto honrado
Por vil bocca e vil mão tóto e cuspido,
Sem vêr um só mortal compadecido
De seu funesto, rigoroso estado;

O penetrante e barbaro instrumento
De atroz, violenta, inevitavel morte
Olhando ja na mão do algoz cruento:
Inda assim não maldiz a iniqua sorte,
Inda assim tem prazer, sossego, alento
O sabio verdadeiro, o justo, o forte.

73. *Retrato Proprio*

MAGRO, de olhos azues, carão moreno,
Bem servido de pés, meão na altura,
Triste de facha, o mesmo de figura,
Nariz alto no meio, e não pequeno:
Incapaz de assistir num só terreno,
Mais propenso ao furor do que á ternura,
Bebendo em niveas mãos por taça escura
De zelos infernaes lethal veneno:
Devoto incensador de mil deidades
(Digo, de moças mil) num só momento,
É sòmente no altar amando os frades:
Eis Bocage, em quem luz algum talento;
Sairam d'elle mesmo estas verdades
Num dia em que se achou mais pachorrento.

74. *Ode Anacreontica*

EM torno d'aurea colmêa
Amor adejava um dia;
E a mãozinha introduzindo,
Húmidos favos colhia:
Abelha, mais forte que eu,

Porque de Amor não tem medo,
Eis do guloso menino
Castiga o furto num dedo.
Chupando o tenro dedinho
Entra Cupido a chorar;
E ao colo da mãe voando
Do insecto se vai queixar.
Venus carinhosa, e bella,
Diz, amimando-o no peito:
«Desculpa o que te fizeram,
Recordando o que tens feito.
«O tenue ferrão da abelha
Dóe menos que teus farpões;
O que ella te fez no dedo
Fazes tu nos corações.»

THOMAS ANTONIO GONZAGA

75. *O verdadeiro heroe*

Lyra

ALEXANDRE, Marilia, qual o rio
Que engrossando no inverno tudo arrasa,
Na frente das cohortes
Cerca, vence, abrasa
As cidades mais fortes.
Foi na gloria das armas o primeiro;
Morreu na flor dos annos, e ja tinha
Vencido o mundo inteiro.

Mas este bom soldado, cujo nome
Não ha poder algum que não abata,

Foi, Marilia, sòmente
Um ditoso pirata,
Um salteador valente.
Se não tem uma fama baixa e escura,
Foi por se pôr ao lado da injustiça
A insolente ventura.

O grande Cesar, cujo nome voa,
Á sua mesma patria a fé quebranta:
Na mão a espada toma,
Opprime-lhe a garganta,
Dá senhores a Roma.
Consegue ser heroe por um delicto!
Se acaso não vencesse, então seria
Um vil traidor proscripto.

O ser heroe, Marilia, não consiste
Em queimar os imperios. Move a guerra,
Espalha o sangue humano
E despovoa a terra
Tambem o mau tyranno.
Consiste o ser heroe em viver justo,
E tanto pode ser heroe o pobre
Como o maior Augusto.

Aos barbaros injustos vencedores
Atormentam remorsos e cuidados;
Nem descansam seguros
Nos palacios, cercados
De tropa e de altos muros.
E a quantos nos não mostra a sabia historia
A quem mudou o fado em negro opprobrio
A mal ganhada gloria!

Eu vivo, minha bella, sim eu vivo
Nos braços do descanso e mais do gósto:
Quando estou acordado,
Contemplo no teu rosto
De graças adornado.
Se durmo, logo sonho, e alli te vejo.
Ah! nem desperto nem dormindo sobe
A mais o meu desejo.

JOÃO-BAPTISTA DA SILVA LEITÃO, VISCONDE DE ALMEIDA-GARRETT

76. *Cascaes*

ACABAVA alli a terra
Nos derradeiros rochedos...
A deserta arida serra
Por entre os negros penedos
Só deixa viver mesquinho
Triste pinheiro maninho.

E os ventos despregados
Sopravam rijos na rama;
E os céos turvos, annuviados,
O mar que incessante brama...
Tudo alli era braveza
De selvagem natureza.

Ahi, na quebra do monte,
Entre uns juncos mal-medrados,
Sécco o rio, sécca a fonte,
Hervas e matos queimados.

Ahi nessa bruta serra,
Ahi foi um céo na terra!

Alli sós no mundo, sós,
Santo Deus! como vivemos!
Como eramos tudo nós,
E de nada mais soubemos!
Como nos folgava a vida,
De tudo o mais esquecida!

Que longos beijos sem fim!
Que fallar dos olhos mudo!
Como ella vivia em mim,
Como eu tinha nella tudo:
Minha alma em sua razão,
Meu sangue em seu coração!

Os anjos aquelles dias
Contaram na eternidade.
Que essas horas fugidias,
Seculos na intensidade,
Por millenios marca Deus
Quando as dá aos que são seus.

Ai! 'Sim foi a tragos largos,
Longos, fundos que a bebi,
Do prazer a taça:—amargos
Depois...depois os senti,
Os travos que ella deixou...
Mas como eu ninguem gozou.

Ninguem! Que é preciso amar
Como eu amei—ser amado

Como eu fui; dar, e tomar
Do outro ser a quem se ha dado,
Toda a razão, toda a vida
Que em nós se annulla perdida.

Ai, ai! que pesados annos
Tardios depois vieram!
Oh! que fataes desenganos
Ramo a ramo a desfizeram,
A minha choça na serra,
Lá onde se acaba a terra!

Se o visse...não quero vêl-o,
Aquelle sitio encantado;
Certo estou não conhecê-lo,
Tam outro estará mudado,
Mudado como eu, como ella,—
Que a vejo...sem conhecê-la!

Inda alli acaba a terra,
Mas ja o céo não começa;
Que aquella visão da serra
Sumiu-se na treva espessa,
E deixou nua a bruteza
D'essa agreste natureza.

77. *Os Cinco Sentidos*

SÃO bellas—bem o sei, essas estrellas,
Mil côres—divinaes têem essas flôres;
Mas eu não tenho, amor, olhos para ellas:
Em toda a natureza

Não vejo outra belleza
Senão a ti—a ti!

Divina—ai! sim, será a voz que affina;
Saudosa—na ramagem densa, umbrosa.
Será; mas eu do rouxinol que trina
Não oiço a melodia,
Nem sinto outra harmonia
Senão a ti—a ti!

Respira—n'aura que entre as flôres gira,
Celeste—incenso de perfume agreste.
Sei...não sinto: minha alma não aspira,
Não percebe, não toma
Senão o doce aroma
Que vem de ti—de ti!

Formosos—são os pomos saborosos,
É um mimo—de néctar o racimo:
E eu tenho fome e séde...sequiosos,
Famintos meus desejos
Estão...mas é de beijos,
É só de ti—de ti!

Macia—deve a relva luzidia
Do leito—ser por certo em que me deito.
Mas quem, ao pé de ti, quem poderia
Sentir outras caricias,
Tocar n'outras delicias
Senão em ti—em ti!

A ti! ai, a ti só, os meus sentidos,
Todos num confundidos,

Sentem, ouvem, respiram;
Em ti, por ti deliram.
Em ti a minha sorte,
A minha vida em ti:
E quando venha a morte,
Será morrer por ti!

73. *Não és tu*

ERA assim; tinha esse olhar,
A mesma graça, o mesmo ar;
Córava da mesma côr
Aquella visão que eu vi
Quando eu sonhava de amor,
Quando em sonhos me perdi.

Toda assim: o porte altivo,
O semblante pensativo,
E uma suave tristeza
Que por toda ella descia
Como um veo que lhe envolvia,
Que lhe adoçava a belleza.

Era assim: o seu fallar
(Ingenuo e quasi vulgar)
Tinha o poder da razão
Que penetra, não seduz;
Não era fogo, era luz
Que mandava ao coração.

Nos olhos tinha esse lume,
No seio o mesmo perfume,

Um cheiro a rosas celestes,
Rosas brancas, puras, finas,
Viçosas como boninas,
Singelas sem ser agrestes.

Mas não es tu...ai! não es!
Toda a illusão se desfez.
Não es aquella que eu vi,
Não es a mesma visão...
Que essa...tinha coração!
Tinha, que eu bem lho senti!

ALEXANDRE HERCULANO

79. *A tempestade*

SIBILA o vento. Os torreões de nuvens
Pesam nos densos ares;
Ruge ao largo a procella, e encurva as ondas
Pela extensão dos mares;
A immensa vaga ao longe vem correndo,
Em seu terror envolta;
E d'entre as sombras, rapidas scentelhas
A tempestade solta.
Do sol no occaso um raio derradeiro,
Que, apenas fulge, morre,
Escapa á nuvem, que, apressada e espessa,
Para apagá-lo corre.

Tal nos afaga em sonhos a esperança,
Ao despontar do dia;

Mas, no acordar, lá vem a consciencia
Dizer que ella mentia!
As ondas negro-azues se conglobaram;
Serras tornadas são,
Contra as quaes outras serras, que se arqueiam,
Bater, partir-se vão.

Oh tempestade! Eu te saúdo, oh nume,
Da natureza açoite!
Tu guias os vulcões, do mar princesa,
E é teu vestido a noite!
Quando pelos pinhaes, entre o granizo,
Ao sussurrar das ramas,
Vibrando sustos, pavorosa ruges
E assolação derramas,
Quem porfiar comtigo então ousara
De gloria e poderio;
Tu que fazes gemer pendido o cedro,
Turbar-se o claro rio?

Quem me dera ser tu, por balouçar-me
Das nuvens nos castellos,
E vêr dos ferros meus, emfim, quebrados
Os rebatidos élos.
Eu rodeara, então, o globo inteiro;
Eu sublevara as aguas;
Eu dos vulcões com raios acendera
Amortecidas fráguas;
Do robusto carvalho e sobro antigo
Acurvaria as frontes;
Com furacões, os areiaes da Lybia
Converteria em montes.

Pelo fulgor da lua, lá do norte
No polo me assentara,
E vira prolongar-se o gelo eterno,
Que o tempo amontoara.
Alli, eu solitario, eu rei da morte,
Erguera meu clamor,
E dissera :—«Sou livre e tenho imperio ;
Aqui sou eu senhor !»

Quem se podéra erguer, como estas vagas,
Em turbilhões incertos,
E correr, e correr, troando ao longe,
Nos liquidos desertos !
Mas entre membros de lodoso barro
A mente presa está !...
Ergue-se em vão aos céos : precipitada,
Rapido, em baixo dá.

Oh morte, amiga morte ! é sobre as vagas,
Entre escarcéos erguidos,
Que te invoco, pedindo-te teneçam
Meus dias aborridos ;
Quebra duras prisões, que a natureza
Lançou a esta alma ardente,
Que ella possa voar, por entre os orbes,
Aos pés do Omnipotente.
Sobre a nau, que me estreita, a prenhe nuvem
Desça, e estourando a esmague,
E a grossa proa, dos tufões ludibrio,
Solta, sem rumo vague !

Porém, não !...Dormir deixa os que me cercam
O somno do existir ;
Deixa-os, vãos sonhadores de esperanças

Nas trevas do porvir.
Doce mãe do repouso, extremo abrigo
De um coração oppresso,
Que ao ligeiro prazer, á dor cansada
Negas no seio accesso,
Não despertes, oh não! os que abominam
Teu amoroso aspeito;
Febricitantes, que se abraçam, loucos,
Com seu dorido leito!
Tu, que ao mísero ris com rir tam meigo,
Calumniada morte;
Tu, que entre os braços teus lhe dás asylo
Contra o furor da sorte:
Tu, que esperas ás portas dos senhores,
Do servo ao limiar,
E eterna corres, peregrina, a terra
E as solidões do mar,
Deixa, deixa sonhar ventura os homens.
Ja filhos teus nasceram:
Um dia acordarão d'esses delirios,
Que tam gratos lhes eram.
E eu que vélo na vida, e ja não sonho
Nem gloria nem ventura:
Eu, que esgotei tam cedo até as fezes
O calix da amargura:
Eu, vagabundo e pobre, e aos pés calcado
De quanto ha vil no mundo,
Sanctas inspirações morrer sentindo
Do coração no fundo,
Sem achar no desterro uma harmonia
De alma, que a minha entenda,
Porquê seguir, curvado ante a desgraça,
Esta espinhosa senda?

Torvo o oceano vae! Qual dobre sóa
Fragor da tempestade,
Psalmo de mortos, que retumba ao longe,
Grito da eternidade!...

Pensamento infernal! Fugir covarde
Ante o destino iroso?
Lançar-me envolto em maldições celestes,
No abysmo tormentoso?
Nunca! Deus pôs-me aqui para apurar-me
Nas lagrimas da terra;
Guardarei minha estancia atribulada,
Com meu desejo em guerra.
O fiel guardador terá seu premio,
O seu repouso, emfim,
E atalaiar o sol de um dia extremo
Virá outro após mim.
Herdarei o morrer! Como é suave
Benção de pae querido,
Será o despertar, ver meu cadaver,
Ver o grilhão partido.

Um consolo, entretanto, resta ainda
Ao pobre velador:
Deus lhe deixou, nas trevas da existencia,
Doce amizade e amor.
Tudo o mais é sepulcro branqueado
Por embusteira mão;
Tudo o mais vãos prazeres, que só trazem
Remorso ao coração.
Passarei minha noite a luz tam meiga,
Até o amanhecer,
Até que suba á patria do repouso
Onde não ha morrer.

So. *A visão*

...EU voei co'o pensamento
Qual relampago ligeiro,
Aos muros silenciosos
De solitario mosteiro.

Melancolico e silvestre
Era todo esse logar:
De um lado, montanhas ermas,
Do outro, pinhaes e o mar.

E eu entrei ao mesmo tempo
No fundo do santuario;
Das campas o surdo estrondo
Movi com pé temerario.

Por toda a parte achei noite,
E o silencio mais profundo:
Nenhuma voz! nenhum passo!
Nenhum dos filhos do mundo!

Só do mocho sobre o tecto
O triste piar se ouvia,
Que pela abobada extensa
Se alongava e se perdia

Logo, o relogio da torre
Meia-noite fez ouvir;
Do templo os echos acordam,
E tornam logo a dormir

Depois um sino, tocado
Por forte, invisivel mão,

Chamou tristes os pensamentos
Para a nocturna oração.

Do côro, até 'li deserto,
Foram cheios os logares;
No ar até 'li calado,
Reinaram ternos cantares.

A hora, o logar, as trevas
E aquellas vozes suaves
Reuniram na minha alma
Á ternura ideias graves.

Ao tronco de uma columna
Pensativo me encostei.
Muito mais triste que d'antes
E muito mais só me achei.

Emmudeceu todo o côro;
Eis as luzes se retiram;
Bateu a porta ao fechar-se;
As santas irmãs sairam.

Da alampada veladora
O lume, ja quasi extincto,
De mil tremulos phantasmas
Encheu do templo o recinto.

Logo o relogio da torre
Uma hora fez ouvir;
Do templo os echos acordam
E tornam logo a dormir.

Afastei-me horrorizado,
E veloz nesse momento
Ao dormitorio tranquillo
Me arrojei co'o pensamento.

Mão na face e olhos na lua,
Vi, dentro da escura cella,
Chorosa virgem, sentada
Ás grades de alta janella.

Conheci por seus cabellos
E seus trajos seculares
Que não era das votadas
Eternamente aos altares.

Conheci que um pensamento
Nutria triste e profundo;
E eu disse: «Qual eu me vejo,
Se vê sósinha no mundo!»

E todos quantos affectos
Sua alma encerrados tinha,
Num prophetico delirio
Foram presentes á minha.

Apertei-lhe a mão com força,
E, chegando-a ao coração,
«Ambos achamos, lhe disse,
O que buscamos em vão.

«Por este céo me protesta,
Que eu juro por este céo,

Tu, ser minha eternamente
Eu, ser para sempre teu.»

O céo ouviu nossos votos,
Viu-nos a lua abraçar,
E ambos juntos assentados
Ficamos a conversar.

Logo o relogio da torre
Duas horas fez ouvir;
Os echos de novo acordam
E tornam logo a dormir.

Mas esta virgem quem era?
Por que entrou na solidão?
Donde o seu ar pensativo?
Donde a interna agitação?

Alta noite!...ella sósinha!...
Por que razão não tremeu?
Ao mortal desconhecido
Como subito se deu?

Onde existe esse mosteiro,
Esse encantador logar?
De um lado montanhas ermas!
Do outro, pinhaes e o mar!

Homens, deixai meu segredo;
Basta saber que eu sou d'ella,
Seja onde fôr seu retiro,
Seja quem fôr esta bella.

Mulheres, este phantasma
Vos excede nos encantos,
Serão d'elle eternamente
O meu amor e os meus cantos.

ANTONIO AUGUSTO SOARES PASSOS

SI. *O firmamento*

GLORIA a Deus! Eis aberto o livro immenso,
O livro do infinito,
Onde em mil letras de fulgor intenso
Seu nome adoro escripto.
Eis do seu tabernaculo corrida
Uma ponta do véo mysterioso:
Desprende as asas, remontando á vida,
Alma que anceias pelo eterno gozo!

Estrellas, que brilhaes nessas moradas,
Quaes são vossos destinos?
Vós sois, vós sois as lampadas sagradas
De seus umbraes divinos.
Pullulando do seio omnipotente,
E sumidas por fim na eternidade,
Sois as faiscas do seu carro ardente
Ao rolar através da immensidade.

E cada qual de vós um astro encerra,
Um sol que apenas vejo,
Monarcha d'outros mundos como a terra
Que formam seu cortejo.
Ninguem pode contar-vos: quem podera

Esses mundos contar a que daes vida,
Escuros para nós, qual nossa esphera
Vos é nas trevas da amplidão sumida.

Mas vós perto brilhaes, no fundo accesas
Do throno soberano;
Quem vos ha-de seguir nas profundezas
D'esse infinito oceano?
E quem ha-de contar-vos nessas plagas
Que os céos ostentam de brilhante alvura
Lá onde sua mão sustém as vagas
Dos sóes que um dia romperão na altura.

E tudo outr'ora na mudez jazia,
Nos véos do frio nada;
Reinava a noite escura; a luz do dia
Era em Deus concentrada.
Elle fallou! e as sombras num momento
Se dissiparam na amplidão distante!
Elle fallou! e o vasto firmamento
Seu véo de mundos desfraldou ovante!

E tudo despertou, e tudo gira
Immerso em seus fulgores;
E cada mundo é sonorosa lyra
Cantando os seus louvores.
Cantae, oh mundos que o seu braço impelle,
Harpas da creação, tachos do dia,
Cantae louvor universal Aquelle,
Que vos sustenta e nos espaços guia!

Terra, globo que geras nas entranhas
Meu ser, o ser humano,

Que és tu, com teus vulcões, tuas montanhas,
E com teu vasto oceano?
Tu és um grão d'areia, arrebatado
Por esse immenso turbilhão dos mundos
Em volta do seu throno levantado
Do universo nos seios mais profundos.

E tu, homem, que és tu, ente mesquinho
Quando soberbo te elevas,
Buscando sem cessar abrir caminho
Por tuas densas trevas?
Que és tu com teus imperios e colossos?
Um átomo subtil, um frouxo alento!
Tu vives um instante, e de teus ossos
Só restam cinzas, que sacode o vento.

Mas ah! tu pensas, e o girar dos orbes
Á razão encadeias;
Tu pensas, e inspirado em Deus te absorves
Na chamma das ideias:
Alegra-te, immortal, que esse alto lume
Não morre em trevas d'um jazigo escasso!
Gloria a Deus, que num átomo resume
O pensamento que transcende o espaço!

Caminha, oh rei da terra! se inda és pobre
Conquista aureo destino,
E de seculo em seculo mais nobre
Eleva a Deus teu hymno;
E tu, oh terra, nos floridos mantos
Abriga os filhos que em teu seio geras,
E teu canto d'amor reune aos cantos
Que a Deus se elevam de milhões d'esphieras!

Dizem que ja sem forças, moribunda,
Tu vergas decadente:
Oh! não, de tanto sol que te circumda
Teu sol inda é fulgente,
Tu és joven ainda: a cada passo
Tu assistes d'um mundo ás agonias,
E rolas entretanto nesse espaço
Coberta de perfumes e harmonias.

Mas ai! tu findarás! além scintilla
Hoje um astro brilhante;
Amanhã ei-lo treme, ei-lo vacilla
E fenece arquejante:
Quem foi? quem o apagou? foi seu alento
Que extinguiu essa luz ja fatigada,
Foram seculos mil, foi um momento
Que a eternidade fez volver ao nada.

Um dia, quem o sabe? um dia ao peso
Dos annos e ruinas,
Tu cahirás nesse vulcão acceso
Que teu sol denominas;
E teus irmãos tambem, esses planetas
Que a mesma vida, a mesma luz inflamma,
Attrahidos emfim, quaes borboletas
Cahirão como tu na mesma chamma!

Então, oh sol, então nesse aureo throno
Que farás tu ainda,
Monarcha solitario, e em abandono,
Com tua gloria finda?
Tu findarás tambem, a fria morte
Alcançará teu carro chammejante:

Ella te segue, e prophetiza a sorte
Nessas manchas que tuldam teu semblante.

Que são ellas? talvez os restos frios
D'algum antigo mundo,
Que inda reserve em borbotões sombrios
No teu seio profundo,
Talvez, e envólta pouco a pouco a fronte
Nas cinzas sepulchraes da cada filho,
Debaixo d'elles todos de repente
Apagarás teu vacillante brilho.

E as sombras passão no vasto imperio
Que teu facho alumia;
Mas que vale de menos um psalterio
Dos orbes na harmonia?
Outro sol, como tu, outras espheras
Virão no espaço descantar seu hymno,
Renovando nos sitios onde imperas
Do Sol dos sóes o resplendor divino.

Gloria a seu nome! um dia meditando
Outro céo mais perfeito
O céo d'agora a seu altivo mando
Talvez caia desfeito.
Então, mundos, estrellas, soes brilhantes,
Qual bando d'aguias na amplidão disperso,
Chocando-se em destroços fumegantes,
Desabarão no fundo do universo.

Então a vida, refluindo ao seio
Do fóco soberano,

Parará concentrando-se no meio
D'esse infinito oceano:
E, acabado por fim quanto fulgura,
Apenas restarão na immensidade:
—O silencio, aguardando a voz futura,
O throno de Jehovah, e a eternidade!

JOSÉ DA SILVA MENDES-LEAL

82. *O pavilhão negro*

I

LÁ vém as naus da França!—Magestosa
Cada qual traz no tope gloriosa
Bandeira das tres côres!
As mesmas são que outr'ora, entre os ardores
Da batalha que deu a gran-cidade,
Raiaram, augurando maravilhas,
Nas rendidas ameias das bastilhas
Como um iris no céo da liberdade!

As mesmas são que o mundo em alto brado
Saudou c'roando o ambito inflammado,
Em que um seculo novo
Dos povos desherdados fez um povo;
Quando nos ais das convulsões supremas,
Ás indefesas turbas metralhadas,
Apertando as fileiras mutiladas,
Armas iam forjando das algemas!

As mesmas côres são, e são amigas!
Se não bastassem relações antigas,

Disse-o voz que não mente;
Que não pode mentir; porque o potente,
Se dissimula, mais affronta o pejo.
Esse emblema ¿que diz? «Fraternidade.»
E de França, ha-de ser da humanidade.
Bem vindo pois!—Salvae, torres do Tejo!

II

Salvae, torres, essa gloria
De tantas glorias herdeira!
Guarda a tricolor bandeira
Dos lises pura a memoria
Nos braços da mesma fama;
E os velhos falcões do Gama
Podem, sem zêlos, saudar,
Compassados trovejando,
O pavilhão venerando
De Duquesne e de Jean Bart!

Salvae! Tambem nós contamos
Nobres datas celebradas,
E ás nossas palmas passadas
Recentes louros juntamos.
Róto, mas não abatido,
Mostrar podemos erguido
O pendão, que ondeia aos ceos
Estrellado da metralha...
E nos fustes da batalha
De Talavera os troféos!

O mesmo facho allumia
Da chamma da heroicidade
Tanto a joven liberdade

Como a velha monarchia.
Aqui são gémeas. Preclaros
Dos laureis de Montes-Claros
Brotam do Porto os laureis:
Esgotou a mão da historia
As joias da nossa gloria
Na cr'ôa dos nossos reis.

O sangue ardente e guerreiro
Não desdiz dos seus passados
Nos impávidos soldados
Do Bussaco e do Vimeiro!
Salvae, torres! E, se acaso
No parapeito ja raso
O tempo os bronzes fundiu,
Assestae em taes apuros
No resto dos vossos muros
As colubrinas de Diu.

III

Salva, Belem, sentinella
Solitaria do Restello,
Padrão glorioso e bello
Da nossa edade mais bella.
D'essas rendadas ameias
Espreitas as velas cheias
Dos galeões d'alem-mar?
Não, que o teu vulto guerreiro
Ficou só. Mas o estrangeiro
Ha-de inclinar-se ao passar!

Ergueu-te ahi monumento
O braço que o ignoto Oriente

Deu ao mundo de presente
Co'o sangue que é teu cimento.
Para que a data ficasse
Esculpiu-te sobre a face
O rijo ferro de Ormuz,—
Brasão que inda assombra as eras.—
As quinas sobre as espheras
E por cima...só a cruz!

Antes que as armas perfiles
Ao Franko, diz, que mysterio
Te abriu de Alexandre o imperio
Ganho co'as armas de Achilles;
Como viste ante as armadas
Cem nações ajoelhadas
Ao português pavilhão,
Quando ia, as ondas tendendo,
Povos e mares varrendo
Do Zaire além de Ceylão.

Brada-lhe mais: «Vinte frotas
Impelli com fim diverso,
Sobre os confins do Universo
Traçando novas derrotas.
Quando voltavam cad'anno,
Vinham dos feudos do oceano
Mais ricos de cada vez,
Vergando os baixeis profundos;
E armas e dons de dois mundos
Trazia o mar a meus pés.

«Os meus mantas, pondo os lares
No convés das caravellas

Cruzavam, rindo, as procellas
Quer dos homens, quer dos mares.
D'essa illustre e forte raça
Conto o destino a quem passa.
Vedeta de um povo-rei,
Eu sou a torre princesa;
Excedi Tyro e Veneza,
Carthago e Roma igualei.

«Hoje, pallida memoria,
Com o gesto de um proscripto,
Cinjo aos hombros de granito
O manto da minha gloria;
Resta-me só, é verdade,
Esta herança e a da saudade;
Mas, na fronte marcial,
D'outros tempos pregoeira,
Conservo a livre bandeira
Como uma flor virginal.

«Os fortes vês da cidade
Fendidos té ás raizes?
São da guerra as cicatrizes,
Não são as rugas da edade.
Não os assusta a violencia:
Podem pela independencia
Rebentar como um vulcão;
Podem, bem que esmantelados,
Desabar como animados
Sobre o oppressor e a oppressão.

«E se algum estranho ousára
Pôr a mão,—desventurado!—

Nesta do heroico legado
Joia unica e mais rara,
Veria abrirem-se, penso,
Como as de um sepulcro immenso,
E tas pedras; e depois
Surgirem d'ellas, terriveis
E como outr'ora invenciveis,
As sombras dos meus heroes.»

Salva pois! Teus artilheiros
Com fraternos alaridos,
Das canhoneiras pendidos,
Saudem os marinheiros
Em voz alta e clamorosa!
Passa a França generosa,
Passa a França nossa irman!
Honra ao brilhante estandarte
De Condé ou Bonaparte,
De Rocroy ou Wagram!

IV

Porém que vejo! Presumo
Que me illudiu a esperança;
Não são as côres da França;
Negro é esse pavilhão!
Negro,—não negro de fumo
Que requeima o rosto aos bravos,—
Negro da côr dos escravos,
E da côr da escravidão!

Será sina tenebrosa
Que voando a águia, ferida

No pundonor ou na vida,
Venha cahir sempre aqui?
O negro, côr luctuosa,
É dos mortos attributo...
Pois se a França está de lucto,
Está de lucto por si!

Acaso a ameaça negreja
Como a tempestade e a noite?
Ha poder que ainda se afoite
Contra a razão, contra a lei?
Haverá... Deus o proteja!
Estão co'o fraco a verdade,
A justiça, a liberdade,
O seus fóros e o seu rei.

França, d'antes se querias,
Da paz quebrando os enlaces,
Atirar a luva ás faces
Do fero leopardo inglês,
Altiva as armas vestias,
Empunhavas forte a espada,
Não trajavas demudada
Os signaes da viuvez.

Sem piedade te lançaram
Esse crépe funerario
Como um lúgubre sudario
Sobre os inclitos brasões.
Das galas te despojaram
Da tua gloria!—O futuro
Ha-de chorar que de escuro
Marche a França entre as nações.

Ess' aguia, tornada abutre
Para vergonhoso ensaio,
Traz na garra, em vez do raio,
As gargalheiras servis.
Anciando o espolio que a nutre,
Os ares tortuosa corta,
Paira, e espreita a presa morta...
Não é esta a d'Austerlitz.

Seguia aquella outro rumo,
Que hoje a vista mal alcança:
Est' aguia não é da França,
Negro é este pavilhão.
Negro,—não negro do fumo
Que requeima o rosto aos bravos,—
Negro da côr dos escravos,
E da côr da escravidão!

V

Cegou-te, oh musa, a luz do enthusiasmo
Reflectindo-te um prisma enganador!
O mundo sobreposta vê com pasmo
As côres triumphaes a triste côr!

Mas não baixes a fronte, consternada
Por ter saudado esse pendão fatal,
Por vêr nas mãos a lyra, em vez da espada,
Do teu nobre e indomado Portugal.

O estrangeiro levou-te um pouco de ouro,
Premio heroico dos negros feitos seus;
A ti ficou-te a honra: esse thesouro
Basta á patria e á virtude...e conta-o Deus!

Musa, alegra-te, musa, qual me alegro.
O braço ameaçador estende a mão!
Lá vae o negro preço...e o baixel negro...
E sobre elles o negro pavilhão!

JOSE SIMÕES-DIAS

83. *A tua roca*

QUANDO te vejo, á noitinha,
Nessa cadeira sentada,
O chale posto nos hombros,
Na cinta a roca enfeitada,

Os olhos postos na estriga,
Volvendo o fuso nos dedos,
Os labios contando ao fio
Da tua bocca os segredos,

Eu digo sempre baixinho
Pondo os olhos na tua roca:
«Se eu pudesse ser estriga,
Beijaria aquella bocca!»

Eu nunca te vi fiando
Sem invejar os desvelos
Com que desfias do linho
Os brancos, finos cabellos.

E aquella fita de sêda
Que se enleia no fiado?
Eu nunca vejo essa fita
Que me não sinta enleado.

Parece aquillo um abraço
D'um amor que é todo nosso,
A trança do teu cabello
Em volta do meu pescoço.

Eu digo sempre baixinho
Vendo a fita que se enreda:
«Quem me dera ser a estriga,
E ella a fitinha de sêda!»

Eu por mim não sei que sinto,
Se tristeza, se ventura,
Mal que suspendes a roca
Da tua breve cintura.

Penso que fias nos dedos
Os dias da minha vida:
Ao pé de ti, sempre curta,
Ao longe, sempre comprida.

Pareces-me um ramilhete
Sentada nessa cadeira,
E a fita da tua roca
A silva de uma roseira.

Meu amor, quando acabares
De espiar a tua estriga,
E ouvires por alta noite
Em voz baixa uma cantiga,

Sou eu que estou a lembrar-me
Dos beijos de tua bocca,
E penso que em mim são dados
Os beijos que dás na roca.

84. *Trigueira*

TRIGUEIRA! que tem? Mais feia
Com essa côr te imaginas?
Feia! tu, que assim fascinas
Com um só olhar das teus!
Que ciumes tens da alvura
D'esses semblantes de neve?
Ai, pobre cabeça leve!
Que te não castigue Deus!

Trigueira! Se tu soubesses
O que é ser assim trigueira!
D'essa ardilosa maneira
Por que tu o sabes ser!
Não virias lamentar-te,
Toda sentida e chorosa,
Tendo inveja á côr da rosa,
Sem motivos para a ter.

Trigueira! Porque és trigueira,
E que eu assim te quis tanto.
D'ahi provém todo o encanto
Em que me traz este amor.
E suspiras e murmuras?
Que mais desejavas inda?
Pois serias tu mais linda,
Se tivesses outra côr?

Trigueira! Onde mais realça
O brilhar d'uns olhos pretos,
Sempre humidos, sempre inquietos,
Do que numa côr assim?

Onde o correr d'uma lagrima
Mais encantos apresenta?
E um sorriso, um só, nos tenta,
Como me tentou a mim?

Trigueira! E choras por isso?
Choras, quando outras te invejam
Lisa côr, e em vão forcejam
Por, como tu, fascinar?
Oh louca, nunca mais digas,
Nunca mais, que és desditosa!
Invejar a côr da rosa,
Em ti é quasi peccar!

Trigueira! Vamos, esconde-me
Esse chôro de creança.
Ai, que falta de confiança!
Que graciosa timidez!
Enxuga os bonitos olhos!
Então, não chores, trigueira,
E nunca d'essa maneira
Te lamentes outra vez!

THOMAS RIBEIRO

85. *A Portugal*

MEU Portugal, meu berço de innocente;
Lisa estrada que andei debil infante;
Variado jardim do adolescente,
Meu laranjal em flor sempre adorante,

Minha noite de amor, meu dia ridente,
Minha tarde d'estrellas rutilante,
Meu vergado pomar d'um rico outono,
Sê meu berço final no ultimo somno!

Costumei-me a saber os teus segredos
Desde que soube amar; e amei-os tanto!...
Sonhava as noites de teus dias ledos,
Afogado de enlevo, em riso e em pranto.
Quis dar-te hymnos d'amor: débeis os dedos
Não sabiam soltar da lira o canto,
Mas amar-te o esplendor do immenso brilho...
Eu tinha um coração, e era teu filho!

Jardim da Europa á beira-mar plantado
De loiros e de acacias olorosas;
De fontes e de arroios serpeado,
Rasgado por torrentes alterosas;
Onde num cerro erguido e requeimado
Se casam em festões jasmins e rosas;
Balsa virente de eternal magia,
Onde as aves gorgeiam noite e dia.

O que te desdenhar, mente sem brio,
Ou nunca viu teus prados e teus montes;
Ou nunca ao pôr do sol do ameno estio
Viu franjas d'oiro e rosa os horizontes,
Ondas de azul e prata em cada rio,
As perlas e os rubis de tuas fontes;
Nem de teus anjos, terno paraiso,
Sentiu o magnetismo num sorriso.

Patria, filha do sol das primaveras,
Rica dona de messes e pomares,

Recorda ao mundo ingrato as priscas eras
Em que tu lhe ensinaste a erguer altares!
Mostra-lhe os esqueletos das galeras
Que foram descobrir mundos e mares.
Se alguem menosprezar teu manto pobre,
Ri-te do fatuo que se julga nobre!

Porque te miras triste sobre as aguas,
Pobre...d'aquem e d'alem mar senhora?
E te consomes nas cadentes fragoas
Das saudades crueis que tens d'outrora?
Por tantos loiros, que te deram? magoas?
Foste mal paga e mal julgada? embora!
Has-de cingir o teu diadema augusto;
São teus filhos leaes, e Deus é justo!

FRANCISCO GOMES DE AMORIM

86. *O desterrado*

COMO são brancas as flôres
D'este verde jasminal!
Recorda a sua fragancia
Perfumes de um laranjal...
Mas têm mais suave aroma
As rosas de Portugal!

O coração d'esses bosques
O brilhante e o oiro encerra;
São immensos estes rios,
Immensos o valle e a serra...
Mas não têm a formosura
Dos campos da minha terra!

Estes astros são mais bellos,
É mais bello o seu fulgor...
Mas luzem no céo do exilio;
Não lhes tenho igual amor...
Ai! astros da minha terra,
Quem me dera o vosso alvor!

Que me importam esplendores,
Prodígios que vejo aqui?
Aves de vivas plumagens,
Os cantos do juruty?...
Se lhes faltam as bellezas
Da terra onde eu nasci!

Lá, era a lua mais linda,
Mais para os olhos as flôres,
Mais castos os beijos dados
Em mais sinceros amores;
Tinham seus bosques modestos
Mais inspirados cantores.

Tudo aqui veste mais galas
De mais viçoso matiz!
Ai! que importa? se a saudade
Ao proscripto sempre diz
Que não ha terrra formosa
Sem o sol do seu país.

ANTHERO DE QUENTAL

87. *Entre sombras*

VEM ás vezes sentar-se ao pé de mim,
—A noite desce, desfolhando as rosas—

Vem ter comigo, ás horas duvidosas,
Uma visão, com asas de setim...

Pousa de leve a delicada mão,
—Rescende aroma a noite socegada—
Pousa a mão compassiva e perfumada
Sobre o meu dolorido coração...

E diz-me essa visão compadecida,
—Ha suspiros no espaço vaporoso—
Diz-me: «Porque é que choras silencioso?
Porque é tam erma e triste a tua vida?

«Vem comigo! Embalado nos meus braços,
—Na noite funda ha um silencio santo—
Num sonho feito só de luz e encanto,
Transporás a dormir esses espaços...

«Porque eu habito a região distante
—A noite exhala uma doçura infinda—
Onde ainda se crê e se ama ainda,
Onde uma aurora igual brilha constante...

«Habito ali, e tu virás comigo,
—Palpita a noite num clarão que offusca—
Porque eu venho de longe, em tua busca,
Trazer-te paz e alivio, pobre amigo.»...

Assim me fala essa visão nocturna,
—No vago espaço ha vozes dolorosas—
São as suas palavras carinhosas
Agua correndo em crystalina urna.

Mas eu escuto-a immovel, somnolento
—A noite verte um desconsolo immenso—
Sinto nos membros como um chumbo denso,
E mudo e tenebroso o pensamento...

Fito-a, num pasmo doloroso absorto,
—A noite é erma como campa enorme—
Fito-a com olhos turvos de quem dorme
E respondo: «Bem sabes que estou morto!»

88. *Sepultura romantica*

ALI, onde o mar quebra, num cachão
Rugidor e monotono, e os ventos
Erguem pelo areal os seus lamentos,
Ali se ha-de enterrar meu coração.
Queimem-no os sóes da adusta solidão
Na fornalha do estio, em dias lentos;
Depois, no inverno, os sopros violentos
Lhe revolvam em torno o arido chão...
Até que se desfaça e, ja tornado
Em impalpavel pó, seja levado
Nos turbilhões que o vento levantar...
Com suas luctas, seu cansado anceio,
Seu louco amor, dissolva-se no seio
D'esse infecundo, d'esse amargo mar!

89. *Sonho oriental*

SONHO-ME ás vezes rei, nalguma ilha,
Muito longe, nos mares do Oriente,

Onde a noite é balsamica e fulgente
E a lua cheia sobre as aguas brilha...
O aroma da magnolia e da baunilha
Paira no ar diaphano e dormente...
Lambe a orla dos bosques, vagamente,
O mar com finas ondas de escumilha...
E emquanto eu na varanda de marfim
Me encosto, absorto num scismar sem fim,
Tu, meu amor, divagas ao luar,
Do profundo jardim pelas clareiras,
Ou descansas debaixo das palmeiras,
Tendo aos pés um leão familiar.

(20. *Accordando*

EM sonho, ás vezes, se o sonhar quebranta
Este meu vão soffrer, esta agonia,
Como sobe cantando a cotovia,
Para o céo a minh' alma sobe e canta.
Canta a luz, a alvorada, a estrella santa,
Que ao mundo traz piedosa mais um dia...
Canta o enlevo das cousas, a alegria
Que as penetra de amor e as alevanta...
Mas, de repente, um vento humido e frio
Sopra sobre o meu sonho: um calafrio
Me accorda.—A noite é negra e muda: a dôr
Ca vela, como d'antes, ao meu lado...
Os meus cantos de luz, anjo adorado,
São sonho só, e sonho o meu amor!

91. *Transcendentalismo*

JA sossega, depois de tanta lucta,
Ja me descansa em paz o coração.
Cahi na conta, emfim, de quanto é vão
O bem que ao Mundo e á Sorte se disputa.
Penetrando, com fronte não enxuta,
No sacrario do templo da illusão,
Só encontrei, com dór e confusão,
Trevas e pó, uma materia bruta...
Não é no vasto mundo—por immenso
Que elle pareça á nossa mocidade—
Que a alma sacia o seu desejo intenso...
Na esphera do invisivel, do intangivel,
Sobre desertos, vacuo, soledade,
Vóa e paira o espirito impassivel!

92. *Solemnia verba*

DISSE ao meu coração: «Olha por quantos
Caminhos vãos andámos! Considera
Agora, d'esta altura fria e austera,
Os ermos que regaram nossos prantos...
Pó e cinzas, onde houve flor e encantos!
E noite, onde foi luz de primavera!
Olha a teus pés o mundo, e desespera,
Semeador de sombras e quebrantos!»
Porém o coração, feito valente
Na escola da tortura repetida,
E no uso do penar tornado crente,
Respondeu: «D'esta altura vejo o Amor!
Viver não foi em vão, se é isto a vida,
Nem foi de mais o desengano e a dór.»

93. *O que diz a Morte*

«DEIXAE-OS vir a mim, os que lidaram;
Deixae-os vir a mim, os que padecem:
E os que cheios de magua e tedio encaram
As proprias obras vans, de que escarnecem...
Em mim, os Soffrimentos que não saram,
Paixão, Duvida e Mal, se desvanecem.
As torrentes da Dôr, que nunca param,
Como num mar, em mim desapparecem.»
Assim a Morte diz.—Verbo velado,
Silencioso interprete sagrado
Das cousas invisiveis, muda e fria,
É, na sua mudez, mais retumbante
Que o clamoroso mar; mais rutilante,
Na sua noite do que a luz do dia.

JOÃO DE DEUS

94. *A vida*

(*Fragmentos*)

I

FOI-SE-ME pouco a pouco amortecendo
A luz que nesta vida me guiava,
Olhos fitos na qual até contava
Ir os degráos do tumulo descendo.
Em se ella annuveando, em a não vendo,
Ja se me a luz de tudo annuveava;
Despontava ella apenas, despontava
Logo em minha alma a luz que ia perdendo.

Alma gémea da minha, e ingenua e pura
Como os anjos do céo (se o não sonharam...),
Quis mostrar-me que o bem bem pouco dura!
Não sei se me voou, se m'a levaram;
Nem saiba eu nunca a minha desventura
Contar aos que ainda em vida não choraram...

II

Ah! quando no seu collo reclinado,
Collo mais puro e candido que arminho,
Como abelha na flor do rosmaninho
Osculava seu labio perfumado;

Quando á luz dos seus olhos (que era vê-los,
E enfeitiçar-se a alma em graça tanta!)
Lia na sua bocca a Biblia santa
Escripta em letra côr dos seus cabellos;

Quando a sua mãosinha, pondo um dedo
Em seus labios de rosa pouco aberta,
Como timida pomba sempre alerta,
Me impunha ora silencio, ora segredo;

Quando, como a alvéola delicada,
E linda como a flôr que haja mais linda,
Passava como o cysne, ou como ainda
Antes do sol raiar nuvem doirada;

Quando em balsamo de alma piedosa
Ungia as mãos da supplice indigencia,
Como a nuvem nas mãos da Providencia
Uma lagrima estilla em flor sequiosa;

Quando a cruz do collar do seu pescoço
Estendendo-me os braços, como estende
O symbolo de amor que as almas prende,
Me dizia...o que ás mais dizer não ouço;

Quando, se negra nuvem me espalhava
Por sobre o coração algum desgosto,
Conchegando-me ao seu candido rosto
No perfume de um riso a dissipava;

Quando o oiro da trança aos ventos dando
E a neve de seu collo e seu vestido,
Pomba que do seu par se ia perdido,
Ja de longe lhe ouvia o peito arfando;

Quando o anel da bocca luzidia,
Vermelha como a rosa cheia de agua,
Em beijos á saudade abrindo a magua,
Mil rosas pela face me esparzia,—

Tinha o céo da minha alma as sete côres,
Valia-me este mundo um paraiso,
Distillava-me a alma um doce riso,
Debaixo de meus pés brotavam flôres!

Deus era inda meu pae; e emquanto pude
Li o seu nome em tudo quanto existe,
No campo em flor, na praia arida e triste,
No céo, no mar, na terra e...na virtude!

III

A vida é o dia de hoje,
A vida é ai que mal soa,

A vida é sombra que foge,
A vida é nuvem que voa;

A vida é sonho tam leve
Que se desfaz como a neve
E como o fumo se esvae:
A vida dura um momento,
Mais leve que o pensamento;
A vida leva-a o vento,
A vida é folha que cae!
A vida é flôr na corrente,
A vida é sôpro suave,
A vida é estrella cadente,
Vôo mais leve que a ave:
Nuvem que o vento nos ares,
Onda que o vento nos mares,
Uma após outra lançou,
A vida—penna cahida
Da asa de ave ferida—
De valle em valle impellida,
A vida, o vento a levou!

95. *Adoração*

A Fernando Leal

VI o teu rosto lindo,
Esse rosto sem par;
Contemplei-o de longe mudo e quedo,
Como quem volta de áspero degredo
E vê ao ar subindo
O fumo do seu lar!

Vi esse olhar tocante,
De um fluido sem egual:
Suave como lampada sagrada,
Bemvindo como a luz da madrugada
Que rompe ao navegante
Depois do temporal!

Vi esse corpo de ave,
Que parece que vae
Levado como o sol ou como a lua
Sem encontrar belleza egual á sua;
Magestoso e suave,
Que surprehende e attrae!

Attrae, e não me atrevo
A contempla-lo bem;
Porque espalha o teu rosto uma luz santa,
Uma luz que me prende e que me encanta
Naquelle santo enlevo
De um filho em sua mãe!

Tremo, apenas presinto
A tua apparição;
E se me approximasse mais, bastava
Pôr os olhos nos teus, ajoelhava!
Não é amor que eu sinto,
É uma adoração!

Que as asas providentes
Do anjo tutelar
Te abriguem sempre á sua sombra pura!
A mim basta-me só esta ventura
De vêr que me consentes
Olhar de longe!...olhar!

96. *Carta*

MARIA! ver-te á porta a fazer meia,
Olhando para mim de vez em quando,
E o que nesta vida me recreia.
Acordo até de noite, suspirando
Porque rompa a manhã e tenha o gosto
De te ver ja tam cedo trabalhando.
Desde pela manhã até sol-posto
Que tu não tens descanso um só momento;
Por isso tens tam bella côr de rosto!
E eu pállido, Maria! O pensamento
Não é trabalho que nos dê saude:
Esta imaginação é um tormento.
Que bello tempo aquelle emquanto pude
Levar, como tu levas, todo o dia
Nessa vida chamada ingrata e rude!
Nunca soube o que foi melancolia,
Nunca provei as lagrimas salgadas
Com que a nossa alma as penas allivia;
Andava, sim, por essas cumeadas
Ao sol, á chuva, muita vez, sósinho,
Vendo os valles das rochas escarpadas,
Descendo pelo córrego estreitinho,
De pontal em pontal cortando o matto
Pelas chapadas fóra de caminho;
Mas não era que ja o teu retrato
Me andasse a mim no coração impresso,
Onde hoje o trago no maior recato,
E um desengano teu, que não mereço,
Me tivesse tirado a fé tam doce
De alcançar algum dia o que appeteço.
Não foi, não, a paixão que assim me trouxe

Tam erradio a mim (digo a verdade
E nem eu to negava se assim fosse);
É que a gente na sua mocidade
Não cabe em si, não para de contente,
E assim fui eu na flor da minha edade.
Tu eras nesse tempo simplesmente
A flor que vae nascendo; e mais valia
Seres tam tenra ainda e innocente!
Ja esse lindo pé que tens, Maria,
Esse quadril tam largo e cinta estreita
Me não vinha á idéa noite e dia;
Esses encontros de mulher perfeita,
Esse peito redondo e arqueado
Como o de pomba farta e satisfeita!
Talvez vivesse então mais sossegado,
Ou, ja que a minha sorte é sempre triste,
Ao menos não andasse enfeitiçado!
Esse bello pescoço...não existe
Outro assim tornado! o rosto é lindo,
E a tam meiga expressão ninguem resiste!
A bocca é tam vermelha que em te rindo
Lembra-me uma romã aberta ao meio
Quando ja de madura está cahindo!
Esses olhos azues...que olhar! Receio
E desejo estar sempre a contemplá-lo;
Não ha mais dôce e mais custoso enleio!
Eu não ouso fallar então, nem fallo,
De enlevado que estou, e juntamente
Gemendo e abafando os ais que exhalo...
Oh nuvem da manhã resplandecente,
Manto real de seda delicada,
Cada fio um grilhão que prende a gente!
Bem podias, Maria! andar tapada

Só com o teu cabello, á semelhança
Do sol em nuvem de manhã dourada!...
É tudo encantador! A gente cansa,
Cansa de estar olhando e sempre vendo
Um novo encanto a cada olhar que lança!
E se essa linda voz nos sae dizendo
As mimosas palavras que costuma,
Sente-se a gente logo derretendo;
Que além de um rosto tam perfeito, em summa,
Coube-te em sorte um coração perfeito,
E em ti não ha, Maria, falta alguma!
Oh que ditoso, alegre e satisfeito
Não viverá o homem que algum dia
Sentir pular-te o coração no peito,
E que em deliciosissima agonia,
Vendo-te ja os olhos desmaiando
Como desmaia o céo á luz do dia,
Nas asas da ventura atravessando
Os espaços de um extase ineffavel,
Abraçado comtigo fôr voando
Lá para onde tudo é bello e estavel!

97. *Epitaphios*

I

Ao Dr. Theophilo Braga e sua Exma. Esposa para a campa dos seus filhos

NO jardim do coração
Nasceram-nos duas flôres;
Mas quasi ainda em botão
Desbotaram-lhes as côres,

E eil-as cahidas no chão...
Onde estão nossos amores,
E os nossos olhos estão!

II

Na Campa de Anthero de Quental

AQUI...jaz pó; eu não; eu sou quem fui:
Raio animado de uma luz celeste,
Á qual a morte as almas restitue.
Restituindo á terra o pó que as veste.

ANTONIO CANDIDO GONÇALVES CRESPO

98. *Mater-Dolorosa*

QUANDO se fez ao largo a nave escura,
Na praia essa mulher ficou chorando,
No doloroso aspecto figurando
A lacrymosa estatua da amargura.
Dos céos a curva era tranquilla e pura.
Dos gementes alcyones o bando
Via-se ao longe, em circulo, voando
Dos mares sobre a cérula planura.
Nas ondas se atufára o sol radioso,
E a lua succedêra, astro mavioso,
De alvôr banhando os alcantis das fragas...
E aquella pobre mãe, não dando conta
Que o sol morrêra, e que o luar desponta,
A vista embebe na amplidão das vagas.

99. *Alguem*

PARA alguem sou o lírio entre os abrolhos
E tenho as formas ideaes do Christo;
Para alguem sou a vida e a luz dos olhos
E, se na terra existe, é porque existo.

Esse alguem que prefere ao namorado
Cantar das aves minha rude voz,
Não és tu, anjo meu idolatrado!
Nem, meus amigos, é nenhum de vós!

Quando alta noite me reclino e deito,
Melancólico, triste e fatigado,
Esse alguem abre as asas no meu leito—
E o meu somno deslisa perfumado.

Chovam bençãos de Deus sobre a que chora
Por mim além dos mares! Esse alguem
É de meus dias a esplendente aurora,
Es tu, doce velhinha, oh minha Mãe!

ANTONIO NOBRE

100. *Ao cahir das folhas*

A minha irmã Maria da Gloria

PODESSEM suas mãos cobrir meu rosto,
Fechar-me os olhos e compôr-me o leito,
Quando, sequinho, as mãos em cruz no peito,
Eu me fôr viajar para o Sol-posto.
De modo que me faça bom encosto

O travesseiro comporá com geito.
E eu tam feliz!—Por não estar afeito,
Hei-de sorrir, Senhor, quasi com gosto.
Até com gosto, sim! Que faz quem vive
Orpham de mimos, viuvo de esperanças,
Solteiro de venturas que não tive?
Assim irei dormir com as crianças,
Quasi como ellas, quasi sem peccados...
E acabarão emfim os meus cuidados.

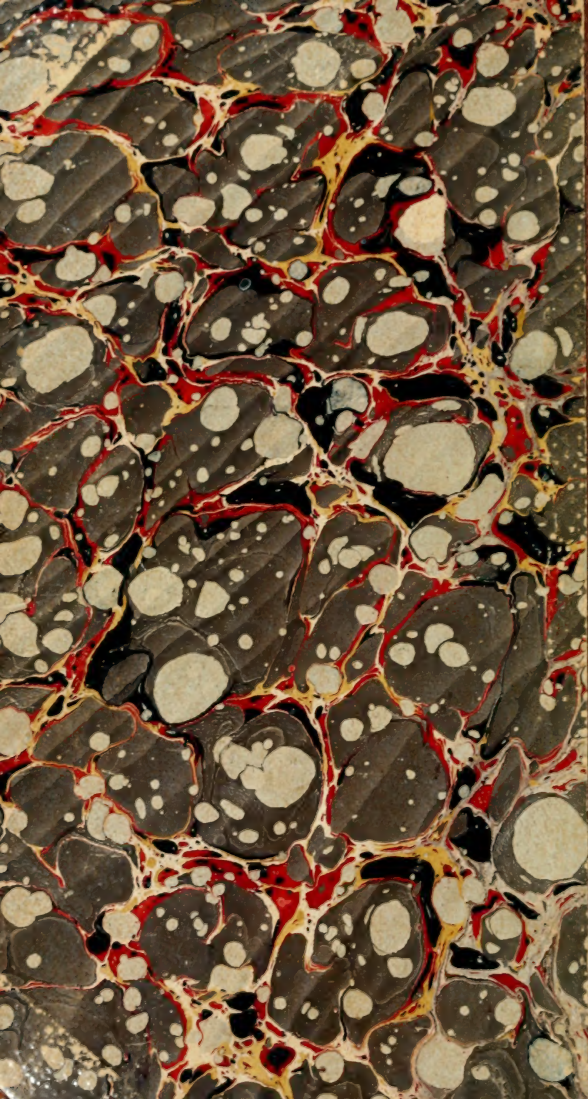
Fim

133731

LPor.C
M62lce

Michaëlis, Carolina (comp.)
As cem melhores poesias.

UNIVERSITY OF TORONTO
LIBRARY

Do not
remove
the card
from this
Pocket.

Acme Library Card Pocket
Under Pat. "Ref. Index File."
Made by LIBRARY BUREAU